



UNIVERSIDADE
ESTADUAL de LONDRINA

JEFFERSON LUIZ SCHAFRANSKI DA SILVA

O CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM LUDWIG FEURERBACH

JEFFERSON LUIZ SCHAFRANSKI DA SILVA

O CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM LUDWIG FEUERBACH

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Charles Feldhaus.

Londrina
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586c Silva, Jefferson Luiz Schafranski da.

O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach / Jefferson Luiz Schafranski da Silva. - Londrina, 2018.

99 f.: il.

Orientador: Charles Feldhaus.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, 2018.

Inclui bibliografia.

1. Feuerbach, Ludwig, 1804-1872 - Crítica e interpretação - Teses. 2. Alienação (Filosofia) - Teses. 3. Filosofia alemã - Teses. I. Feldhaus, Charles. II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título.

CDU 1(430)

JEFFERSON LUIZ SCHAFRANSKI DA SILVA

O CONCEITO DE ALIENAÇÃO EM LUDWIG FEUERBACH

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Charles Feldhaus
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. José Fernandes Weber
Universidade Estadual de Londrina - UEL

Prof. Dr. Rosalvo Schütz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná -
UNIOESTE

Londrina, 13 de abril de 2018.

A meus pais, irmãos e minha noiva.

AGRADECIMENTOS

Após dois anos de pesquisas no mestrado, gostaria de agradecer àqueles que me ajudaram durante esse tempo.

Agradeço, em primeiro lugar, a meus pais, Salete e Antônio, a meus irmãos, Marta e Marcos, e à minha noiva Juliana.

Agradeço aos meus professores, especialmente ao meu orientador, Prof. Dr. Charles Feldhaus, também ao Prof. Dr. Arlei de Espíndola, ao Prof. Dr. Eder Soares Santos, ao Prof. Dr. José Fernandes Weber, e ao Prof. Dr. Marcos Alexandre Nalli.

Agradeço também a meus amigos e colegas de curso, especialmente Ana Carolina Venancio Silva, Déborah Cristina Stagliano, e Emanuel Lanzini Stobbe. Agradeço também a outros amigos e colegas, entre os quais Thiago Pelogia, Marcos Vinícius Carvalho de Souza, Rafael de Barros e Ricardo da Silva Oliveira.

Por fim, agradeço à Universidade Estadual de Londrina, ao Departamento de Filosofia, e à Secretaria de Pós-Graduação do CLCH.

“O sofisma é, portanto, o erro,
em que alguém não aceita nenhuma outra religião,
além daquela que se fundamenta na teologia,
que pode ser considerada através da razão”

KANT, Immanuel. *Lições de Ética Paul Menzer*.
(Tradução de Charles Feldhaus, p. 108.).

SCHAFRANSKI DA SILVA, Jefferson Luiz. **O conceito de alienação em Ludwig Feuerbach**. 2018. 99 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo reconstruir concepção materialista de Feuerbach na obra *A essência do cristianismo*, em particular a concepção de alienação religiosa. A fim de explicar em que consiste uma abordagem adequada e inadequada à religião e à filosofia, Feuerbach trata da questão da essência do homem e, conseqüentemente o que aliena o ser humano, a saber, uma concepção equivocada do fenômeno religioso. A religião não deve ser entendida como um empreendimento abstrato, que trata de um ser existente independente do ser humano e fora dele. Esse texto também procura traçar algumas relações entre a concepção antropológica materialista do fenômeno religioso e suas implicações políticas. Assim como Hegel antes dele e Marx depois dele, Feuerbach desenvolve uma concepção filosófica que tem como um elemento central a ideia de um movimento dialético da práxis. Explicar essa dinâmica será um elemento importante na reconstrução da maneira como ele compreende a alienação religiosa, principalmente quando se trata da relação do ser humano material e real com a sua essência. Feuerbach entende que tratar de forma adequada o fenômeno religioso implica tratar do ser humano enquanto um ser em gênero ou espécie, razão pela qual esse estudo baseando-se na obra *A Essência do Cristianismo* e outras obras de Feuerbach procura reconstruir tanto o fenômeno da consciência moral alienada quanto da consciência moral não alienada. É importante ressaltar que a distinção não tem relevância apenas para a teologia e para a religião, mas também para a filosofia. Por conseguinte, o conceito de alienação, um conceito muito utilizado e discutido por Marx, possui em Feuerbach um papel muito importante, uma vez que serve como parâmetro inclusive de uma filosofia que trataria de forma mais apropriada tanto da consciência religiosa quanto de outros problemas da filosofia. Além disso, busca-se apresentar a função da crítica emancipatória do pensamento de Feuerbach, que compreende o ser humano como o ator ou agente ativo da realidade histórica.

Palavras-chaves: Alienação. Emancipação. Materialismo. Política.

SCHAFRANSKI DA SILVA, Jefferson Luiz. **The concept of alienation in Ludwig Feuerbach**. 2018. 99 p. Dissertation (Master's Degree in Philosophy) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2018.

ABSTRACT

This dissertation aims to reconstruct Feuerbach's materialist conception in *The Essence of Christianity*, particularly the conception of religious alienation. In order to explain what constitutes an adequate and inadequate approach towards religion and philosophy, Feuerbach deals with the question of the essence of man and consequently what alienates the human being, namely, a misconception of the religious phenomenon. Religion should not be understood as an abstract enterprise, that deals with a being existing independent of and outside of the human being. This dissertation also attempts to draw parallels between the materialistic anthropological conception of the religious phenomenon and its political implications. Like Hegel before and Marx after him, Feuerbach develops a philosophical conception that has as its central element the idea of a dialectic movement of praxis. Explaining this dynamic will be an important element in reconstructing of the way he understands religious alienation, especially when it comes to the relation of the material and real human being to its essence. Feuerbach understands that treating the religious phenomenon adequately involves treating the human being as a being in gender or species, which is why this study based on the work *The Essence of Christianity* and other of Feuerbach's works seeks to rebuild the phenomenon of moral conscience as well as the alienated moral consciousness. It is important to emphasize that the distinction is not only relevant to theology and religion, but also to philosophy. Therefore, the concept of alienation, a concept widely used and discussed by Marx, has in Feuerbach a very important role, since it serves as a parameter also of a philosophy that would treat more appropriately both religious consciousness and other problems of the philosophy, although not always easy, given the thinker's style of writing to understand how this should occur. In addition, it seeks to present the function of the emancipatory critique of Feuerbach's thought, which comprises the human being as the actor or agent of historical reality and not only as passive, which could be understood from a merely idealistic approach such as the Hegelian, against which he positions himself to a great extent.

Keywords: Alienation. Emancipation. Materialism. Politics.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. O CONCEITO DE ESSÊNCIA HUMANA EM FEUERBACH.	17
1.1 O QUE É A CONSCIÊNCIA?	28
1.1.1 O homem em Gênero	34
1.1.2 A consciência de si	37
1.1.3 A dualidade entre consciência de si e do outro	39
1.2 A TRÍADE DA CONSCIÊNCIA: RAZÃO, CORAÇÃO E VONTADE	41
1.2.1 O princípio da Razão	43
1.2.2 A Fonte do Coração.....	46
1.2.3 A Vontade como Manifestação Humana.....	48
2. A FONTE DA ALIENAÇÃO PARA FEUERBACH	52
2.1 A CRÍTICA AO IDEALISMO HEGELIANO	56
2.2 O CONCEITO DE <i>RELIGIÃO</i> ENQUANTO INSTITUIÇÃO EM FEUERBACH.....	69
2.3 A <i>ESSÊNCIA HUMANA</i> EXTERIORIZADA, O MISTÉRIO DO HOMEM	81
2.4 O CONCEITO DE <i>ALIENAÇÃO</i> , A PARTIR DA PRECEDENCIA DO CONCEITO ENTRE FEUERBACH E O JOVEM MARX	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95

INTRODUÇÃO

Pensar e explicar o homem têm sido a tarefa da filosofia ao longo de sua história. Sócrates, Descartes, Kant não deixaram de se dedicar a essa questão. Kant, inclusive, parecia entender que as suas três principais questões (o que posso saber, o que devo saber e o que posso esperar?) se resumiam à questão: o que é o ser humano? Desse modo, se pode dizer que as preocupações de cunho antropológico nunca foram completamente avessas ao próprio filosofar, mas foram colocadas, desde Sócrates, no centro da própria reflexão filosófica, embora aquilo que se costuma chamar de antropologia tenha sido surgido apenas no século XIX.

Ludwig Andreas Feuerbach (1804-1872), um pensador alemão do começo do século XIX possui grande relevância à discussão relacionada ao homem no pensamento filosófico em geral e ao pensamento contemporâneo. Estudar a concepção filosófica de Feuerbach tanto no seu contexto histórico quanto a sua relevância ao pensamento filosófico que lhe sucedeu consiste num trabalho árduo, contudo, não irrelevante para entender o processo que levou ao pensamento filosófico contemporâneo assim como para contemplar uma estratégia distinta de abordar as questões filosóficas, uma vez que a crítica de Feuerbach a maneira como se fazia teologia e filosofia coloca perspectiva antropológica no centro da reflexão filosófica. Por isso, dedicar-se a melhor compreender seu pensamento pode lançar alguma luz até mesmo ao modo como certas questões filosóficas são abordadas atualmente ou ao menos a respeito da gênese do que entendemos por contemporâneo. Feuerbach coloca a questão da religião e da própria filosofia à luz das indagações antropológicas. Ele destranscendentaliza a própria figura divina e a transforma num produto da própria atividade humana.

Feuerbach é um pensador ainda pouco estudado, ao menos no Brasil, e nem sempre muito bem apreciado, principalmente por aqueles que conhecem seu pensamento apenas a partir do que é dito em *A Ideologia Alemã* - nas *Teses sobre Feuerbach* de Karl Marx. Todavia, é inegável que Feuerbach desenvolveu uma longa produção filosófica a partir de uma perspectiva eminentemente materialista que se apresentou como uma forte crítica da maneira como se compreendia a religião e a própria filosofia até então. Quanto a isso, é de suma importância o papel da perspectiva antropológica na constituição da nossa concepção de religião e a

noção de ser humano não enquanto indivíduo, mas como um ser em gênero tal como ele desenvolve na obra *A essência do cristianismo*.

Pode-se sustentar, sem medo de exagerar, que a maneira como Feuerbach aborda as questões de filosofia e religião à luz de uma concepção antropológica materialista, rompe com toda a tradição existente sobre tais questões. Ou seja, sua filosofia constitui um tipo de ruptura do pensamento filosófico e teológico até então vigente. A filosofia idealista e especulativa hegeliana exerceu grande influência no período que antecede o pensamento de Feuerbach. A filosofia crítica de Kant ainda exercia bastante influência no contexto filosófico alemão. O materialismo desenvolvido por Feuerbach é uma concepção naturalista do homem. Desse modo, poderíamos defender que, a partir de Feuerbach, uma perspectiva filosófica que situa o próprio ser humano no cerne da reflexão filosófica na sua condição natural material entra em vigor.

Feuerbach coloca no centro de sua reflexão filosófica a questão a respeito de como se deve compreender o ser humano: como se deve entender o ser humano tanto em sua completude, quanto em sua carência. A explicação que Feuerbach oferece do ser humano, procura mostrar como se desenvolve uma compreensão adequada e uma concepção equivocada do próprio ser humano. Na construção de uma concepção mais adequada do que seria o homem de uma forma mais materialista e naturalista, Feuerbach se devota a explicar a formação da crença religiosa e do processo de alienação religiosa do ser humano. Ele procura mostrar ao homem seu papel no processo de formação da autoconsciência e particularmente da autoconsciência religiosa, sendo este papel um papel estritamente ativo.

Quando, ao longo de sua construção filosófica de homem, nosso autor promove o entendimento de gênero humano, ele é o primeiro a pretender uma explicação de homem real, material e completo consciente de sua condição humana, material, natural e finita. Feuerbach constrói uma explicação de homem voltada para que o homem seja capaz de se entender como ser natural, como um ser finito, como um ser que deve estar em concordância com a natureza, uma vez que o mesmo é fruto dela. Para tanto, ele acaba por construir uma explicação que tem por objetivo demonstrar para o homem que o mesmo não necessita de uma explicação abstrata para sua essência, uma vez que ela é fruto de uma existência material.

O que Feuerbach pensa e potencializa em sua produção filosófica é, qual o motivo causador da alienação do homem, ou seja, o motivo pelo qual o homem não

é capaz de reconhecer sua essência. Feuerbach, ao longo de sua filosofia - e, por conseguinte, o objeto central desta dissertação - demonstra a condição que o homem se impõe em se colocar como superior frente à natureza. Nesse sentido, a questão que se torna o cerne da discussão feuerbachiana é o fato de Feuerbach desenvolver uma explicação nova de homem: explicação esta que está voltada para a condição natural do homem. Para Feuerbach, seus predecessores falharam no processo de explicação do homem, justamente por não considerarem a natureza como ponto de partida, e concomitantemente como cenário central para esta explicação de homem.

Seus predecessores não completam o processo de explicação da superação da alienação do homem, ao passo que eles não percebem assim como Feuerbach o caráter negativo da religião. Embora Kant reconheça o caráter negativo e alienante que a religião possui, ele ainda aceita a possibilidade da existência de um Deus transcendente como explicando ao menos a questão da motivação de se agir de forma moral (a imortalidade da alma e a existência de Deus são postulados da razão prática em Kant), mesmo que não aceite o temor a Deus ou coisa semelhante, uma vez que é contra toda heteronomia da vontade, desse modo se poderia dizer que Kant ainda aceita algum tipo de explicações abstratas sobre o homem, algo que é extremamente combatido por Feuerbach. Além disso, Kant na filosofia teórica desenvolve um pensamento em que explica o processo cognitivo humano com base na noção de um sujeito transcendental. Numa concepção abstrata de formação da identidade do sujeito que conhece. Ao passo que a filosofia feuerbachiana se constrói na contramão de tal pensamento, não aceitando, por sua vez, nenhuma forma de explicação abstrata ou metafísica sobre o homem. Cabe ressaltar também a filosofia hegeliana que se constrói e fundamenta em concomitância com a teologia, onde o próprio Hegel reconhece que o único objeto da verdade é Deus.

Para Feuerbach explicar o homem, é um processo que necessita contemplar algo indispensável, que é a condição material natural finita do homem. Ou seja, fundamentar a explicação de homem para Feuerbach só é possível quando não se leva em consideração nenhuma fonte abstrata ou metafísica para esse processo. Levar em consideração tais formas e fontes de explicação, só produz no homem esse sentimento de auto realização e autoimposição frente à natureza, fomentando assim a necessidade que o mesmo possui de produzir explicações lógicas e

ordenadas para tudo, fazendo com que o homem sinta a necessidade de se impor como superior a natureza, ocorrendo aí o principal erro para Feuerbach.

O homem tem em si essa necessidade de compreensão lógica de sua existência, um dos motivos que Feuerbach chega discordar de Hegel. Porém em Feuerbach, tem-se um pensamento que explora a construção material da explicação de homem. Feuerbach postula uma compreensão que envolve a condição existencial material de homem, voltada para uma explicação não egoísta do homem em conformidade com a natureza. Quando tal preocupação egoísta do homem se dá, ao explicar a natureza de forma ordenada, isso acaba por desenvolver no homem um processo da imaginação humana. Em sua obra *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach destaca o caráter negativo que a imaginação, desenvolvida a partir de uma fonte que é o egoísmo humano, produzindo no homem esta força que é a alienação. Aquilo a que Feuerbach se dedica em sua construção filosófica é, apresentar, por meio da crítica que o mesmo faz da religião, que mais importante que o homem se perceber como ser superior a natureza, com uma explicação lógica e ordenada sobre si e sobre sua existência, é de extrema importância para o homem se perceber como ser de harmonia e dependência com a sua condição material.

O objetivo desta dissertação é reconstruir a maneira como Feuerbach compreende a essência humana na obra *A essência do Cristianismo*, e como certa forma de compreensão da essência humana distancia o homem de sua própria essência. Esse tipo de compreensão da essência humana, que afasta o homem de si mesmo, consiste num tipo de alienação do ser humano de si mesmo, que expressa-se na alienação religiosa. A essência humana em nosso pensador tem por fonte a própria consciência humana, que é a consciência de si enquanto ser natural e material. A alienação desta consciência, ou mesmo desta essência, é a condição que o homem se impõe na tentativa egoísta de se colocar acima da natureza - e não em harmonia com ela -, de maneira a se impor como um ser superior à própria existência natural, onde ele desenvolve uma explicação abstrata para esta explicação de si.

A filosofia de Feuerbach tem como foco esclarecer que o homem nada mais é que sua condição existencial na natureza. A filosofia feuerbachiana circula na questão de o homem ser capaz de reconhecer-se na sua condição genérica. Aquilo que Feuerbach vai descrever em sua filosofia como o gênero humano nada mais é

do que a essência humana, percebida pelo homem como uma coisa que se produz no homem, enquanto um estado natural do humano, e não como uma força abstrata que se desenvolve no homem como uma oportunidade dada por uma força sobrenatural.

O ponto chave da filosofia de Feuerbach é destacar o homem como um ser capaz de se perceber dentro de uma realidade sua, sem a influência de uma concepção abstrata (algo tão defendido no período moderno). Em outras palavras, a relevância e contribuição do pensamento de Feuerbach para a perspectiva de homem consistem na atenção dada pelo autor à condição material natural do homem, onde se torna possível, pela primeira vez, a partir de Feuerbach, uma formulação da compreensão de homem pautada na natureza. Porém, pensar o homem a partir da natureza é algo que já havia sido feito antes, como por exemplo, em Espinoza. Todavia em Feuerbach pela primeira vez não se coloca o homem como senhor da natureza, mas sim em determinados casos e situações até mesmo o contrário, sendo a natureza senhora do homem, ou no máximo existindo uma relação de equivalência e, em momento algum, uma superioridade do homem.

Para Feuerbach, o homem não domina a natureza, mas sim o contrário: a principal condição a ser percebida pelo homem, segundo nosso autor, é que justamente o homem é ser dependente da natureza e não dominador e controlador da mesma. Sem a natureza, o homem não é nada. De fato, para Feuerbach, o homem nem existiria sem a mesma. Portanto, a significância de Feuerbach se constrói nesta formulação de um pensar o homem exatamente a partir de suas limitações, e não postular um entendimento de homem que supera essas então limitações, como era pensado até então. Procurar entender e explicar o homem para além dessas limitações, que são elas peculiares ao homem, promoverá neste homem a alienação tão combatida por Feuerbach, e é objeto desta dissertação.

Cabe ressaltar que Feuerbach está inserido em uma tradição revolucionária burguesa, que foi iniciada no século anterior - a saber, século XVIII -, principalmente na França, com nomes como, por exemplo, Rousseau. Porém, ainda na Alemanha de sua época possui um caráter pioneiro, e que o mesmo vive em um período no qual a concepção de filosofia especulativa de Hegel ganha cada vez mais predominância no cenário filosófico, embora esse contivesse um pensamento ainda extremamente abstrato. Desta forma, temos em nosso pensador alguém que luta contra uma tradição: contra uma determinada forma de fazer filosofia, que era então

dominante e, pior ainda, um período quando até mesmo por questões de sanções a determinadas posições a respeito da religião e da concepção de estado, não era valorizada, para não dizer até mesmo excluída do espaço formal da pesquisa universitária. Nesse período na Alemanha, não era incomum grandes pensadores perderem sua cátedra na universidade por suas convicções religiosas ou políticas.

Para Feuerbach, o grande problema da concepção filosófica de Hegel, se encontra em não considerar o ser humano como um ser natural no seu processo de reconhecimento. O que Feuerbach critica em Hegel é a sua inversão do processo de desenvolvimento do entendimento de homem, situando a natureza numa posição de submissão ao espírito humano e não o contrário. Em Feuerbach é a consciência e a essência fruto da condição natural, material, existencial humana. Os aspectos naturais e materiais do ser humano formam a consciência humana. Pensar o homem em gênero, para Feuerbach, é pensar o homem desligado de todas as condições abstratas que a história da filosofia, até ele, desenvolveu, voltando à atenção para aquilo que segundo ele é o mais importante, a condição material-natural extremamente antropológica de homem.

Desta forma, em Feuerbach destaca-se o entendimento de um homem, que assim como Marx, como um ser que se explica dentro da condição natural material. A proposta de Feuerbach consiste em esclarecer, que a maior preocupação do homem, deve ser o entendimento que o mesmo necessita ter em relação com a realidade. Isto é, aquilo que se pretende nesta dissertação, entre outros objetivos, é a compreensão que o homem precisa ter para com relação à natureza, ou seja, o homem é um ser natural, um ser real e finito. Visto isso à explicação do homem provém desta sua harmonia com a natureza que é algo que não possui um ordenamento racional e lógico, mas sim possui um funcionamento material, real e cíclico - entendendo-se cíclico como um processo natural da natureza.

Partindo deste pressuposto Feuerbach trata do principio alienação e, da existência de órgãos opressores na sociedade que causam a alienação política dos indivíduos. Feuerbach defende que um destes órgãos é a religião vista como instituição. Quando ele então apresenta, em sua obra *A Essência do Cristianismo*, que quem é feito à sua imagem e semelhança é Deus por parte dos homens - e não o contrário -, assim, então, o homem objetiva em Deus a sua perfeição, pois a essência humana consiste na união da tríade entre razão, amor e vontade, que são condições humanas e naturais, que partem da natureza e sua constituição natural.

A grande questão levantada por nosso referido autor, é que o homem precisa entender o fato de que ele é um ser natural e real, que possui sua estrutura e explicação dentro da natureza e, ainda, que o homem deve possuir a capacidade de perceber essa essência como algo natural: isto é, da natureza, porque aí se torna possível o entendimento do gênero humano. Afirma Feuerbach:

Conhecemos para conhecer, amamos para amar, queremos para querer, i.e. para sermos livres. A essência verdadeira é a que pensa, que ama, que deseja. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo. Assim é o amor, assim é a razão, assim é a vontade. A trindade divina no homem individual é a unidade de razão, amor e vontade (FEUERBACH, 2013, p. 36).

O que o homem, necessita perceber é que a razão humana só se produz em correlação com os outros atributos humanos - a saber, coração e vontade, sentir e querer. Enquanto a consciência não for construída a partir dessa correlação entre estes atributos, o homem continuará a produzir seres e explicações sobrenaturais, que de nada servem para que o homem consiga acesso a sua verdadeira essência, aquilo que em Feuerbach é algo material, não sendo, uma força espiritual ou mesmo ideal (para fazer uso da concepção idealista, tão criticada por nosso autor), mas sim algo que brota da própria natureza, que é por sua vez a fonte do gênero humano.

Tal colocação levou o jovem Marx a se interessar pelo posicionamento histórico-crítico acerca do homem. Mesmo que posteriormente esse mesmo pensador venha a se afastar de Feuerbach, criticando-o, ele foi sem sombra de dúvida um dos pensadores que mais influenciou o pensamento de Marx, principalmente no que diz respeito àquilo que ficará conhecido como o materialismo-histórico dialético.

Desta maneira, Marx quando defende de forma dura, incisiva e implacável a quebra com os grilhões da alienação, que são aquilo que fazem do homem um ser incompleto, comunga com seu predecessor e contemporâneo sobre a necessidade de o homem se perceber como ser em gênero e não apenas como indivíduo isolado e imperfeito que precisa recorrer a um ser maior. Ou ainda, que o homem não precisa idealizar um ser completo e infinito, para que possa justificar a necessidade que este ser falho (o homem) possui. Um ser que não partilha da tríade que Feuerbach desenvolve em sua teoria para justificar o homem em gênero, sendo um ser que se constrói e se explica dentro de sua finitude natural.

Dotado dessa capacidade - que é o que define o homem enquanto homem -, ele é, então, capaz de se perceber inclusive como objeto de seu pensar, e a essência humana se define desta maneira. O homem necessita da compreensão de sua essência para que se torne possível à percepção de seu gênero que é aquilo que o faz se diferenciar dos outros animais, a consciência. Quando Feuerbach apresenta que o homem se define pela sua capacidade de obter religião, ele está apresentando a objetivação do homem para consigo mesmo.

Compete, neste momento, do texto, esclarecer a importância de tal problematização filosófica, e que tal dissertação não possui a pretensão de impor uma nova perspectiva sobre a compreensão de homem dentro do materialismo filosófico. A dissertação circunda apenas na necessidade de elucidar o entendimento de homem como ser em gênero, partindo da filosofia de Ludwig Feuerbach. Cabe ainda destacar que esta problemática não se encerra com este dissertação, mas sim que esta dissertação é meramente um ponto de partida para esta elucidação acerca do entendimento sobre a consciência e a própria essência, a partir da postura assumida por Feuerbach.

Desta forma, essa dissertação se divide em dois capítulos: no primeiro capítulo, será tratada da questão de como se constrói, e ainda, de como é possível o homem identificar sua essência, sendo isso tarefa da consciência que se promove de maneira estritamente natural e material no homem. Para tanto, estando no primeiro capítulo a apresentação da essência do homem, e ainda como o mesmo tem acesso a ela, o segundo capítulo desta dissertação aborda a questão da alienação, isto é, descreverá o que, em Feuerbach, é o fator alienante no homem, aquilo que faz com que o homem perca, ao longo de sua existência, contato com essa sua essência, passando a reconhecê-la a partir de fora e de maneira alguma a partir de si.

1. O CONCEITO DE ESSÊNCIA HUMANA EM FEUERBACH

Ludwig Andreas Feuerbach, pensador alemão do século XIX, desenvolve, ao longo de sua produção filosófica, uma concepção teológica e filosófica voltada para a compreensão do homem enquanto um ser integral dentro de pressupostos e atributos de caráter extremamente humanos em contraposição a concepções abstratas. Para tanto, elabora uma proposta filosófica com características antropológicas, as quais direcionam sua proposta de maneira a salientar e especificar a necessidade de uma explicação antropológica do que seja e como se desenvolve a consciência e o que se poderia chamar da essência humana, quais seus atributos e ainda o porquê ser necessário tratar sobre a essência humana. Uma compreensão adequada de como se desenvolve e de que seja a essência humana é uma etapa fundamental na identificação do método adequado de se fazer teologia e filosofia. Uma vez que se parte de uma concepção abstrata e transcendente do que seja Deus e do que seja o ser humano, se é levado a desenvolver também uma concepção teológica e filosófica inadequada. É inadequada porque o ser humano material é separado de sua essência e se aliena de si mesmo.

A grande novidade do pensamento de Feuerbach, que vale destaque, é a condição que o homem deve se impor frente ao mesmo homem, no sentido que o mesmo possa se identificar como homem real, material e completo. O que Feuerbach tem como preocupação e, por conseguinte, o que se pretende neste momento, é explicar como funciona a concepção de homem, e ainda, como essa concepção acontece no homem de forma prática e não de maneira contemplativa, erro que o mesmo aponta ter sido cometido por seus antecessores, em especial por seu mestre - a saber, Hegel.

Neste sentido, o que se pretende na proposta feuerbachiana é justamente a compreensão, ou até mesmo uma tentativa de explicação, sobre o que é de fato o homem, o que o compõe e, o que o estrutura. A preocupação filosófica de Feuerbach está direcionada para a compreensão da estruturação do homem integral e completo, que é aquilo que ele define como ser em gênero, e em contrapartida também se preocupa em definir o que é aquilo que distancia o homem desta sua integridade que se define por essência.

Assim sendo, a discussão que o autor desenvolve se direciona para a fundamentação daquilo compreendido como essência humana, uma vez que esta

mesma essência deve estar fundamentada na própria concepção do homem real constante e material. O que se apresenta como objetivo nesta proposição é de fato a necessidade de uma posição materialista e antropológica sobre a compreensão de homem completo, integral e, por conseguinte, o motivo da cisão com esta integridade.

Consequentemente a tal proposta, Feuerbach desenvolve sua concepção de ser humano como uma crítica à posição hegeliana do homem. Hegel, em contrapartida a uma proposta do homem completo e integral, projeta uma análise sobre o homem dentro da realidade a qual este mesmo é agente reconhecedor de sua capacidade de agir, e reconhecedor da capacidade de ser o humano. Cabe neste momento ressaltar que, Feuerbach tem como objetivo inicial apresentar um contra-argumento frente à explicação hegeliana da produção da consciência. Ou seja, ele busca salientar que a produção da consciência tem sua fonte no real, no material, ou melhor dizendo, para o nosso pensador, a preocupação circula no fato de que, segundo ele, a consciência tem seu fundamento na própria realidade humana. Isto é, posto em oposição à posição dialética de Hegel - não reconhecida pelo nosso autor como ponte para a explicação filosófica. A dialética hegeliana, para nosso autor, representa um erro justamente porque produz um movimento dialético e uma explicação no sentido da negação e contradição, de maneira a produzir uma explicação da então consciência fundamentada no processo especulativo do idealismo alemão.

O pensamento do nosso filósofo se compõe dentro de uma compreensão do homem voltada exclusivamente para a própria condição humana. O que Feuerbach propõe como explicação do homem integral é a quebra com uma teologia que explica o homem, ou mesmo tenta explicar o homem, de forma ideal. A comentadora Alice Aleixo destaca: “Feuerbach visa à dignificação do homem como ente real e concreto, como um ser integral não dividido entre Deus no céu e César na terra. É preciso que o homem se lance na realidade, de corpo e alma, na unidade que lhe é adequada (ALEIXO, 2009, p. 5).” Aquilo que Feuerbach apresenta como proposta de explicação sobre o homem integral é uma discussão quase que ontológica do ser real. Dizendo de outro modo, a filosofia deste autor se explica a partir da tentativa de compreender o homem completo enquanto ser, porém este ser entendido como um ser real. Ou seja, a necessidade que se apresenta em Feuerbach é de explicar como

o homem deve ser compreendido enquanto ser essencial, e como o mesmo tem acesso a esta essência que lhe é sua.

Na caracterização do homem integral, ou como se apresenta homem genérico, Feuerbach mostra a preocupação em esclarecer que o homem precisa da conexão com sua essência para que seja possível que se identifique enquanto ser real dentro da realidade humana. A preocupação de Feuerbach está em explicar como este processo de conexão com a essência funciona, e ainda em explicar qual a necessidade que o homem tem de se reconectar com esta essência que lhe foi cindida. Aquilo que se justifica neste momento é esclarecer porque Feuerbach se opõe ao idealismo, propriamente o de Hegel, e como nosso pensador se posiciona frente a condição e necessidade que o homem possui de primeiro compreender sua essência como sendo sua, e depois compreender e perceber que ele precisa estabelecer uma reconexão com esta essência. Num sentido que, para Feuerbach, a compreensão da essência humana não finda apenas na explicação da mesma, mas por sua vez na prática que deve se construir a partir deste processo de reconexão.

O que Feuerbach questiona, na posição hegeliana de dialética, é o caráter contraditório, que não produz na visão do nosso autor, um posicionamento suficiente para a compreensão da estruturação e da explicação da consciência humana. Para Feuerbach, a dialética tem como motor a autotransformação reflexiva de maneira prática e não puramente especulativa, assim como ele denuncia acontecer por parte de Hegel. Feuerbach já se posiciona contrário à posição hegeliana, em uma carta enviada a Hegel junto com sua dissertação doutoral, onde nosso pensador postula uma cisão com a filosofia especulativa hegeliana:

[...] Igualmente pela consciência de que as ideais produzidas ou despertadas em mim por meio de você e expressadas em sua filosofia não ficam acima do sensível e do fenômeno em geral, mas continuam a agir de forma criativa. [...] e, também, essa dissertação minha, pelo menos em geral, e embora de forma que com enorme imperfeição, imprecisão grosseira, ainda não saiba como render-se do abstrato, traz em si o traço de uma forma de filosofar que poderia ser chamado de realização e a mundanização da ideia, a assarkosis ou a encarnação do puro logos. Esta consciência, portanto, independentemente das deficiências do meu trabalho, sentidas e reconhecidas por mim mesmo, me dá coragem de enviar esse meu trabalho. Da mesma forma, estou firmemente convencido de que essa maneira de filosofar que, embora ainda não liberada ou desvinculada de mim mesmo, apareça apenas nessa obra em estouros, que existe no meu interior ainda como no processo de tornar-se e que, pelo menos através de mim, nunca leva à existência e a uma conformação completa, está na época, ou (o que é o mesmo) está baseada no espírito da filosofia moderna e até mesmo o mais contemporâneo, surge desse mesmo espírito (FEUERBACH, 1993, p. 9, tradução nossa).

Feuerbach tem por objetivo a contrariedade frente ao seu mestre num sentido de apresentar que a fonte da consciência está no próprio humano. Embora, vale a ressalva que neste momento Feuerbach ainda não desconsidera como um todo a proposta hegeliana, mas, pelo contrário, ainda dá créditos a seu mestre. Ainda assim, já esboça sua postura anti-idealismo e, neste sentido, Gooch Todd especifica em um de seus textos qual a postura que Feuerbach assume para sua proposta filosófica acerca da explicitação do homem e da sua essência e, porque o mesmo pensador assume uma proposta divergente da de Hegel:

O que Feuerbach, ao contrário de Strauss, nunca aceitou é a caracterização do Cristianismo de Hegel como a religião consumada e clara, a partir do conteúdo de uma carta que ele enviou para Hegel, juntamente com a sua dissertação em 1828. Nesta carta, ele identificou a tarefa histórica que permanece na esteira de realização filosófica de Hegel a ser o estabelecimento da 'única soberania da razão' em um 'reino da ideia' que iria inaugurar uma nova dispensação espiritual. Prenunciando argumentos apresentados em seu primeiro livro, Feuerbach passou nesta carta para enfatizar a necessidade de 'o eu, o auto em geral, que especialmente desde o início da era cristã, tem governado o mundo e tem o pensamento de si como a único espírito que existe em tudo, derrubado do seu trono real.' Este, ele propôs, exigiria maneiras prevalentes de pensar sobre o tempo, a morte, neste mundo e no além, a individualidade, personalidade e Deus para ser radicalmente transformado dentro e fora das paredes da academia (GOOCH, 2013, tradução nossa).

A necessidade identificada por Feuerbach em propor uma crítica frente à filosofia de Hegel, e posteriormente, este distanciamento que ocorre entre os dois está fundamentado na questão que Feuerbach define como a falta de uma postura propriamente material por parte de Hegel. O que fortalece o distanciamento, e a consequente formulação de uma teoria autêntica por parte de Feuerbach, é a condição exposta pelo pensador sobre a postura tomada por Hegel na condição do idealismo. Hegel chega a postular uma análise essencial do homem, o problema, indica Feuerbach, é que Hegel acaba por fazer isso de forma especulativa e não de maneira efetiva e temporal. Feuerbach declara que a proposta hegeliana acerca daquilo que o próprio Hegel intitula espírito, é uma proposta que não passa por uma efetivação, uma vez que, o espírito não se reconhece dentro de uma condição real. De tal maneira evidenciado que o mesmo Feuerbach assim comenta em um de seus textos, intitulado "*Para a crítica da filosofia de Hegel*":

O espírito de Hegel é *lógico*, determinado, (*sit venia verbo* [se me é assim permitido]) um espírito *entomológico*, isto é, um espírito que só encontra o seu local apropriado num corpo com muitos membros salientes, com incisões e segmentações profundas. Esse espírito revela-se principalmente na sua intuição e tratamento da história. Hegel fixa e expõe unicamente as diferenças mais salientes das diversas religiões, filosofias, épocas e povos, e fá-lo apenas numa progressão ascendente; o comum, o igual é inteiramente relegado para segundo plano. A própria forma de sua intuição e método é apenas o *tempo* exclusivista, e não simultaneamente o *espaço* tolerante; o seu sistema só reconhece *subordinação e sucessão*, mas desconhece coordenação e coexistência (FEUERBACH, 2012, p. 24).

Esta intuição que faz parte do método hegeliano, que aparece claramente nas suas primeiras e principais obras - a saber, *Ciência da Lógica e Fenomenologia do Espírito* -, destaca o carácter puramente idealista do espírito, de maneira a salientar apenas a concepção de um espírito determinado e de forma alguma uma concepção de espírito essencial. O que Feuerbach aponta como sendo o erro de Hegel é o tratamento meramente histórico dado à construção do espírito, sem levar em consideração aquilo que Feuerbach reconhece como parte estruturante e fundamental da construção da essência, esta parte estruturante seria a condição de material sentimental e sagrado. A produção histórica do ser, ou ainda da essência, acontece para Feuerbach não em um aspecto puramente contemplativo como em Hegel, mas acontece contrariamente de maneira real e dialética, esta dialética podendo ser entendida pela forma socrático-platônica de diálogo, algo a ser elucidado adiante.

Feuerbach não reconhece a contrariedade dialética como fonte da existência e da essência, uma vez que a contrariedade que a mesma propõe não fundamenta para Feuerbach a identidade do ser em gênero. O comentador Eduardo Chagas salienta muito bem na apresentação da obra "*Para a crítica da filosofia de Hegel*" de Feuerbach: "Feuerbach nega aqui, em sua crítica a Hegel, essa identidade lógica de ser e pensar, pois, para ele, apenas o ser concreto, real, sensível, é ser, porquanto em seu conceito está já implícito o conceito de existência, de determinidade de realidade e/ou objetividade" (CHAGAS, 2012, p. 14). Cabe ressaltar que a contrariedade frente à produção hegeliana, se apresenta no sentido de justificar o porquê de o idealismo propriamente de Hegel, com sua proposta lógica, não completa a explicação do homem completo, pois isto só pode acontecer quando se pensa um ser concreto e puramente sensível, dotado de atribuições completamente sensíveis. Todavia, o nosso pensador acaba por não desconsiderar a prática

dialética, mas sim desconsidera a teoria hegeliana dialética. Nesse sentido, Marx Wartofsky assim postula no *Prefácio* de sua obra intitulada *Feuerbach*:

Feuerbach rejeitou a teoria dialética de Hegel. Na crítica sua a seu mestre Feuerbach descobriu o que tinha visto como a confusão básica na aplicação de Hegel. Mas Feuerbach não rejeitou a prática da dialética. De fato, alguém pode dizer que o próprio curso e desenvolvimento de Feuerbach nos fornece não somente com sua própria descrição da dialética da consciência, mas com uma descrição da dialética de sua própria consciência, o que igualmente deslumbrante. Para o desenvolvimento de Feuerbach proceder como uma série de auto-rejeições e reconstruções. Faz, no entanto, não um monólogo interno, mais um diálogo. Feuerbach se descobre no curso de sua crítica à religião e a filosofia. E assim que nós o descobrimos também no detalhe esforço de seu pensamento emergente (WARTOFSKY, 1982, p. 7, tradução nossa).

Nesse contexto, salienta-se a postura assumida por Feuerbach sobre uma concepção prática do homem, contrária à posição idealista. A postura assumida por Feuerbach se apresenta como a condição de reconhecer para si um movimento que se identifica por dialética. A dialética feuerbachiana se afirma como um diálogo dentro da reconstrução da essência humana, que se salienta a partir do diálogo, diálogo este que, segundo nosso autor acontece por parte da consciência. A consciência tem a condição de postular sua própria identificação, que é algo que só acontece no fundamental deste diálogo. Este diálogo é algo que acontece de maneira a despertar no homem, esta conversa consigo mesmo, na tentativa de auto reconhecimento. A dialética feuerbachiana, que se transforma em um realismo e materialismo frente ao idealismo, se transformam na contrapartida de uma posição de Hegel, que desconsidera a condição do humano enquanto ser real.

Para Feuerbach, o processo dialético ocorre justamente na composição deste diálogo interno, que propõe um reconectar por parte do humano, consigo mesmo - de tal forma que a dialética em Feuerbach se assemelha a dialética marxista, quando Feuerbach tem por objetivo explicar a consciência, ressaltando que isso em nosso autor acontece de maneira a produzir um processo, muitas vezes, interno de descoberta e redescoberta. Cabe ressaltar que em Feuerbach este diálogo não é apenas interno, mas também se constrói de modo externo, algo que será explanado posteriormente. Assim sendo, coloca-se para nosso autor a seguinte afirmação:

O método de Hegel vangloria-se de seguir o curso da natureza; ele inspira-se certamente na natureza, mas falta à cópia a *vida* do original. Sem dúvida que a natureza fez do homem o senhor dos animais, só que não lhe deu apenas *mãos* para domar os animais; deu-lhe também *olhos* e *ouvidos* para

os admirar. A autonomia que a mão cruel rouba ao animal volta a ser-lhe restituída pelos olhos e ouvidos compadecidos (FEUERBACH, 2012, p. 24).

O que se evidencia em tal afirmação é que, embora a postura e método hegeliano se apresentem enraizados na natureza, ou mesmo no seu curso, a crítica postulada em toda a produção feuerbachiana é justamente o fato de existirem falhas nesse método. As falhas destacadas por esse posicionamento são, por conseguinte, as questões do não reconhecimento de uma estrutura de essência fundamentadas no próprio homem, e o fato de Hegel dar importância em demasia à imediatividade da natureza, dada a natureza de caráter estruturante na teoria hegeliana. Para Feuerbach, a natureza não é algo imediato e sim, algo que se constrói e se apresenta na constituição do real e material, que, é algo que acontece efetivamente com a correlação coexistente entre homem e natureza.

Esta relação do homem com a natureza acontece de modo a proporcionar no homem uma superação das condições meramente naturais e existenciais imediatistas. Esta superação é a prática da consciência¹, esta prática sendo o motor do humano, enquanto capacidade de produzir o mesmo de forma real e completa. De tal maneira que Feuerbach assim afirma:

Na natureza, os graus de desenvolvimento não têm, por isso, um significado exclusivamente *histórico*; são sem dúvida momentos, mas momentos da totalidade simultânea da natureza, e não de uma totalidade *particular, individual*, que é por sua vez apenas um momento do universo, isto é, da totalidade da natureza (FEUERBACH, 2012, p. 25).

O que se demonstra na natureza não é um grau de desenvolvimento, onde o homem só tem sua participação garantida em uma fase deste processo. Os momentos históricos são construídos, porém esta construção acontece em concomitância com a totalidade do universo, que é esta produção da natureza em totalidade. Em outras palavras, a natureza se constrói e se fundamenta em sua totalidade material e não de maneira ideal. O que acaba por configurar uma posição imediatista da natureza, visto que a natureza em Feuerbach é parte integrante do humano e não apenas uma condição constituinte do humano, a natureza não é apenas um elo no processo de constituição do humano. Vale ressaltar que esta natureza enquanto constituinte do humano se configura desta forma na condição de

¹ Esta consciência é algo que se explica em Feuerbach, como sendo a condição humana do auto reconhecimento, e ainda como condição de auto identificação da essência. Esta consciência é a condição humana que torna possível justamente o entendimento de essência humana para o próprio homem, ou seja, aquilo que o homem necessita para seu auto entendimento. Porém, tal explicação sobre a consciência apresentar-se-á de forma mais completa na sequência do deste texto.

relação do homem com seu produto essencial, e não a natureza como condição física material.

Todavia esta natureza possui em si a fonte da essência do homem, uma vez que é fonte da produção deste reconhecimento que o homem precisa fazer de si. A natureza é ponto principal nesta condição de reconexão, visto que é na natureza que se evidencia a condição material e real do homem e, é na natureza que aquilo que se entende por material está. Eduardo Chagas assim defende:

Um novo tempo deve, segundo ele, começar, quando o homem avaliar corretamente seu significado e reconhecer sua condição dada pela natureza, isto é, quando reconhecer sua finitude, transitoriedade e mortalidade de sua existência. Por conseguinte, o homem não deve mais procurar o fundamento para sua existência, post-mortem no além, como propõe a doutrina cristã da imortalidade, mas, pelo contrário, na própria natureza. Na análise de Feuerbach, quando o homem chega à consciência de sua finitude e mortalidade, alcança ele coragem e confiança para começar uma vida nova puramente terrena, ou seja, no interior dos limites da natureza (CHAGAS, 2009, p. 40).

Aqui, portanto, se configura e se efetiva a necessidade que nosso autor tem de explicar o homem a partir do concreto. Para Feuerbach o homem completo é alcançado dentro de uma finitude real, ou seja, é preciso explicar-se e compreender-se dentro da finitude. A explicação da essência encontra-se na natureza, encontra-se no real e no reconhecimento deste real enquanto condição material de explicação. Aquilo que aqui é salientado, é a relevância de destacar os limites da natureza, enquanto natureza propriamente sensível, como fonte de explicação e como fonte ainda de conexão com a essência do homem que foi perdida ao longo da construção do mesmo homem.

A ponte para se pensar a oposição entre Feuerbach e Hegel consiste em definir, que enquanto Hegel tem como fonte de reflexão o abstrato e o ideal, em Feuerbach a fonte da reflexão sobre o homem sustenta-se no próprio homem determinado e real. Feuerbach não consegue compreender como a formulação idealista de Hegel sobre a formulação do “Espírito Absoluto”, propõe o real. Eduardo Chagas em um de seus textos, intitulado “*Projeto de uma nova filosofia como afirmação do homem em Feuerbach*”, assim defende:

[...] o que em Hegel ocupa centro da filosofia, o espírito absoluto, é considerado em Feuerbach como um produto do *homem*; o que em Hegel era meramente uma automediação do espírito, a natureza, ocupa, no entanto, em Feuerbach, o centro e se converte em fundamento do espírito; enquanto Hegel parte de um pensamento sem pressupostos, sem distinguí-lo de seu objeto, Feuerbach, ao contrário, parte imediatamente dos seres

empíricos, reais; enquanto Hegel inicia sua reflexão a partir da categoria mais abstrata e mais indeterminada, o espírito, Feuerbach, ao invés, começa com o concreto, o finito; enfim, enquanto Hegel toma o ser em sentido abstrato, Feuerbach entende por ser determinado, real, efetivo (CHAGAS, 1992, p. 33-34).

Em oposição à filosofia de pensamento abstrato de Hegel, Feuerbach se dedica a pensar e esclarecer o homem a partir de um posicionamento que possibilite pensar o homem dentro de uma proposição do real. Aquilo a que nosso pensador se propõe, e em consequência, aquilo que o distancia de Hegel, é a condição de pensar o homem de forma material, oposto ao abstrato idealista de seu mestre. A condição e proposição do ser para a filosofia especulativa, afirma Feuerbach fere a explicação do humano, pois se fundamenta apenas de forma especulativa e abstrata com relação à explicação do ser - a saber, o humano genérico de Feuerbach -, não atingindo de forma objetiva o fundamento do ser, que para o nosso filósofo acontece na realidade objetiva material e real. Ludwig Feuerbach se preocupa em discutir a necessidade de explicar o homem, não de maneira especulativa ou abstrata como Hegel o faz, a partir de uma condição essencial, ou seja, Feuerbach se preocupa em explicar o homem na sua completude finita.

O que Feuerbach discute ao longo de sua produção filosófica é o que se configura como essência humana, que é pensar o real de forma a desmistificar essa condição de inferiorização. A proposta versa sobre como esta essência deve orientar o reconhecimento do humano e, por fim, como a mesma necessita ser entendida pelo homem enquanto sua essência e não algo cindido dele mesmo, ao passo que apenas com ela ou com seu despertar, ou mesmo ainda com o reconquistar desta essência. Essa é a superação da alienação causada pela externalização da mesma essência, sendo isto posto quando o homem promove a criação de um ser controlador e perfeito - a saber, Deus -. Feuerbach desenvolve tal discussão, visto a importância do homem em recuperar esta essência, uma vez que, como o pensador identifica a essência do homem está em sua crença no próprio humano, contanto que as capacidades humanas - a saber, vontade, amor e razão - que tornam possível a consciência, sejam reconhecidas por ela mesma de forma totalizante.

O resgate da essência humana consiste na capacidade do homem de reconhecer tal força como uma chama que possibilita a si um entendimento real e material do homem em gênero. Este resgate possibilita para o homem o entendimento do significado de ser humano, talvez de forma até mesmo incompleta.

Porém, é justamente este entendimento que o homem necessita recuperar, pois só quando este homem entende que a força positiva da religião que é a força da crença, sendo esta crença no próprio homem, é possível a este homem estabelecer o contato real com sua essência, que é aquilo que orienta o humano em sua completude.

Feuerbach afirma que esta crença em si move a história e justifica a existência deste ser em gênero que é o homem. O processo de interpretar o homem parte do próprio homem, de maneira que possibilite a percepção dos atributos humanos enquanto atributos humanos e não enquanto atributos divinos e exteriores, como até então se apresentam na explicação da fonte da essência humana na filosofia especulativa, da qual o pensamento de Hegel é um dos principais exemplos.

Trata-se do fato de identificar esta essência enquanto consciência, sendo esta a consciência do gênero ou da humanidade, que se configura como entendimento do humano enquanto humano. Esta essência encontra-se no limiar do reconectar-se do homem com ele próprio que se caracteriza como o reconectar-se com a humanidade. De tal modo que, esta consciência é a capacidade de reconhecimento do homem enquanto homem para que se entenda a realidade a partir da realidade puramente humana e sensível.

A fonte da essência humana encontra-se dentro do homem em gênero, que é, afirma Feuerbach, o objeto de si mesmo. Sendo que o homem se identifica dentro deste ciclo que se completa quando o humano entende que o ponto central da consciência é o humano que sente, o humano que ama e o humano que pensa, o que torna possível o despertar do entendimento adequado da essência humana.

A consciência do infinito é a auto conservação a auto realização, que acontece mediante o reconectar-se com a realidade humana, sendo esta realidade acessível ao homem, o qual supera a infantilidade e a inocência de se perceber como ser falho e sem atributos e, em contrapartida, religar-se com aqueles atributos externalizados e conferidos a um ser eterno e infinito - a saber, Deus - reconhecendo-os como atributos e qualidades estritamente humanas e reais. Assim afirma Feuerbach:

Na relação com os objetos sensíveis é a consciência do objeto facilmente discernível da consciência de si mesmo, mas no objeto religioso a consciência coincide imediatamente com a consciência de si mesmo. O objeto sensorial está fora do homem, o religioso está nele, é mesmo íntimo.

Por isso, a consciência que o homem tem de si mesmo (FEUERBACH, 2013, p.44).

O objeto religioso, estando dentro do homem, é aquilo que se configura como a essência que se encontra em si e no reconhecer-se enquanto recobrar da consciência, que é algo que se evidencia na discussão entre homem e ser genérico, sendo esta discussão uma ação que parte do próprio homem, que é este ser munido de sua tríade amor, razão e vontade. E, desta maneira, entendendo-se como este ser real que encontra o entendimento de si dentro de si, dentro do outro e dentro da realidade sensível e de maneira alguma em uma realidade suprassensível e metafísica composta de seres metafísicos.

Isto apresentado, a primeira preocupação que se tem é identificar o que é esta consciência que torna possível o resgate desta essência humana, o que é este homem em gênero, o que faz deste um ser completo e ainda, preocupa-se neste momento em esclarecer a necessidade de se pensar este homem dentro da dualidade eu e tu, que se configura como dualidade do eu com o outro eu, do eu com o outro e do eu com a realidade. A afirmação do homem em gênero para Feuerbach acaba por se evidenciar dentro do reconhecimento da finitude que é a realidade humana, e por ser humana é justamente finita. A afirmação de Feuerbach vai acontecer frente a este debate estabelecido entre homem real que se percebe em uma realidade completamente desdivinizada, completamente material que é consequentemente finita e, homem ideal que se percebe a partir de uma condição abstrata, formulando uma dependência para com esta condição abstrata e, não para a realidade humana finita. Tanto que o nosso pensador assim se posiciona em seu texto *Pensamentos sobre morte e imortalidade*:

[...] a vida “não pode ser dada, nem presenteada [...], pois somente vive aquilo cujo ser e essência é sua vida mesma”; “vida é unidade de essência e ser, vida só há ali, onde se dá uma absoluta identidade consigo mesma”. Portanto, o que vive, tem o fundamento e o princípio de seu ser em si mesmo; só aquilo, que é em si mesmo e de si mesmo, tem vida. Vida não quer dizer nada mais do que ser o fundamento de si mesmo (FEUERBACH apud CHAGAS, p. 48, 2009).

“Só aquilo que é em si mesmo e de si mesmo, tem vida”. Neste sentido só um ser real é capaz de se perceber enquanto ser vivente, em outras palavras, só um ser finito e consciente desta finitude que o compõe é capaz de se possuir, ou seja, de possuir a sua essência. Isto posto, tal possibilidade só é capaz de acontecer, quando

o homem se percebe enquanto ser consciente e possuidor desta consciência, o que se apresenta como preocupação neste momento explicar a consciência.

1.1 O QUE É A CONSCIÊNCIA?

O motivo de tal questionamento é a necessidade de explicar em que consiste a consciência. O homem é o único ser dotado de consciência, ou seja, o único dotado da percepção dele mesmo, e sendo assim o único capaz de produzir relação dele com o outro na forma dialética eu e tu. Mas o que de fato é esta consciência e como ela acontece no homem? Feuerbach vai afirmar que a consciência é a religião, ou seja, a crença do homem real que se vê no mundo e que produz sua existência e domina sua essência a partir da dominação ou do apoderamento desta consciência.

Feuerbach ainda destaca em um de seus textos - a saber, *Necessidade de uma Reforma da Filosofia* - a seguinte afirmação: “Na origem, a religião é fogo, energia, verdade; toda religião começa por ser estrita e incondicionalmente religiosa, mas, com o tempo, esgota-se, torna-se infiel a si mesma, indiferente, submete-se à lei do acto” (FEUERBACH, 2002, p.15), justamente para destacar que este caráter de fogo que queima, queima como fonte de combustão que orienta o homem em sua trajetória rumo à essência, tal fogo deve ser levado em consideração, uma vez que o mesmo pode ser entendido como fonte da consciência, ou propriamente da consciência em si.

O problema consiste em entender esta religião apenas como esta energia, sendo que a condição e a percepção da consciência estão ligadas diretamente a percepção do homem enquanto ser finito e, de maneira alguma, ligada a percepção de um ser infinito que nos concede tal consciência. O próprio Feuerbach afirma: “Um ser realmente finito não possui a mínima ideia, e muito menos ciência, de que seja um ser infinito, porque a limitação do ser é também a limitação da consciência” (FEUERBACH, 2013, p. 36), salientando que a capacidade de reconhecimento é uma qualidade especificamente humana, e que deve ser feito por parte da consciência.

A consciência deve ser aquilo capaz de fazer com que o homem se perceba no mundo como um ser em gênero, como um ser integral e sagrado². Este ser em

² A ideia de sagrado, embora não seja tratada propriamente por Feuerbach, fundamenta-se aqui na condição naturalista que defende a posição de que o homem possui uma santidade em si, é aquela

gênero, deve ser um ser que percebe a tríade humana - a saber, amor, razão e vontade - uma vez que o homem é um ser que sente, que pensa e que quer. A consciência ou percepção de si deve ser estruturada neste ser completo e não em um ser exteriorizado que não entende as qualidades humanas como sendo humanas. Mas sim qualidades advindas de fora. O ser consciente deve ser aquele capaz de perceber a infinitude dentro de si. Esta infinitude entendida como essência humana ou homem completo - entendido como homem em gênero -, de tal maneira que se apresenta esta necessidade de reconhecimento da essência em Feuerbach, que os comentadores Benedicto Arthur Sampaio e Celso Frederico, assim afirmam:

Em suma, segundo Feuerbach, a vida subjetiva do homem pode ser entendida como a presença do objeto universal natural específico no interior do indivíduo, visto que a consciência, para ele é essencialmente universal e infinita (SAMPAIO, FREDERICO, 2009, p. 65).

A consciência é em Feuerbach o significado do homem, pois é aquilo que o explica, visto que o homem não é um ser cindido. O objeto da consciência do homem que deve ser o predicado ou objeto dele próprio deve estar fundado em si mesmo, uma vez que Feuerbach identifica que o reconhecimento do humano está no próprio humano - no ser em gênero. Assim afirma Alice Aleixo:

A especificidade humana reside na capacidade que o homem tem de ser consciente de si, ou seja, de ter como objecto o seu próprio género. O homem é um eu e um tu e é na consciencialização da intersubjectividade que o homem se apreende como membro da espécie. Enquanto no animal a vida interior coincide com a vida exterior, no homem elas são distintas. A vida interior é a relação que o homem estabelece com a sua essência universal (ALEIXO, 2009, p.9).

A consciência é a capacidade de introspecção para alma humana que se define como alma que pensa que sente e que ama, a partir de sua própria realidade e sua relação do eu e o tu, que se fundamenta nesta sua realidade, sendo esta alma entendida como a essência humana. Esta consciência se justificada enquanto capacidade de interiorização do homem. Esta capacidade de se internalizar possibilita ao homem condição de reconhecimento, possibilita a contingência de produzir-se enquanto humano. A consciência é aquilo que se chamou a pouco de capacidade de introspecção, qualidade que só é possível ao homem que possui

qualidade única do homem. Aqui sendo aquilo que tratamos por essência humana – algo que é tratado e explanado na obra *A Essência do Cristianismo* - que, por conseguinte é o reconhecimento do ser em gênero, que é justamente este ser munido dos atributos humanos, os quais despertam a consciência e possibilitam o reconectar com a essência.

essa faculdade do dialogar consigo, faculdade essa que é fonte de identidade para o homem. Tal afirmação é evidenciada nos respectivos comentadores: “É o homem, enquanto alma humana, não só o único critério, mas também a única identidade, a única mediação da realidade, a sede onde se situa a infinitude dos seres finitos e reais” (SAMPAIO, FREDERICO, 2009, p.64). Esta realidade deve ser entendida como uma consciência que se define especificamente por ser universal, isto significando que não existe uma negação da consciência e, por conseguinte, um vir-a-ser, mas sim um reconhecimento real e constante do humano a partir do humano.

Esta consciência é tanto exterior, quanto interior, que se produz a partir do reconhecimento do humano com ele mesmo e alicerçado nesta relação com a carne, por isso não há uma negação porque depende em certa medida do entendimento de ser enquanto ser material e enquanto ser espírito. Afirmam Benedicto Arthur Sampaio e Celso Frederico:

[...] a espécie humana, o gênero natural do homem, é o horizonte de onde a ciência e a verdade; que fica implicitamente proposta uma gnosiologia fundada na ordem natural do ser humano e, por isso, muito a gosto de um certo naturalismo classificatório em Feuerbach, mas já naquela época ultrapassado por outro mais dinâmico (basta lembrar Goethe, Lamarck etc.); que a vida subjetiva, genérica, é somente humana, pois só o homem é capaz de se relacionar com sua espécie sem a presença exterior de outro espécime; que o homem nunca está sozinho porque é ao mesmo tempo um e outro enquanto tem o geral no interior de si mesmo (SAMPAIO, FREDERICO, 2009, p. 65).

Este reconhecimento do homem enquanto humano parte inclusive desta relação com o tu, mas este tu é um tu inclusive interior, este tu é a capacidade humana de conversar consigo mesmo, exteriorizando-se ou não. Pois o homem é este ser capaz de se perceber na sua singularidade, e ainda capaz de se perceber como outro como um ser que se objetiva que se lança na realidade e que ainda se percebe através desta sua presença na mesma realidade. Feuerbach acaba por salientar o que é a fonte da consciência, a forma como ela trabalha e funciona e, como ela está fundamentada na condição do real e material. Para Feuerbach entender a consciência passa pelo crivo de entendimento do homem para com o homem, como sendo um ser real e material, que se explica a partir desta condição, que possibilita ao mesmo o contanto com esta consciência. Evidenciando que a abstração proposta pelo idealismo não existe, uma vez que a proposta idealista de conexão com a essência humana está fundamentada na condição ideal e não concreta.

O que se apresenta na posição de Feuerbach acerca daquilo que pode ser entendido enquanto realização da consciência, e enquanto entendimento de essência é, portanto, que tal acontecimento acontece e se fundamenta na condição e na estrutura do real. Manifesta-se também que aquela dialética proposta pelo idealismo como forma de reconhecimento desta essência não acontece em uma realidade ideal, que tem por fonte a ideia, mas sim que acontece em uma realidade real que tem por fonte o material - a saber, este material é a própria realidade humana.

Esta percepção de si parte em certa medida inclusive da relação com o outro homem. Dessa forma, essa relação com o outro se torna importante para a produção da consciência e ainda o reconhecimento da essência dentro da realidade real material e, de maneira alguma, a produção desta essência ou, mesmo que seja a percepção desta essência, deve acontecer de maneira reflexiva, que acaba por anular o dado aparente, ficando apenas com a relação Idealista. Esta abstração questionada e superada por Feuerbach acontece uma vez que o homem não percebe no ato reflexivo apenas a possibilidade de produção ou mesmo de identificação da consciência do próprio humano.

Esta abstração que corresponde a uma ação efetivamente psicológica, não brota da ação filosófica e, não funciona partindo da mesma abstração como ponto de referência ou ainda como ponto de partida. Para a produção da consciência ou percepção do homem em gênero que corresponde respectivamente ao humano real dotado de sua essência completa, faz-se necessário que o homem esteja munido em sua totalidade de uma razão, uma vontade e um sentir que fazem do homem este ser consciente de si no sentido de possuir uma identidade.

A função da Filosofia em Feuerbach é justamente a de proporcionar este despertar da consciência que só pode acontecer em contato com a realidade. De tal forma que o papel da Filosofia deve ser o de assumir a consciência do ser em gênero, tomando como papel este articular do humano com o “eu e o tu” (o outro eu), com o “eu e a realidade”, com o “eu e o outro”, de forma a apresentar a consolidação do exercício consciente do homem em gênero. Utilizando-se de uma relação total com o empírico, sendo este empírico usado como fonte da correlação existente entre esta esfera do ser humano em gênero com a sua realidade exterior e interior.

Assim sendo afirmam Benedicto Arthur Sampaio e Celso Frederico: “A ‘redenção do homem’ não significa, por conseguinte, o reatamento da aliança com Deus, mas antes o reatamento da aliança entre homens, aquela que deve ter vigorado no Éden antes da ‘queda’” (SAMPAIO, FREDERICO, 2009, p. 65). Metáfora feita, o que os autores afirmam ou tentam elucidar é aquela percepção que Adão possuía no paraíso, onde o mesmo se concebia como ser total sem nenhuma exterioridade que o tornasse um ser minorizado. E ainda relacionado com a metáfora, ele não entendia essa relação com Deus como algo de superioridade ou mesmo de estranheza, visto que ele comungava constantemente desta percepção de si em totalidade dentro dos moldes da criação.

Na sequência ainda se tem tal afirmação: “A essência do cristianismo, o enigma revelado de Cristo é o homem, não é Deus” (SAMPAIO, FREDERICO, 2009, p. 65). A essência e explicação sobre o próprio homem estão nele próprio e não em algo exteriorizado a ele - a saber, Deus - sendo assim, a produção da consciência parte do humano real e constante e de maneira alguma pode partir de uma realidade superior que é irreconhecível pelo humano e ainda incabível de reconhecimento visto que este não entende tal realidade. Esta essência está presente no homem concreto dentro desta universalidade com o interior de si, ou seja, o entendimento e reconhecimento do humano parte da universalidade e da totalidade de tomar ciência de seus atributos que o constituem como um homem em gênero.

Neste sentido, esta abstração que propõe o idealismo, ou ainda, esta dualidade do homem como exterioridade de si ou como essência cindida, promove a perda ou até mesmo a não percepção de sua consciência. Uma vez que, esta dependência proposta pelo idealismo de um ser absoluto, não promove no humano a capacidade de conhecer ou ainda de identificar esta consciência a partir de si e de uma realidade que parte do humano. À medida que a consciência se produz e se torna identificável como resultante da relação sujeito-objeto, visto que este objeto é a primeira instância, o próprio sujeito que se identifica em sua totalidade justamente por existir nesta relação de eu e o eu, do eu e o tu – esse tu entendido como o outro eu -, do eu com o tu e do eu com a realidade.

O homem é a manifestação da consciência enquanto predicado do próprio humano, o humano é, portanto, a essência manifesta desta consciência. Esta consciência parte do evidenciar deste predicado deste ser real e material que revela e toma conhecimento de si enquanto ser completo partindo de si, do outro e da

realidade como um todo e nada exteriorizado, o próprio Feuerbach assim proclama: “[...] só é absolutamente homem aquele que não exclui de si nada essencialmente humano. *Homo sum, humani nihil a me alienum puto* (humano sou, nada humano considero alheio a mim)” (Feuerbach, apud SAMPAIO, FREDERICO, 2009, p. 77). Assim afirma-se o que Feuerbach compreende por genérico, ou homem em gênero, este ser completo que se realiza e se afirma a partir desta própria consciência de si que se produz com base neste relacionar-se consigo e deste relacionar-se com o real.

Esta compreensão do gênero, para Feuerbach, não está nesta abstração que parte, segundo o idealismo, da proposta onde esta consciência ou mesmo autoconsciência, como intitula Hegel, está exteriorizada, sendo necessário o relacionar com o objeto para alcançar tal autoconsciência, a qual lhe concerne à realização suprema do idealismo abstrato. Tornando-se, assim, possível o alcance desta autoconsciência apenas de forma exterior, para a qual o humano não poderá se reconhecer. Este homem em gênero se satisfaz e se realiza partindo da pura percepção deste humano, isso se caracteriza, portanto, como o “absoluto” em Feuerbach, visto que se configura como o alcance da universalidade do homem como ser genérico, que é a instância consciente e o auto esclarecimento, que parte deste ser real que é o humano e não de um ser abstrato.

Neste sentido, toda modificação - sendo ela de qualquer princípio -, só pode ocorrer na atividade exclusiva da consciência humana. Só se torna possível qualquer ação partindo do entendimento dos atributos humanos que são acessíveis por meio da consciência, algo que só é possível partindo das virtudes humanas da razão, do amor e da vontade. O homem só pode ter acesso a esta consciência, se a mesma for entendida enquanto qualidade sensível do homem. Para Feuerbach apenas um ser real e sensível, colocado e entendido dentro de sua realidade sensível, é capaz de despertar essa consciência, e por sua vez reconectar-se com sua essência. Eduardo Chagas assim afirma sobre o entendimento de ser sensível por parte de Feuerbach:

Em contraste, pois, com a filosofia hegeliana, que crê poder apreender o objeto por via puramente abstrata, Feuerbach evidencia que o objeto é dado somente pelos *sentidos*, não pelo pensamento. Só um ser *sensível* é um ser verdadeiro, real e só mediante os sentidos se revela o segredo do ser. Esta intuição sensível princípio de determinação dos objetos, está na reverberação feuerbachiana, estritamente ligada às paixões, que são o sinal revelador de existência, pois só é o que é objeto de sensação. Neste

sentido, o pensamento sem sensação e sem paixão abole a diferença entre ser e não-ser (CHAGAS, 1992, p. 35-36).

Os sentidos explicam o real, que explica a consciência, que é aquilo que explica o homem. Em outras palavras, a consciência se explica pelo real e sensível, que é o entendimento do próprio homem que se efetiva como esta consciência. O entendimento nesse sentido se configura a partir do próprio sujeito em relação consigo e com o outro, ou seja, o entendimento desta produção humana enquanto capacidade estritamente humana que se identifica enquanto consciência. Isto se configura enquanto homem em gênero, que é este ser completo ou que alcança completude por meio do recuperar a essência, que é o que se tratará a seguir.

1.1.1 O Homem em Gênero

O homem em gênero, ou o ser genérico é aquele ser capaz de, por meio efetivo da consciência, recobrar a essência humana e ainda ser capaz de identificar a fonte da mesma essência. O homem genérico é o ser que se reafirma a partir do recobrar da realidade humana enquanto puramente humana, dado que esta realidade só pode ser entendida em Feuerbach à medida que se postula em *A Essência do Cristianismo*, que esta realidade só pode ser apreendida pelo homem. De tal forma que quando o mesmo não se percebe enquanto ser real e completo - a saber, em gênero - o mesmo não constrói realidade e não apreende a mesma existente, sendo que, portanto, a realidade perde seu papel.

O que se pretende destacar do homem em gênero na obra de Feuerbach é que este seja capaz de resgatar ou até mesmo de identificar sua consciência como fonte da realidade humana. A consciência que propõe e deve propor a realidade, pois é no uso da consciência e neste relacionar-se do homem com a consciência que acontece a realidade. De maneira que é só pelo uso da consciência e de sua relação com a realidade, que é possível para o homem apreender da realidade. Visto que, compreender a realidade só é possível em Feuerbach quando o homem, fazendo uso de sua consciência, percebe a realidade como elo integrante e fundamental deste recobrar da essência, e não apenas como condição secundária. Urbano Zilles assim comenta:

Feuerbach admite a unidade do infinito e do finito. Mas ao contrário de Hegel, põe o infinito no homem e não no absoluto. E o homem, para Feuerbach, é 'corpo consciente', não puro pensamento. [...] Com isso, o secundário torna-se o primeiro, absolutizando-se a consciência em relação ao ser, subordinando o método dialético ao sistema; em vez de tomar a realidade (a natureza) como critério para a filosofia, esta torna-se critério para a realidade (ZILLES, 2015, p.104).

Para tanto se discute este corpo consciente, que é este ser em gênero que se estrutura e fecunda-se na realidade. Este ser que se propõe de fato é a explanação deste homem em gênero, que parte da condição deste corpo consciente que é capaz de fazer uso de sua própria realidade ou natureza por parte da capacidade crítica que ele mesmo desenvolve, quando busca se reconectar com este infinito que era então pensamento. Por consequência, a ação ou ainda a unidade que possibilita o desvelar da consciência do ser parte ou está contida dentro do próprio ser, e de maneira alguma exteriorizada seja ela em forma de pensamento enquanto qualidade do absoluto seja enquanto morfologização de um ser com atributos divinos perfeitos e infinitos.

Este ser em gênero proposto por Feuerbach é um ser que se torna capaz de estabelecer o resgate de sua condição humana que é por coincidência o resgate dos atributos simplesmente humanos que lhe foram retirados por conta da perda de consciência que ocorre ao longo da existência humana. Feuerbach assim defende:

O homem singular por si não possui em si a essência do homem nem enquanto ser moral, nem enquanto ser pensante. A essência do homem está contida apenas na comunidade, na unidade do homem com o homem - uma unidade que, porém, se funda apenas na realidade da distinção do eu e do tu'. [...] A solidão é finitude e limitação, a comunidade é liberdade e infinidade. O homem para si é um homem (no sentido habitual). O homem com o homem - a unidade do eu e do tu - é Deus (FEUERBACH, 2002, p.98).

A tal ponto que se reconhece que o que se discute por ser em gênero é o homem dentro daquilo que pode ser explicado como realidade humana, sendo um ser capaz de estabelecer a relação de comunidade. Uma comunidade não com os outros, ou melhor, não só com os outros, mas sim uma relação que começa neste diálogo do eu consigo mesmo que é onde reside a essência humana. A fonte do genérico é o próprio interior deste ser, que aí então por sua vontade, amor e razão consegue acesso à consciência e desvela o ser completo.

O que se defende propriamente é demonstrar que os atributos que se configuram nesta trindade divina são especificidades humanas e seja o que for que o

homem se põe, ele faz isso para ele mesmo e só o faz à medida que consegue perceber as excelências que lhe são suas e apenas suas. Alice Aleixo assim comenta:

A especificidade humana reside na capacidade que o homem tem de ser consciente de si, ou seja, de ter como objecto o seu próprio gênero. O homem é um eu e um tu e é na consciencialização da intersubjetividade que o homem se apreende como membro da espécie. Enquanto no animal a vida interior coincide com a vida exterior, no homem elas são distintas. A vida interior é a relação que o homem estabelece com a sua essência universal. Sabemos que a tríade clássica que define a essência humana é constituída pela unidade da vontade, da razão e do coração. Mas esta unidade, além de definir a verdadeira essência do homem, é também o fundamento da sua existência. Querer, pensar, amar, são os propósitos que movem o homem; [em linguagem fenomenológica diríamos que são as intencionalidades possíveis da consciência, tomada em sentido lato]. Mas se eu vivo para agir pensar e amar, é porque posso agir, posso pensar e posso amar, ou seja, a minha essência determina a existência. Isto significa que o fim último do ser é também o seu verdadeiro fundamento. Então podemos dizer que a vontade, a razão e o sentimento, numa palavra, a essência humana existe em função de si. Ora o que existe em função de si é verdadeiro, perfeito e divino (ALEIXO, 2009, p. 9 - 10).

A configuração do genérico deve reconhecer-se enquanto fonte, ou melhor, dizendo, como princípio para o acessar da essência humana, pois, uma vez posto tal acesso, o recuperar e resgatar dessa essência deve acontecer de maneira a possibilitar a comunidade do homem com a realidade humana. Assim completa Urbano Zilles:

Mas Feuerbach não pára na contemplação do eu pelo tu. A essência do homem não só se atualiza no encontro do eu com o tu, mas na totalidade da humanidade, da espécie humana: o outro é o representante da espécie. Através do tu o olhar se abre para a humanidade, pois no outro tenho a consciência da humanidade. A espécie é, para Feuerbach, o homem pleno. Por isso a medida da espécie é a medida absoluta, lei e critério do homem (ZILLES, 2015, p 106).

O homem pleno em Feuerbach é este ser que se identifica enquanto espécie, sendo o homem em gênero, que se realiza nesta comunidade entre o eu e o tu, entre o homem e sua humanidade. Para tanto a essência se concebe enquanto ação humana que é proposta de forma ativa e real e de maneira alguma de forma idealizada e puramente pensada. A configuração deste genérico constitui-se por parte em primeira instância do resgatar dos atributos humanos, porém em uma relação de complementação com o outro. Este outro pode se configurar enquanto reconciliação consigo mesmo, com a sua realidade e com a sua humanidade que é a síntese final deste processo de recuperação ou resgate da essência humana.

1.1.2 A Consciência de Si

A consciência de si é um processo que acontece dentro das relações de humanidade do homem com a própria realidade ao passo que alcança a capacidade de reflexão. O que Feuerbach vai discutir ao longo de sua produção filosófica é como acontece o desenvolvimento da consciência de si e ainda como este recobrar da consciência de si é fundamental para a realização do homem em gênero. Salientando, portanto, que este processo de reconhecimento, o qual deve acontecer para proporcionar este recobrar da consciência, tem como responsável a Filosofia, que é uma reflexão desenvolvida pelo homem ao longo da história para proporcionar o entendimento do mesmo dentro da realidade.

O homem nada é e não se realiza enquanto não se percebe como humano dentro de sua humanidade. Neste sentido, o que Feuerbach defende dentro de sua produção filosófica, acerca da essência do ser, tem como primazia o despertar da consciência primeiramente de si. Por mais que este realizar da consciência se complete na relação com o tu, tal proposta só pode acontecer quando o entendimento de si e de seus atributos já tenham ocorrido.

O resgate desta consciência deve ser o ponto de partida para a formulação do homem genérico, uma vez que Feuerbach não reconhece, ou ainda faz crítica ferrenha às limitações que são impostas ao próprio homem, pelo próprio homem. Limitações essas que se configuram com a necessidade que o homem possui de produzir explicações imediatas para aquilo a que ele não detém domínio. Limitações que por suposto produzem no próprio homem este sentimento de dependência, à medida que o sentimento de não entendimento do homem causado por uma carência de significados produz no homem a necessidade de se impor limitações, enquanto condição para a explicação de si. Sendo que essas limitações que o mesmo homem se impõe acabam por produzir um retroceder e um atrofiar das capacidades humanas, que devem ser encaradas como tal, ou seja, são capacidades da humanidade, do humano.

A consciência de si é uma forma de produção de consciência do infinito, porém, este infinito deve ser entendido, não como algo metafísico como a exteriorização dos atributos divinos para Deus, mas como faculdade do homem de se perceber dentro de sua humanidade. A percepção da humanidade nada mais é

que o resgate da essência do homem que reside nele mesmo - o homem. Assim afirma Alice Aleixo:

Se, enquanto indivíduo, me reconheço como limitada, tal só é possível porque justamente tenho como objecto a perfeição. Atribuir as limitações à espécie é, para Feuerbach, uma ilusão injuriosa, que resulta da identificação imediata entre o indivíduo e o gênero. A humilhação pelo reconhecimento das minhas imperfeições individuais leva o entendimento a considerá-las como imperfeições genéricas. Com esta transferência, do individual para o genérico, não só apago a vergonha que sinto pelas minhas limitações, como também as justifico (ALEIXO, 2009, p. 12).

A consciência de si deve acontecer neste processo de superação destas imperfeições que tornam o homem um ser que se humilha frente a sua essência. Humilha-se justamente por não perceber que isto que ele em si adora nada mais é do que seus próprios atributos humanos que se configuram como uma qualidade que lhe é sua, uma qualidade humanizada. A grande capacidade que deve ser discutida, afirma Feuerbach, é a condição que o ser para se tornar genérico precisa se impor para produzir o reconhecimento - de tal forma que o filósofo salienta que as capacidades ou estes atributos que são faculdades do homem nada são sem o contato com o humano.

O desenvolver desta consciência de si funciona como o processo de efetivação desses atributos ou faculdades, que em tal grau só existem e tem sua clara efetividade se estão em consonância com o humano. Assim aponta Feuerbach: “Consciência é o ser-objeto-de-si-mesmo de um ser; por isso não é nada especial, nada diferente do ser que é consciente de si mesmo” (FEUERBACH, 2013, p. 39). Assim sendo, o ponto pé inicial deste resgatar-se acaba por ser aquilo que em última instância nada mais é que a necessidade que o humano se impõem para que a produção do entendimento sobre a própria essência aconteça.

O que se põe é que qualquer discussão que aconteça a partir deste princípio de se debater e propor um entendimento e explicação sobre a essência humana passa pela proposição do uso de um objeto de reflexão. É este objeto a consciência, que em tal proposta discute-se sobre o reflexo da recobrada de consciência e estabelece um elo com a consciência do outro. Alice Aleixo ainda ressalva:

Mas este mecanismo de defesa, se assim lhe podemos chamar, assenta numa ilusão. Aquilo que a essência afirma não pode ser negado pelo entendimento que é ele próprio uma determinação ontológica dessa essência. Até onde vai o entendimento vai também a tomada de consciência das capacidades ilimitadas da essência, ou seja, do Deus que,

na medida em que é através de nós, é também cada um de nós (ALEIXO, 2009, p. 12).

Este mecanismo entendido como a consciência de si trabalha no sentido da retomada desta mesma consciência por parte do homem, para que neste caso o ser genérico que se realize e se identifique propriamente como um ser real com atribuições reais. Atribuições essas que possibilitam em contrapartida o desenvolvimento desta disposição que é o reconhecer-se dentro destas então especificações puramente da essência humana, ou seja, o ser genérico. Visto isto, a proposição que se estabelece a partir desta reconexão com a consciência de si é o paradoxo da consciência de si enquanto em si e no outro. Este outro entendido enquanto outro eu no paradoxo do diálogo consigo mesmo, e ainda entendido como o outro humano que estabelece relação de humanidade real. Conseqüentemente propõe aqui uma dualidade, a dualidade entre consciência de si e do outro.

1.1.3 A Dualidade entre Consciência de Si e do Outro

Tal proposta se configura em Feuerbach como uma interação necessária para estabelecer a essência do homem enquanto aquilo que foi chamado de “corpo consciente”. Esta dualidade que se apresenta, ou que pode ser entendida como um paradoxo funciona como que um dos alicerces daquilo que pode ser atribuído por essência humana em Feuerbach. A consciência de si acontece no dialogar com o outro, porém, nem sempre este outro é o outro homem embora esta relação também se configure como uma máxima na representação da essência. Este dialogar acontece de maneira que o homem completo busca neste relacionar consigo ou como afirma Feuerbach “A vida interior do homem é a vida relacionada com seu gênero, com sua essência. O homem pensa, i.e., ele conversa, fala consigo mesmo [...]” (FEUERBACH, 2013, p. 35), isto é, o homem deve buscar seu reconectar-se dentro de si. Em um processo de resgatar-se, de identificar-se, de assumir suas qualidades humanas que residem dentro deste “corpo consciente” munido de sua tríade do gênero que são amor, vontade e razão, qualidades humanas que tornam possível o despertar da consciência do homem que se auto determina na realidade puramente humana. Mais adiante, Feuerbach complementa:

O animal não pode exercer nenhuma função de gênero sem um outro indivíduo fora dele; mas o homem pode exercer a função de gênero do pensar, do falar (porque pensar e falar são legítimas funções de gênero)

sem necessidade de um outro. O homem é para si ao mesmo tempo *eu e tu*; ele pode se colocar no lugar do outro exatamente porque o seu gênero, a sua essência, não somente a sua individualidade, é para ele objeto (FEUERBACH, 2013, p. 35).

Isso para confirmar este dualismo que existe dentro do próprio homem do eu e do tu. O que se põem nesta afirmação é a capacidade que o homem possui de discutir com ele mesmo. O homem deve ser capaz de refletir de discutir com seus próprios pensamentos, e é dotado de atributos que possibilitam tal ação, uma vez que como bem ressaltado os pensamentos do homem não são apenas assuntos que apresentam o homem na sua individualidade de realidade, estes pensamentos, este pensar, são, em primeira instância objeto da própria reflexão do homem. O homem só consegue alcançar a capacidade do diálogo com o outro fora dele, quando o mesmo já alcançou esta capacidade internamente ou, ainda de outra forma, o homem só consegue refletir sobre a realidade, primeiramente, porque percebe em si a capacidade de pensar sobre a mesma e, posteriormente, porque qualquer análise feita da realidade é feita em primazia dentro de si.

O que se coloca até o momento é que o homem só consegue ser este ser capaz de exercer seus atributos propriamente humanos na realidade, porque ele já faz primeiramente este exercício internamente. A questão da dualidade entre o eu e o tu ser algo de alguma complexidade, é que para que o completar do homem em gênero aconteça efetivamente dentro da realidade puramente humana, este completar deve acontecer primeiramente, e com maior grau de importância, como reconhecimento e objetivação da própria essência. Que é de fato o eu exteriorizado de maneira não a perder o contato, mas como forma de análise da mesma essência, o próprio Feuerbach afirma “O homem nada é sem objeto. [...] Mas o objeto com o qual o sujeito se relaciona essencial e necessariamente nada mais é que a essência própria, objetiva deste sujeito” (FEUERBACH, 2013, p. 35).

O que se afirma com a questão da dualidade entre o eu e o tu é a condição de que o reconhecimento do homem em gênero acontece na relação do homem com sua essência e o uso dos atributos humanos para estabelecer esta conexão, o que se configura pelo uso da consciência que acontece pela ativação deste embate de reconhecimento do eu no tu. Assim complementa Urbano Zilles em sua exposição sobre o pensamento feuerbachuiano:

Valoriza-se o homem não só em relação ao tu, mas em relação à humanidade. O homem é o eu e o tu em sua reciprocidade. O outro

representa o gênero humano, a espécie, que é o homem perfeito e o critério do homem e da verdade. A espécie humana, é o critério de todas as coisas (ZILLES, 2015, p 107).

A reciprocidade entendida como este processo de reconectar o homem com sua humanidade no sentido de possibilitar este retroceder constante. Este conflito com o outro eu - conflito entendido como discussão com o outro ao ponto de reencontrar a essência – possibilita o entendimento de humanidade. O ato recíproco do eu com o outro eu configura o entendimento de humanidade onde não há mais uma perda nesta dualidade, mas, pelo contrário, só há ganhos visto que o homem então desvenda em si mesmo a espécie. Aquilo que Feuerbach intitula gênero, que é a realização do homem perfeito do homem completo, do homem real. O que se realiza neste processo é a possibilidade de entendimento de ser em gênero, uma vez que, a consciência de si só é tal consciência quando desenvolve este exercício e reciprocidade com a outra consciência de si com o tu.

Visto isso, a completude da explicação sobre o processo de reconhecimento do ser em gênero, ou mais propriamente, do reconhecimento da essência humana, se completa com a explicação do que são os atributos humanos - tão citados ao longo do texto -, e como os mesmos funcionam e interagem neste processo. Evidencia-se aqui, os atributos que Feuerbach chama de tríade da essência, que são eles coração, vontade e razão. Destacando que o coração como capacidade de sentir do homem, vontade como capacidade de querer e razão como capacidade de pensar só podem ser elementos integrantes da constituição e fundamentação da consciência, e posteriormente da essência humana, quando encontram-se em processo de relação e correlação. De tal modo que explicar estes atributos, e esta relação entre eles, torna-se a preocupação desta dissertação nesse momento.

1.2 A TRÍADE DA CONSCIÊNCIA: RAZÃO, CORAÇÃO E VONTADE.

Tendo sido apresentado até o momento a questão do que é a essência humana, como o homem necessita ter acesso a mesma segundo Feuerbach, e qual o papel que a consciência possui neste processo de auto reconhecimento do homem. Torna-se indispensável neste momento apresentar qual é a estrutura da consciência, isto é, como a consciência pode ser explicada a partir da concepção de Feuerbach sobre a consciência. O objetivo agora é explicar que a consciência se

explica e se fundamenta naquilo que Feuerbach chama de tríade divina, que é a união entre razão, coração e vontade.

De tal forma elaborado por Feuerbach, o homem só pode tomar para si sua essência quando desperta para si a consciência. Esta ação só é possível, afirma nosso autor, quando o homem compreende que sua consciência é dotada não apenas da razão, mas sim de uma relação da mesma razão com o coração que é a fonte do sentir do homem, e de uma relação com a vontade que é a fonte do querer do humano.

Faz-se necessário o esclarecimento do que então seria para Feuerbach esta tríade que compõe a consciência, consciência esta que é aquilo que faz explicar a essência. Feuerbach define esta tríade como algo que é munido de atributos humanos e, por sua vez, puramente humanos. Quando ele afirma que o homem se reconhece dentro de sua realidade material e real, este reconhecer torna-se possível a partir dos atributos que precisa compreender em si, e mais importante compreender como atributos seus.

Estes atributos, afirma nosso autor, são qualidades humanas, e puramente humanas, que ao longo da construção do homem social, material e real se perderam. Estas qualidades que ele identifica como razão, coração ou amor, ou até mesmo sentimento e vontade entendida como capacidade de querer do homem, são qualidades que ao longo de sua história foram arrancadas do homem e transportadas ou mesmo transplantadas em um ser superior e infinito, ocasionando uma perda de reconhecimento e entendimento do homem com relação a estas qualidades. Qualidades que são responsáveis por produzir o homem completo e, por conseguinte, o homem em gênero. Feuerbach assim expressa em “*A Essência do Cristianismo*”, sobre o entendimento destes atributos como puramente humanos:

Conhecemos para conhecer, amamos para amar, queremos para querer, i.e., para sermos livres. A essência verdadeira é a que pensa, que ama, que deseja. Verdadeiro, perfeito, divino é apenas o que existe em função de si mesmo. Assim é o amor, assim a razão, assim a vontade. A trindade divina no homem e que está acima do homem individual é a unidade de razão, amor e vontade (FEUERBACH, 2013, p. 36).

Com isso, o que se propõe por agora é aquilo que se torna objeto de discussão neste momento, explicar o que são estes atributos ou qualidades humanas. Como estes atributos produzem a consciência, ou mesmo como eles são os pilares da consciência que é aquilo responsável por possibilitar o acesso do

homem com sua essência, e o mais importante para Feuerbach que é não apenas um reconectar com a essência, mas também, e talvez mais importante para ele, o uso que o homem necessita fazer desta essência num sentido prático. Portanto, para nosso autor, explicar a consciência, como ela é estruturada e conseqüentemente como ela possibilita esse acesso à essência humana e ao uso da mesma, é ponto de indispensável discussão para entender o homem em gênero. Para Feuerbach apenas o homem completo interessa, visto que o homem individual não se reconhece e conseqüentemente não se conecta com sua essência, justamente por se ver como um ser limitado, finito e fraco.

1.2.1 O princípio da Razão

Para Feuerbach, o pensar é uma capacidade humana e deve ser compreendida como tal, ao passo que para ele só uma capacidade que seja em si fonte de explicação do real, fundamentada no real, é possível de produzir conhecimento para o homem. Em Feuerbach a razão é a fonte do pensar e, a forma que a consciência possui de se realizar, uma vez que o querer e o amar orientam esta consciência.

O pensar, ou seja, a razão é a forma que a consciência possui de se efetivar, visto isto, Feuerbach comenta em um de seus textos - *Princípios da Filosofia do Futuro* -, essa atividade do pensar, e assim ele propõe: “Mas um ser que não se distingue do pensar, um ser que é apenas um predicado ou uma determinação da razão é um ser unicamente pensado abstrato, na verdade, não é ser algum” (FEUERBACH, 2002, p. 68). O que nosso autor objetiva, com esta afirmação, é a necessidade que o homem possui de ser um ser dotado de uma razão que possibilite ao homem se pensar a partir de si, e de sua realidade, uma vez que não admitir esta razão como qualidade humana não produz um ser de verdade, real e material, mas apenas um ser abstrato. Este ser que se reconhece apenas como determinação da razão, como um ser pensado, e não como um ser pensador não pode ser capaz de se identificar como ser essencial.

O que Feuerbach aponta é que a fonte da identidade, e a fonte da capacidade do homem de se reconhecer como ser essencial dotado de sua essência, só pode ser um ser assim quando o mesmo é capaz de se pensar assim. Para tanto a função da razão é produzir este pensar do homem a partir do próprio homem. O papel da

razão na tríade da consciência se justifica no sentido de realizar este processo do pensar. O pensar é a universalidade segundo ele, e desta maneira o pensar é aquele atributo humano responsável por esclarecer para o próprio homem o que o homem é em si, ou seja, o ser integral, ou como Feuerbach usa o ser em gênero. Tanto que nosso pensador assim complementa em *Princípios da Filosofia do Futuro*, com a seguinte afirmação:

Por conseguinte, o pensar reivindica para si a singularidade - transforma a negação da universalidade, num momento de pensar. É assim que o pensar <abstrato>, ou o conceito abstrato que deixa fora de si o ser, se torna conceito <concreto> (FEUERBACH, 2002, p. 73).

Para Feuerbach, este processo do pensar promove a universalidade e, promove a condição do homem reconhecer sua universalidade remetida em finitude, isto é, em condição real e material e não de maneira metafísica. Só o pensar é capaz de sobrepor-se sobre os limites naturais, e só o pensar é capaz, e de certa forma responsável, por explicar o homem enquanto ser essencial/genérico. Aqui se evidencia em Feuerbach a importância que a razão possui no processo de produção da consciência e no processo de recuperação da essência. Quando Feuerbach sugere que o pensar transforma a negação da universalidade, num momento do pensar, aquilo a que ele se preocupa é em elucidar a importância que esta qualidade humana possui no desenvolvimento do despertar da consciência. O pensar, para Feuerbach, é um atributo humano e deve ser entendido como um.

Uma comprovação de esta razão ser fonte da consciência, e dela estar fundamentada no real é a seguinte afirmação do mesmo: “O espaço e o tempo não são simples formas fenomenais - são condições do ser, formas da razão, leis tanto do ser como do pensar” (FEUERBACH, 2002, p.88). A razão é a condição do ser, por conseguinte, aquilo que a razão determina é condição da existência, que é a condição para o despertar da consciência. Em outras palavras, a afirmação de Feuerbach salienta a posição que a razão possui no processo de determinar a consciência, ressaltando que tal determinação acontece na condição do real, ou melhor, dizendo na realidade material, finita e natural.

As formas da razão como afirma nosso autor, são, por consequência, os ditames que a razão possui no processo de determinar do gênero, ou no processo de determinar do homem completo e real. A razão determina a compreensão da realidade, ela é responsável por explicar o homem, embora seja necessário salientar

que a razão não é soberana frente aos outros atributos - a saber coração e vontade - , mas a mesma desempenha papel de relevância assim como os outros. Por pressuposto o que se preocupa em destacar neste momento é o papel da razão no processo de desenvolvimento da consciência. A razão é, para Feuerbach, a própria capacidade do ser genérico, uma vez, que a razão é a realização da integridade do homem. O próprio Feuerbach assim descreve em “*A Essência do Cristianismo*”, sobre a razão:

A razão é a própria faculdade do gênero; o coração representa os casos especiais, os indivíduos, a razão, os casos gerais; ela é a força e a essência sobre-humana, i.é., a força ultra e impessoal no homem. Somente através da razão e na razão tem o homem a capacidade de se abstrair de si mesmo, i.é., da sua essência subjetiva, pessoal, de se elevar a conceitos e relacionamentos gerais, de distinguir entre o objeto e as impressões que ele causa no espírito, mas em si mesmo, sem considerar a sua referência com o homem (FEUERBACH, 2013, p. 64).

Somente por meio do uso dessa razão é que o homem é capaz de se abstrair. Porém, este abstrair acontece no sentido de possibilidade de se elevar acima das condições individuais e pessoais. Por meio da razão o homem se torna um ser capaz de se lançar para além de sua essência subjetiva, isto é, sua condição individual para uma projeção integral do homem. A razão para o homem é esta faculdade pura do gênero, faculdade esta que é próprio do gênero por ser justamente a faculdade humana, ou o atributo humano que possibilita entender a sua própria essência precisamente como sua. O papel que a razão assume, principalmente frente a esta afirmação de Feuerbach, é a condição de possibilitar no homem a compreensão dos conceitos concretos e não aqueles abstratos. Apenas a razão proporciona no homem a condição do julgar a realidade e, somente a razão promove no humano a capacidade de compreender essa contradição que é o entender da essência.

Em suma a razão possui dentro da tríade divina da consciência, a função de proporcionar para o homem a compreensão de sua essência, principalmente no que diz respeito ao conceber da essência humana como humana, real e material. E Feuerbach ainda complementa: “Mas quem retira das realidades as limitações? A razão” (FEUERBACH, 2013, p. 67). Portanto, a razão assume esta atribuição de explicar a realidade, no sentido de explicar a realidade como propriamente humana, ou seja, a explicação das coisas - da realidade, da consciência e da essência - são responsabilidades da razão.

O entendimento, ou propriamente dita à razão, é a própria capacidade de identificação do gênero. Tanto que a comentadora Alice Aleixo assim se posiciona sobre este atributo, dentro do entendimento de Feuerbach sobre o mesmo, afirmando que:

O entendimento é implacável, ele é o juiz, o inquisidor, que constantemente me vigia e julga, no confronto permanente entre a minha acção individual e a regra universal. É o entendimento que me coloca em conflito muitas vezes doloroso com os meus afectos e desejos e que me faz agir em contradição com o sentimento. O entendimento representa as situações universais, ele é a faculdade genérica propriamente dita, enquanto o coração representa as situações individuais, particulares, tudo o que diz respeito ao homem incarnado, ao homem real, tal como é aqui e agora, na sua individualidade. É o entendimento que nega a Deus os antropomorfismos religiosos desconhecendo que esse seu Deus abstracto, sem predicados pessoais, universal, metafísico, não é mais que a objectivação da sua própria essência (ALEIXO, 2009, p. 21).

Portanto, a posição ocupada por este entendimento, que significa em outras palavras a razão, destaca-se no sentido puro de possuir a função de proporcionar ao homem o entendimento de sua consciência que vai ser aquilo que possibilita no mesmo a compreensão da sua essência. Este entendimento ou razão ocupa, na obra de Feuerbach, o papel de ser aquilo que possibilita para o ser genérico a capacidade de encarnação da essência humana, e, por conseguinte, a prática da objectivação da mesma, num sentido que só a razão é capaz de promover o entendimento a existência humana, enquanto humana, real e material. Neste momento, após elucidação do princípio de razão, a preocupação volta-se para a explicação sobre a concepção e a fonte do coração ou do sentimento em Feuerbach.

1.2.2 A Fonte do Coração

Após o esclarecimento daquilo que se compreende por razão, dentro da tríade divina antropológica em Feuerbach, a discussão direciona-se para a explicação do segundo pilar desta tríade que é o coração. O coração é a capacidade do sentimento do homem, que é algo que cuida da parte do sentir do homem dentro da compreensão do genérico, integral na teoria do nosso autor. Para Feuerbach, assim como a razão possui a função de explicar a consciência a partir da realidade sensível e material, o coração dispõe da função de possibilitar a consciência o sentir dessa realidade.

A fonte do coração em Feuerbach é o sentimento, aquela capacidade de sentir do homem. Este sentir é identificado como a qualidade que o homem tem de perceber a realidade humana como sensível e material, perceber no sentido de captar as condições sensíveis. O sentir do homem é um dos atributos da tríade que mexe com a apreensão sensível que o homem faz por meio de seus sentimentos. Os sentimentos definem o coração, o coração para o homem no processo de desenvolver desta consciência é aquele pilar que é responsável por possibilitar no homem o sentir. Embora o pensar seja aquele atributo responsável por explicar para a consciência a realidade, tal explicação só pode acontecer quando o homem é capaz de sentir a realidade. Até porque se este sentir não acontecer aquilo que Feuerbach indica como a capacidade de concretização do abstrato, que é algo que não acontece no idealismo, acaba por não acontecer também em Feuerbach, conseqüentemente a efetivação da essência não ocorre, sendo assim o homem não pode mais se reconhecer.

Portanto, o sentir possui esta condição de perceber e apreender a realidade dentro deste processo de formulação, produção e reconhecimento da consciência. Tanto que Feuerbach assim afirma: “O pensamento realiza-se, quer dizer, faz-se objeto dos sentidos. A realidade da ideia é, pois, a sensibilidade, a realidade, a verdade da ideia - portanto a sensibilidade é a verdade da mesma” (FEUERBACH, 2002, p. 78). Com esta afirmação nosso autor quer esclarecer a presença que o sentir, ou o sensível ocupa nesta produção da consciência. Quando ele, então, afirma que o pensamento se realiza enquanto objeto dos sentidos, o que ele de fato defende é que a realização da consciência se dá a partir do sentir. Em outras palavras, aquilo que Feuerbach afirma é que os sentidos ou o ato de sentir humano é a ponte para a consciência se realizar, isto é, como a consciência se produz na realidade real e sensível, o sentir tem como função possibilitar este sentir da essência.

A essência humana para Feuerbach se explica a partir da condição material do homem. É apenas na realização do sentir que a consciência se produz, uma vez que para Feuerbach a consciência humana é uma consciência puramente material, que tem como fonte a realidade material e concreta. A efetivação da consciência humana neste processo de reconhecimento da mesma, passa pelo sentir, pelos sentimentos, o coração abrange esta importância de efetivação da consciência a partir da tríade divina que a compõe.

Feuerbach ainda complementa em seu texto “*Princípios sobre a Filosofia do Futuro*”, sobre o papel do sentir: “Faz-se o pensamento a exigência de se realizar e de se tornar sensível apenas porque se pressupõe inconscientemente que a realidade e a sensibilidade do pensamento constituem a sua verdade. O pensamento verifica-se mediante a sensibilidade” (FEUERBACH, 2002, p. 78 - 79). Assim como afirmado, o pensamento que é responsabilidade da razão, que é um dos pilares da consciência, é incumbido de dar sentido à consciência, e este sentido só o pode ser dado quando este pensar é um pensar real e sensível que se efetiva na realidade material e sensível. Para tanto, isto só é possível quando passa pela qualidade do sentir e do sentimento do homem que é atribuição do coração.

O coração é fonte de amor em Feuerbach, e o amor é a atuação do sentimento. Em tal grau se valida esta afirmação que em *A Essência do Cristianismo* ele assim comenta: “Então o que amo é meu coração, o meu conteúdo, a minha essência. Por que o homem se entristece, por que perde ele a alegria de viver quando perde o objeto amado? Por quê? Porque com o objeto amado ele perde o seu coração, o princípio da vida” (FEUERBACH, 2013, p. 83). O amor é a realização do sensível justamente porque é a parte responsável pelo sentir do homem, visto isto o amor recebe esta importância dentro da tríade divina. A consciência só pode se desenvolver no sensível que é de competência do amor. Em síntese, o amor humano, ou o coração é aquele responsável por revelar a consciência à realidade sensível, que é o local onde a consciência deve acontecer segundo nosso autor. Portanto, minha essência é dotada de amor.

Assim esclarecido os princípios de razão e coração, e após explanação das suas fontes e seus papéis no processo de desenvolvimento da consciência, a terceira preocupação e última parte da tríade divina, torna-se objeto de esclarecimento neste momento descrever a função da vontade neste processo. Vontade esta que se efetiva no produzir da consciência como fonte da manifestação humana na realidade. Nossa discussão volta-se agora para o esclarecimento de o que é esta vontade e que papel ela ocupa no processo deste reconectar com a essência humana, com este produzir do homem em gênero.

1.2.3 A Vontade como Manifestação Humana

Após ter esclarecido como funcionam dois dos três pilares da consciência,

chegamos ao último deles que é identificado por Feuerbach como a capacidade do querer, que é a vontade. Esta vontade possui em nosso autor a mesma importância que os outros dois atributos da consciência, porque esta vontade é a responsável por direcionar o homem no seu agir na realidade. A vontade é a terceira perna desta tríade que compõe o homem e possibilita esse acesso com a essência, de maneira a possibilitar no homem sua completude e integridade. Alice Aleixo, assim se posiciona frente a essa vontade:

A creatio ex nihilo destaca-se por ser o ponto mais alto na afirmação da divindade da vontade. Mas esta vontade não é a vontade da razão que é determinada pelo entendimento e que está na origem dos conflitos morais. Esta vontade é a vontade da imaginação, a vontade absolutamente livre de constrangimentos; esta vontade é o poder de que existe por si mesmo antes de tudo. A criação a partir do nada tem o sentido da nulidade do mundo. O mundo não é nada; a sua existência é contingente. Tal como foi criado pode ser extinto (ALEIXO, 2009, p.29).

Esta vontade é o poder que existe no mundo capaz de modificá-lo. A vontade em Feuerbach possui o papel do querer do homem, que é aquilo que faz com que o homem possa se lançar na realidade. Portanto, a posição que a vontade possui nesse processo de desenvolvimento da consciência, é a posição inicial como aquilo que desperta no homem a necessidade de se reconhecer. A vontade humana é aquela responsável por mover o homem em direção ao seu entendimento, entendimento que se completa no sentir e no pensar, ao passo que o querer possibilita ao homem este lançar-se na realidade. Contudo, compreender esta realidade, por meio da consciência, só é possível para o homem quando ele faz uso dos demais atributos que compõem a tríade da consciência. Por isso a vontade é este ponto de partida para a efetivação da consciência, porém trabalha em consonância com os demais atributos.

A vontade para Feuerbach, nesse sentido, dispõe em seu fundamento da qualidade humana do querer. Quando se apresenta a vontade como manifestação humana, apresenta-se algo que é em suma a capacidade que o homem tem de se manifestar na realidade. Essa vontade detém em si a qualidade humana de mover a realidade, isto é, essa vontade humana é aquilo responsável por despertar no homem a necessidade de entendimento de si. Embora a razão seja incumbida de explicar a consciência, e o coração seja responsável por sentir a essência, tais ações só são possíveis quando este querer acontece no homem. Portanto, esta vontade se efetiva na construção da consciência, por ser ela que inicia esta

construção. A vontade é aquela capacidade do homem que propicia no homem a condição de se lançar para além da individualidade e finitude do homem individual e subjetivo, alcançando o gênero tão defendido por Feuerbach. Nesse sentido, Alice Aleixo ainda complementa:

A correcta hermenêutica da criação revela que esta é a autoconfirmação da subjectividade em oposição ao mundo. O mundo representa o obstáculo, a barreira, entre a minha vontade e a vontade divina livre de todas as determinações; o mundo é o empecilho em que a vontade individual tropeça constantemente. Ora dizer que o mundo foi criado a partir do nada é reduzi-lo à sua verdadeira dimensão, isto é, ao nada. A subjectividade oprimida pelo mundo revê-se na criação a partir do nada, afirma-se pela negação do mundo (ALEIXO, 2009, p. 31).

O mundo que representa este empecilho para que o homem se lance em busca do conectar-se com sua essência. Mundo este que se apresenta como barreira entre o humano cindido entre sua vontade e a vontade individual, quando justamente o homem aceita esta cisão e não procura a superação ou aniquilação desta cisão. Em outras palavras, a correta interpretação dessa vontade, direciona-se no sentido de despertar a capacidade de se lançar no mundo. Lançar-se este de forma a superar a realidade imediata e dada, e buscar um algo a mais dentro da realidade sensível e material, este algo a mais é a essência humana que se efetiva no exercício da consciência.

Por fim, Feuerbach defende que dentro da tríade divina que constrói a consciência, a vontade ocupa a função de iniciar e incentivar o homem para buscar sua essência, busca essa não apenas de contato, mas sim de realização efetiva essencial. A realização no sentido de tomar para si esta essência como propriamente sua, tanto que Feuerbach assim apresenta:

Todos nós viemos ao mundo sem saber e querer - mas viemos somente para que haja saber e querer. De onde então surgiu o universo? Da necessidade, da carência, da inevitabilidade, mas não uma necessidade que está num outro ser diverso dele (o que é uma total contradição), e sim de uma necessidade própria, interna, da necessidade da necessidade, porque sem universo não haveria necessidade, sem necessidade não haveria razão (FEUERBACH, 2013, p. 70).

Esta necessidade posta por Feuerbach é uma força interna e motora que orienta o mundo e o universo humano na direção do lançar-se para além do posto. Portanto, essa necessidade que se apresenta como responsável por dar movimento ao posto é à vontade. Vontade esta que se apresenta no homem como função de despertar nele este sentimento de reconhecimento. Em suma, o que Feuerbach

defende sobre a vontade é aquilo que dentro da tríade divina da consciência humana, é responsável por estabelecer o contato do homem individual com o homem em gênero, essa vontade por preocupação move o homem frente a este objetivo.

Temos aqui a explicação do processo de desenvolvimento da consciência humana, onde temos uma vontade que possibilita ao homem este mover-se em direção ao seu reconhecimento, que é aquilo que Feuerbach chama de essência. Temos a razão que tem por responsabilidade ser aquilo que torna possível para o homem obter reconhecimento de sua essência por meio do pensamento, e, por fim, temos o coração incumbido de sentir essa essência por meio dos sentimentos. Visto que, que a essência para nosso autor só pode se efetivar no humano quando ela é entendida como condição material e sensível no homem - resumindo-se assim o que Feuerbach identifica como tríade divina da consciência.

Demonstrado esta concepção de consciência que é o que para Feuerbach possibilita o acesso efetivo à essência humana, aquilo que ele chama de ser genérico ou homem em gênero. Partindo disto, e desta explanação que foi feita sobre o entendimento por parte de Feuerbach sobre o que o mesmo apresenta em sua produção filosófica a respeito da necessidade de explicação da essência humana e de um reconectar do homem com a mesma. A preocupação a partir desse momento é de explicar o que causa esta perda de essência, isto é, o que causa no homem essa alienação da sua essência, e qual o papel da filosofia no processo de reconexão.

A sequência deste trabalho tem por objetivo esclarecer o motivo causador da alienação do homem frente a sua essência, e qual ou o que possibilita para homem este acesso a seu gênero. Até o momento preocupou-se em definir o que é a essência humana na concepção de Feuerbach, e o que é preciso para possibilitar o acesso ao mesmo. Ainda se faz necessário apresentar o que causa esta privação da sua essência que é a alienação, e, por fim, quem ou o que seria responsável por proporcionar este contato e entendimento sobre a essência humana, que é responsabilidade da filosofia. Em suma, esta dissertação possui a partir deste momento a pretensão de expor o que é a alienação em Feuerbach e quem é responsável por despertar no homem este resgate de sua essência, que é de incumbência da filosofia, ou ao menos de um tipo específico de filosofia.

2. A FONTE DA ALIENAÇÃO PARA FEUERBACH

Apresentado, portanto, no capítulo anterior a fonte da essência humana para Feuerbach, e conseqüentemente qual é o caminho a ser seguido para ter acesso à mesma, ou ainda qual a qualidade humana que torna possível esse acesso. A preocupação neste momento circula na discussão sobre a fonte causadora do distanciar que acontece entre o homem e sua essência. De tal forma que o cerne desta discussão a partir de agora torna-se a explicação sobre aquilo que Feuerbach compreende como fator alienante entre o homem e sua essência.

Para tal proposição, tem-se por necessidade salientar que, embora a filosofia feuerbachiana se estruture em uma crítica para com a religião, que para nosso autor é a fonte da alienação. Nosso propósito neste ponto da dissertação é esclarecer o motivo que leva o mesmo a pôr a religião como centro desta alienação, e ainda como isto se projeta na discussão filosófica de homem e, por fim, como isto acarreta um debate político e não religioso.

A proposta aqui se fundamenta na estruturação de uma explicação sobre o que Feuerbach entende como alienação, e, por conseguinte o que causa esta alienação no homem. Segundo nosso autor, o homem perde contato com sua essência e sendo assim perde sua qualidade de agir ativamente na realidade. Esta realidade que se configura como a realidade política, que no que nos concerne, é a realidade humana por síntese.

Tratar o homem em gênero para Feuerbach é trata-lo dentro de uma realidade ativa, o que para ele se fundamenta e se explica dentro do âmbito político do homem. O homem é o único ser que sente necessidade de se organizar politicamente, em outras palavras, é o único ser que tem por necessidade se relacionar com os outros de sua espécie e, este relacionar só pode acontecer de forma ordenada e coordenada. Sendo essa realidade uma necessidade, o ponto chave desta dissertação é apresentar o que impossibilita o homem, segundo Feuerbach, de estabelecer acesso com essa sua realidade de forma ativa.

A religião em Feuerbach ocupa papel de destaque, e deve ser reinterpretada, para que possa possibilitar ao homem o então reconectar com sua essência e, com sua realidade. Vale salientar que Feuerbach destaca que a essência humana é a própria fonte da religião e deve ser entendida como tal. E ainda que a filosofia tem

por objetivo tornar-se a nova religião para proporcionar no homem ação do mesmo em sua realidade.

Para Feuerbach é de extrema importância que o homem seja capaz de reconhecer o papel da religião na sua realidade, ou ainda é de fundamental importância que o homem identifique qual a função da religião no processo do despertar da consciência. Para ele, a religião é o ponto de acesso para a essência humana. A religião, ou mesmo a crença que a religião desperta, funciona como um pontapé inicial para que o homem desperte sua ação consciente e conseqüentemente acesse sua essência, que é aquilo que torna possível que o mesmo se torne apto a agir ativamente em sua realidade humana, sensível e material. De modo que em "*Necessidades de uma Reforma da Filosofia*", Feuerbach assim postula:

O que o pensador, antes da consciência, tem no conhecimento, o homem prático tem-no no seu impulso. Mas o impulso prático na humanidade é o impulso político, o impulso a participar activamente nos negócios do Estado, o impulso para a supressão da hierarquia política, da insensatez do povo, o impulso para a negação do catolicismo político. A Reforma destruiu o catolicismo religioso, mas os tempos modernos puseram em seu lugar o catolicismo político. Pretende-se agora, no domínio da política, o que a Reforma quis e projectou no domínio da religião (FEUERBACH, 2002, p.17).

Aquilo que Feuerbach postula com tal afirmação, é a posição que a religião ocupa enquanto algo positivo para a consciência humana. Para ele, a religião tem a função de impulso no processo da consciência. Segundo ele, este impulso é um impulso político, no sentido de promover no homem essa força interna que torna possível que o homem possa agir de maneira prática e ativa na realidade. O que Feuerbach destaca como carácter positivo dessa religião é a necessidade que o homem detém de uma força interna, que possibilite nele a condição de ativar seu processo de consciência e posteriormente reconhecer sua essência e, por fim, ser capaz de agir na realidade humana, a reconhecendo como humana e como sua.

Porém, essa religião sofre uma alteração ao longo de sua existência, deixando de possuir um carácter de chama que queima e promover no homem a capacidade de se lançar na realidade, para passar a deter posição de fator alienante. Esta posição de fator alienante é assumida pela religião ao passo que a mesma adquire uma postura de instituição, passando então a dispor da condição de força externa que orienta o homem a partir de uma cisão com sua essência e, não ao contrário como uma conexão para com a essência. O problema reconhecido por

Feuerbach frente à religião é justamente esta cisão. Segundo ele, a cisão retira do homem sua qualidade suprema que é a sua essência, objetivando-a dando-lhe a condição de Deus.

A fonte da alienação, para Feuerbach, consiste neste processo de objetivação que a religião enquanto instituição atribui à essência humana, tornando-a algo estranho ao homem e fazendo dele seu escravo e discípulo. No sentido de promover no homem esta perda do acesso com a sua consciência, tornando-o um ser sem reconhecimento, o qual só consegue identificar sua consciência como algo que lhe é dado por Deus, e não algo que lhe é seu. Esta objetivação que se propõe no homem, nada mais é que a própria condição de objetivação do sujeito, tanto que o comentador Francesco Tomasoni em seu texto “*Ludwig Feuerbach e a fratura do pensamento contemporâneo*”, assim apresenta a questão da objetivação:

Essa concepção da alienação humana apoia-se no processo de objetivação do sujeito. ‘Por isso, aqui se aplica sem nenhuma restrição a seguinte proposição: objeto do sujeito não é outra coisa senão a essência objetivada do próprio sujeito [...]. A consciência de Deus é a consciência de si do homem’ (TOMASONI, 2015, p.91).

O que nosso comentador aqui expõe é a condição que a religião assume enquanto capacidade de objetivação, que nada mais é que a própria essência do homem. Expõe ainda como essa objetivação causa no homem essa posição de alienação frente a sua realidade, de maneira a acarretar no homem essa perda de contato dinâmico com sua própria realidade, onde tal processo passa a ser feito por intermédio da força externa que por meio da pura bondade, fornece ao homem este contato. Assim sendo, Feuerbach assume a posição de discutir tal processo de alienação, e ainda se preocupa em mostrar no homem e para o homem como este pode superar tal processo, tanto que Francesco Tomasoni ainda apresenta em seu texto já citado a pouco, qual a posição assumida por Feuerbach, sendo ela a seguinte: “Ele se propôs libertar as potencialidades guardadas na religião a fim de uma mudança efetiva do homem e da sociedade” (TOMASONI, 2015, p.84). Isto posto, a pretensão manifestada na filosofia de Feuerbach é, primeiro, de apresentar a fonte da essência humana e o que torna possível o acesso do homem com tal essência. Segundo, apresentar o que causa a perda deste acesso - a saber, nosso objeto de discussão neste momento do texto – e, por fim qual o papel que a filosofia assume neste processo todo.

Por conseguinte, neste momento o texto se orienta no sentido de apresentar a fonte da alienação para nosso pensador. Como este processo se apresenta na existência prática do homem, que se fundamenta na proposta de Feuerbach ao longo de sua produção filosófica. Também são pretensões deste texto, nesse momento, a estruturação de uma crítica por parte de Feuerbach frente a seu mestre - a saber, Hegel -, e ainda de uma aproximação do conceito de alienação entre Feuerbach e o jovem Marx.

À medida que na crítica construída por Feuerbach para com a questão da alienação, tal crítica se constrói de encontro com o pensamento hegeliano que se apresenta, segundo nosso autor, como uma forma abstrata de explicar o homem e por sua vez detém em si a estrutura do fator alienante para Feuerbach. E de maneira a ir ao encontro da perspectiva do jovem Marx a respeito de tal assunto, visto que na postulação de sua teoria filosófica, Marx propõe que para se pensar o homem é preciso pensa-lo de forma efetiva e real, a partir de sua base que é construída dentro da realidade material. Sendo esta realidade a fonte de toda postulação e explicação do homem, algo que tanto Feuerbach quanto Marx concordam ser uma questão que não é contemplada de forma efetiva na filosofia hegeliana que tem como fonte da explicação do homem a ideia pura que se realiza no espírito absoluto e, não na realidade material e real como ambos defendem.

Nessa perspectiva, Feuerbach promove um distanciamento de seu mestre Hegel, quando ao encaminhar para Hegel sua dissertação de doutorado, encaminha anexado a ela uma carta de agradecimento aos ensinamentos recebidos do mestre. Nesta carta trata de esclarecer que, embora tenham sido de grande valia tais ensinamentos, são eles ainda precários e inacabados segundo nosso autor, e sendo assim não satisfazem a compreensão real e material do que seria o homem. Posteriormente a esta carta, Feuerbach também se dedica em escrever um texto intitulado *Para a crítica da Filosofia de Hegel*, onde ele descreve de forma esclarecida o motivo pelo qual a filosofia de seu mestre contém erros, e por sua vez quais são esses erros.

Portanto, nossa intenção a partir de agora é, em primeiro momento, esclarecer o porquê de, segundo Feuerbach, o idealismo hegeliano não explica o homem real e material. Assim como também não esclarece como acontece o processo da consciência, e por fim como o mesmo promove a relação do homem com sua essência. Sendo que, para Feuerbach, em Hegel existe uma produção

sobre o processo da essência humana que não leva em consideração aquilo que para Feuerbach é essencial neste processo, que seria a consideração dos atributos humanos como responsáveis por despertar esta consciência que justamente é a responsável por não possibilitar o contanto do homem com sua essência.

Hegel acaba por não considerar as capacidades corretas do homem para produzir este processo, ao passo que para Feuerbach existe uma carência em seu mestre por não explicar como esta consciência acontece no homem. Ou ainda, Hegel embora de forma elaborada produza uma explicação sobre como alcançar a autoconsciência, ainda sim esta elaboração é falha porque segundo Feuerbach não explica a fonte da consciência. Hegel não entende esta consciência como algo que surge da realidade natural e material do homem, mas sim algo que teria como fundamento a ideia pura que se aliena, e por isso justamente não dá conta de explicar o porquê de o homem ser consciente e dotado desta consciência. Esta ideia pura para Feuerbach não condiz com sua interpretação sobre o homem que está estruturada no real e não no ideal. Sendo por esse motivo, a filosofia de Hegel ser vista por parte de Feuerbach como especulativa. Para tanto, este texto se direciona nesse caminho, neste primeiro momento.

2.1 A CRÍTICA AO IDEALISMO HEGELIANO

Ludwig Feuerbach, embora tenha sido discípulo de Hegel, demonstra grande discordância de seu mestre com relação à proposição da fundamentação do homem enquanto ser essencial. A principal crítica que Feuerbach vai desferir a seu mestre é que para Hegel a condição de uma explicação da essência humana está baseada na condição do espírito absoluto. Para nosso autor a filosofia hegeliana se torna especulativa, ao passo que promove uma imediaticidade por parte da construção da compreensão do homem. Em outras palavras, a filosofia hegeliana se baseia na superação de uma realidade finita onde o homem acaba que por alcançar uma liberdade perfeita quando por meio da dialética hegeliana, acaba que por superar esta finitude alcançando por sua vez o absoluto.

Segundo Feuerbach o idealismo é dotado de falhas primordiais, à medida que coloca a história como elo final para estabelecer suporte para o alcance do espírito absoluto. Para Feuerbach a grande problemática que não é explorada por seu mestre é o fato de que a história possui sim grande importância para a

fundamentação do homem essencial. Porém, esta história não é ponto de chegada para esta fundamentação, é sim um elo construtivo de um processo que não se sublima na constatação do espírito absoluto, mas que tem papel ativo em uma estruturação da finitude humana.

Tanto que nosso autor em seu texto, *Teses provisórias para a Reforma da Filosofia*, assim apresenta: “O espírito absoluto de Hegel nada mais é do que o chamado espírito finito, abstracto, separado de si, da mesma maneira que o ser infinito da teologia nada mais é do que o ser finito, abstracto” (FEUERBACH, 2002, p.22). Para Hegel a realização do espírito absoluto se dá de forma abstrata, onde se fundamenta o espírito da religião, arte e da filosofia, significa para tanto fundamentar o espírito absoluto. Porém, para nosso autor, tal fundamentação não pode ocorrer separada das sensações humanas, conseqüentemente, tal realização não acontece de forma abstrata. O que Feuerbach defende com esta afirmação, é que este espírito absoluto que nada mais é que uma abstração do finito, sendo esta abstração uma cisão do homem com este espírito e de maneira alguma uma auto-realização do homem nessa infinitude.

Seguindo estes apontamentos, ainda podemos destacar o que Feuerbach comenta nesse mesmo texto citado acima, fazendo a seguinte colocação: “Abstrair significa pôr a essência da natureza fora da natureza, a essência do homem fora do homem, a essência fora do acto do pensar” (FEUERBACH, 2002, p.22). Aquilo que Feuerbach aqui aponta é o caráter alienante da filosofia hegeliana onde, segundo ele, acontece um retrocesso por parte de Hegel, à medida que afirma que o ato de abstrair consiste não em um processo de alcançar a fonte do absoluto, mas sim consiste num processo de retirada da essência tanto do homem, quanto da natureza do processo do pensar. Para nosso autor, quando a filosofia hegeliana promove o ato de abstrair, promove com isso a retirada dessa essência no processo do pensar, isto é, com a abstração Hegel promove a externalização dessa essência, tornando-a algo diferente a seu processo.

Feuerbach explica ainda, pouco à frente da passagem anterior, que a evidência de que o espírito absoluto não pode promover um separar-se, uma vez que o mesmo se apresenta a partir do espírito finito, tal que assim se apresenta em seu texto:

A prova evidente de que o espírito absoluto é o chamado espírito finito, subjetivo, portanto, de que aquele não pode e deste separar-se é a arte. A arte promana do sentimento de que a vida neste mundo é a vida verdadeira, de que o finito é o infinito - promana do entusiasmo que vislumbra num ser determinado e real o ser supremo e divino (FEUERBACH, 2002, p.23).

A consciência só pode ser fruto de algo finito e real, ela só pode ser e se promover no homem quando faz uso de atributos humanos, algo já explanado no capítulo anterior. Nesse sentido, Feuerbach afirma que o espírito absoluto de Hegel não pode ser ponte da consciência. A natureza não pode ser o ponto final para a promoção da consciência e sim, a natureza que possui papel de elo nesse processo de promoção, a consciência acontece dentro da natureza e, não o contrário, no sentido de a natureza desenvolver a consciência. Dito de outro modo, a consciência é a responsável por estabelecer conexão entre o homem e sua essência, assim sendo, tal conexão acontece dentro da natureza. Dessa forma a constatação da essência humana acontece dentro da natureza e, não de maneira que a natureza proporciona o acesso da consciência ao espírito absoluto quando causa o abstrair do idealismo.

A constatação do real é a responsabilidade que a consciência deve assumir. Porém esta constatação não pode acontecer de maneira especulativa, de forma puramente abstraída, tal ação retira do homem a capacidade do real, da limitação humana. Para Feuerbach, o principal erro do idealismo de Hegel encontra-se na infinitude do espírito absoluto, isto é, quando Hegel postula que o espírito absoluto é a sublimação do ato filosófico, de maneira que possibilita neste agir a capacidade de se alcançar a verdadeira essência, onde essa essência é uma verdade absoluta e metafísica, aí segundo nosso autor, está o erro.

Ao passo que, para Feuerbach, constatar o homem a partir de uma condição abstrata e infinita, supre apenas a necessidade imediata que o homem tem de alcançar respostas. Por isso, segundo Feuerbach, a infinitude do espírito absoluto é um erro, por se construir além da realidade humana, onde acaba por não contemplar o mais importante que é a condição finita do homem, o qual, para Feuerbach, só pode o homem construir e conquistar sua essência dentro da realidade finita do homem. Para Feuerbach o erro de Hegel está em não levar em consideração que a fonte da essência humana - que a fonte do reconhecimento humano - não está em uma realidade abstrata onde o ser, ou a essência do ser, encontra-se em

completude, mas sim que esta completude acontece dentro da realidade material e finita.

Para Feuerbach, a grande fonte da essência humana está na finitude, está na capacidade de limitação que o homem é capaz de identificar quando faz uso de sua consciência, algo que para ele só é possível quando a consciência é despertada a partir da natureza sensível e material, e não alcançada de forma abstrata. Nesse sentido, assim afirma Feuerbach:

Onde não existe nenhum limite, nenhum tempo, nenhuma aflição, também aí não existe nenhuma qualidade, nenhuma energia, nenhum espírito, nenhuma chama, nenhum amor. Só o ser indigente é o ser necessário. A existência sem necessidades é uma existência supérflua. O que é em geral isento de necessidades também não tem qualquer necessidade de existência [...] Só merece existir o que pode sofrer. Só o ser doloroso é um ser divino. Um ser sem afecção é um ser sem ser. Mas um ser sem afecção nada mais é do que um ser sem sensibilidade, sem matéria (FEUERBACH, 2002, p. 27).

O que Feuerbach pretende com tamanha afirmação é apresentar a defesa de que uma existência só tem sentido quando possui em si um limite. Para nosso autor a existência da essência e da consciência está vinculada conseqüentemente à questão sensível e material. O idealismo, ao propor que a fonte de tais qualidades tem seu fundamento em algo abstrato, comete seu erro por não reconhecer que tanto a consciência quanto a essência possuem seu fundamento apenas no real, sensível e material e, só se pode pretender tal concepção a partir de uma realidade limitada e finita.

Apenas o homem real, em consonância com a natureza do homem em gênero e com a própria natureza (finita e determinada), pode ser e reconhecer o homem e sua essência, não podendo ser feito tal reconhecimento de forma ideal e abstrata. O filósofo, mestre admirado por Feuerbach, compreende a construção da consciência de maneira ideal e abstrata, rejeitando a finitude e materialidade desse processo de construção, cometendo o erro identificado por Feuerbach no idealismo. Tanto que Feuerbach em seu texto "*Para a crítica da Filosofia de Hegel*", qualifica a condição do espírito, ou a condição da consciência apontando o erro exato cometido pelo idealismo, ele assim defende:

É certo que o espírito, a consciência, é "gênero que existe como gênero"; mas o indivíduo, o órgão do espírito, a cabeça, por mais universal que seja, é sempre assinalado por um nariz determinado, seja ele adunco ou arredondado, fino ou grosso, comprido ou curto, curvo ou direito. O que um dia entra no espaço e tempo tem também de se submeter às leis do espaço

e do tempo. À entrada do mundo, como um guarda, encontra-se o deus *terminus* [Deus limite]. A condição para entrar é a autolimitação. Seja o que for que se torne real só se torna real como algo determinado. Uma encarnação do gênero em toda a sua plenitude numa única individualidade seria um milagre absoluto, uma supressão violenta de todas as leis e princípios da realidade - seria de fato o declínio do mundo (FEUERBACH, 2012, p. 26-27).

O real e determinado acontece na construção do material, da realidade. Ao fazer tal afirmação, Feuerbach passa a defender a postura de uma composição material e sensível da consciência e da essência humana. Embora, ele mesmo reconheça que pensar a consciência, ou o gênero em si pressupõe uma concepção universal e, uma concepção metafísica e até mesmo abstrata, tal concepção só pode ser mensurada na qualidade de limite, na condição de finitude. A compreensão desta consciência ou até mesmo a fonte desta consciência é em seu sentido puro algo determinado, sensível e material.

Para Feuerbach, a condição de toda esta produção da consciência e do gênero é a autolimitação, ou seja, quando Hegel apresenta que a sublimação da consciência é o espírito absoluto, onde se completa na infinitude tal processo. Tamanha afirmação permite o erro do idealismo para Feuerbach quando afirma que alcançar uma encarnação do gênero de forma absoluta, abstrata e indeterminada seria um milagre. Seja o que for que possibilita algo como real, este possibilitar só pode acontecer a partir do determinado, isto é, a posição de Feuerbach frente a seu mestre Hegel, é a posição do materialismo frente ao idealismo, em suma, não é a ideia que promove a consciência e, por conseguinte, o gênero, mas sim o material sensível e determinado. Em um dos trechos da carta que Feuerbach encaminha a Hegel junto com sua dissertação de doutorado, nosso autor assim se posiciona:

Agora é o momento de uma nova fundamentação das coisas, uma nova história, uma segunda criação, em que a forma geral de olhar as coisas não seja o tempo nem o pensamento de aqui e ali, mas a razão. Se, como pode provar com clareza, o homem se há culpado das mais loucas contradições, se igualmente só se fala de coisas desprendidas e separadas do pensamento, deixando de lado a opinião de que o pensamento seja algo subjetivo e não real, sem o homem, como as coisas mesmas, não existem em toda parte externa do pensamento, se o pensar, tudo o que o engloba, é o espaço real de todas as coisas e de todos os assuntos, mesmo que a coisa toda ou o sujeito são tais únicos através da sua representação no pensamento dos mesmos; se todos estes fatos são apresentados, em seguida, é claro que, se o Eu, o eu (e com eles uma infinidade de coisas que dependem dele) ele é superado em conhecimento como um princípio absolutamente firme, geral e determinante do mundo e de sua percepção, desaparece a forma geral até mesmo de ver e avaliar as coisas, a tal ponto que já não o que era antes, e sem dúvida, morrer sem remissão. Portanto, o que se trata agora não é o desenvolvimento das ideias em sua forma geral

e abstrata, em sua pureza isolada e em seu estar fechado dentro de si, mas de aniquilar verdadeiramente as formas de captação histórico-universais desenvolvidas até o momento ao longo do tempo, a morte, vida aqui e além, o indivíduo, a pessoa, e sobre a pessoa está fora de finitude, referido no absoluto e absoluta, ou seja, Deus, etc., em cujos conceitos a fundação está contido a história que se desenrolou até hoje, e também as formas do sistema de origem da representação cristã, tanto ortodoxa como racionalista, está agora a aprofundar o fundamento da verdade, e introduzir no lugar, como uma visão que caracteriza o mundo presente imediato, conhecimento estão envolvidos no reino atual da filosofia como um objetivo em si e aquilo que o transcende, na forma da universalidade e da verdade pura (FEUERBACH, 1993, p. 11) (tradução nossa).³

Com esta carta Feuerbach rompe de vez com seu mestre, ao pressupor que a filosofia de seu antecessor não passa de um método especulativo que não contempla a finitude da realidade humana. Ao defender tal posicionamento, Feuerbach se coloca contrário a Hegel e, principalmente, contrário ao idealismo, que defende que a fonte e resultado final de toda ação principalmente humana é a ideia pura. Para Feuerbach a fonte e resultado de toda ação humana deve ter como princípio norteador uma filosofia que se baseia pura e exclusivamente na razão, ou seja, uma filosofia que tenha origem no homem e na sua condição de finitude. Aquilo aqui defendido por nosso autor, é que a verdade pura não pode ser alcançada além da finitude, que o homem só se completa e explica a partir da mesma.

Em seus primeiros escritos, o jovem Feuerbach já se posiciona contrário a Hegel. Para ele a posição assumida pelo pensador idealista é contrária à concepção que ele mesmo vê como essencial para o entendimento do homem contemporâneo e material. Para Feuerbach a compreensão e fundamentação do referido assunto sobre o que é o homem, e ainda o que é a natureza, e como tais coisas se explicam, parte de uma concepção materialista de entendimento.

Nesse sentido, Feuerbach se posiciona como ferrenho crítico da religião e da filosofia da religião. Para tanto, quando ele se posiciona contrário ao pensamento de Hegel e de seu idealismo, ele está também se posicionando contra a toda uma história e tradição que foi construída tendo sua base e fonte no posicionamento religioso que coloca para fora do homem todas as suas capacidades e qualidades, exteriorizando a tal ponto que o homem perde o contato com tais capacidades, não as percebendo mais como dele.

³ A referida carta que Feuerbach encaminha a Hegel junto com sua dissertação de doutorado, encontra-se disponível na edição em espanhol de sua obra "*Pensamento sobre morte e imortalidade*".

Quando Feuerbach se declara crítico deste posicionamento, declara-se contrário a toda realidade humana a qual é extraída do homem e abstracionada do mesmo, inclusive se estende a todas as instâncias humanas, principalmente a política. Aliás, em *Preleções sobre a essência da religião*, o mesmo declara que após revisar seus textos anteriores, constata que a postura a ser assumida com relação à proposição frente ao entendimento e explicação sobre o homem deve ser baseada em uma condição prática e material do homem e de maneira alguma teórica e especulativa, como até então se era feito. De tal forma que ele assim se posiciona já em sua primeira preleção:

A religião, o objeto dessas preleções, está intimamente ligada à política, mas nosso interesse principal não é o presente à política teórica, e sim a prática. Queremos participar da política ativa e diretamente, porém falta-nos a tranquilidade, o ânimo e a disposição para ler e escrever, ensinar e aprender. Já de há muito nos ocupamos e satisfazemos bastante com o discurso e a escrita; exigimos que finalmente a palavra se torne carne, e o espírito, matéria; estamos fartos tanto do idealismo filosófico quanto do político; agora queremos nos tornar materialistas políticos (FEUERBACH, 2009, p.13).

Portanto, aquilo de que aqui se trata agora, não é de forma alguma uma formulação de pensamento presa a uma postura idealista e teórica, que elege como fonte de consciência humana um parecer teórico que propõe ao homem apenas uma participação especulativa dentro de sua realidade. A proposta de Feuerbach ao longo de sua produção filosófica é apresentar que a principal preocupação do homem frente a sua realidade é de que ele deve se tornar um materialista político. No sentido que o mesmo deve ser capaz de reconhecer a realidade a partir de uma consciência que lhe é sua, e que a mesma é despertada a partir de atributos puramente humanos, e não por uma concessão metafísica. A nova religião deve ser materialista e não metafísica.

Sendo esta nova religião, fundamentada em uma estrutura baseada na finitude humana, onde só é possível a proposição de qualquer explicação ou condição humana a partir do sentir finito e limitado. Tanto que nosso autor em sua segunda preleção sobre a religião, assim se posiciona frente à concepção de Hegel a religião:

A religião não contém somente, como afirmou Hegel, imagens fantásticas e afetivas de pensamentos especulativos, mas antes um elemento diverso do pensamento, e este não é uma mera forma e sim sua essência. Esse elemento podemos denominar como uma palavra: sentido, porque também a emoção e a fantasia estão enraizadas no sentido. [...] Sentido não é para

mim nada mais que uma unidade verdadeira, não pensada ou artificial, mas existente do material e do espiritual, significando, pois, para mim o mesmo que a realidade (FEUERBACH, 2009, p. 25).

A principal crítica apontada por Feuerbach frente a Hegel, e posteriormente a questão da posição do idealismo, em especial o hegeliano, é que segundo esta linha de pesquisa a questão do sentido é deixada de lado, uma vez que se promove em tal movimento uma filosofia especulativa. Como exposto por Feuerbach, o sentido configura-se não como uma condição humana pensada ou artificial, mas sim como uma condição material e espiritual. Em suma, aquilo que nosso pensador aqui expõe é o sentido, isto é, a qualidade de sentir do homem é onde está enraizada a base da realidade e, onde se fundamenta a capacidade que o homem possui de se explicar.

Com isso, a posição contrária por parte de Feuerbach frente ao seu mentor, caracteriza-se na postulação de uma visão fragmentada do todo por parte do idealismo. Dizendo de outro modo, a posição assumida pelo idealismo incomoda nosso autor, a medida que para a filosofia hegeliana, os assuntos por ela discutidos, são tratados de maneira especulativa, ou seja, não são discutidos de maneira completa e integral. A grande discordância de Feuerbach frente ao idealismo consiste em o idealismo tratar as questões fundamentais sobre a explicação do homem, de maneira contemplativa e não de maneira material. Em suma, o reconhecimento feito por parte do idealismo é carente por apresentar uma discussão despreendida do real.

Embora a proposta filosófica de Hegel seja elaborada de forma sistêmica e organizada, Feuerbach a indica como uma proposta especulativa ou carente por, segundo ele, não considerar a questão mais importante do processo de compreensão do homem que é a realidade material, sensível e finita. O idealismo de Hegel é carente para Feuerbach, porque apesar de considerar a realidade material em seu processo de explicação da autoconsciência, não o considera de maneira correta. Para Feuerbach a realidade material, que no idealismo é não consciente, deve ser parte do fundamento da consciência, ainda que Feuerbach concorde com o Hegel em postular que a realidade material e sensível não é consciente, ainda sim ela não deve ter papel secundário no processo de desenvolvimento da consciência.

O idealismo de Hegel se apresenta de forma especulativa para Feuerbach porque considera como princípio de todo processo de desenvolvimento da consciência a ideia pura e, não a natureza ou mesmo a realidade material.

Feuerbach discorda de seu mestre justamente por ser o idealismo, em especial o de Hegel, um modelo filosófico que aproxima sua explicação do homem com o modelo religioso de explicação do homem. Isto é, o principal erro da religião assumido pelo idealismo, segundo Feuerbach, é postular esta explicação do homem fundamentada em uma condição metafísica e abstrata, onde ao momento que o homem inicia este reconhecimento de si, sente-se alheio a este processo por não reconhecer-se como sendo o principal elo da corrente neste processo. Ou seja, por não perceber que a explicação parte de si, mas sim por perceber que esta percepção que é a própria consciência, é algo dado-lhe por uma condição metafísica e abstrata – a saber, Deus na religião e a ideia pura no idealismo.

Não obstante, a crítica feita à religião, por parte de Feuerbach, encontra-se também direcionada a Hegel, quando o referido mestre coloca a filosofia como ponte de acesso ao espírito absoluto, sendo que esta ponte de acesso é a única fonte para tal espírito absoluto. Segundo Feuerbach, seu antigo mestre acaba por promover uma “religião”, enquanto produz sua filosofia. O erro que se apresenta é em promover uma filosofia especulativa que acaba sendo, em última análise, entendida como o ápice do pensamento filosófico até então. Em síntese, a crítica que Feuerbach profere ao idealismo fundamenta-se na autoafirmação por parte dos idealistas em colocarem o idealismo, que compreende o homem a partir de uma posição abstrata e não real, como plenitude da produção humana filosófica.

Para Feuerbach, a filosofia puramente especulativa não funciona, ou seja, a filosofia deve possuir em si este movimento da práxis⁴. A verdade do homem acontece neste dialogar com a realidade humana. Quando Hegel promove sua filosofia como a plenitude de todo processo filosófico, ele acaba que por cair no mesmo erro da religião, que retira do homem sua essência, exterioriza tal qualidade, e lhe atribui um outro nome. Processo no qual o homem acaba por perder contato com esta essência e não se reconhecer mais nela - a saber, os nomes dados para

⁴ Cabe aqui salientar (para não se cometer um anacronismo), que embora o termo práxis seja uma criação de Marx para explicar a filosofia, faz-se uso deste termo neste momento do texto, para exemplificar o erro cometido por Hegel, segundo Feuerbach, quando não compreende a filosofia como um movimento do real, como um movimento que está em constante contato com a realidade material. Quando Marx vai postular em a *Ideologia Alemã*, que a filosofia deve ser entendida como um movimento da *práxis*, ele identifica justamente este processo que Feuerbach está descrevendo. Vale salientar aqui também que, todavia, Marx profira críticas a Feuerbach por sua produção filosófica, cabe destacar que o processo de desenvolvimento marxista desfruta da produção feuerbachiana. Portanto o uso da expressão *práxis tem* como objetivo apenas exemplificar aquilo que Feuerbach está defendendo, e em contrapartida aquilo que ele está condenando no processo idealista hegeliano.

esta essência, tanto na religião judaico-cristã, tanto no idealismo, são respectivamente Deus e espírito absoluto. De tal forma apresentado, que se identifica no comentador Eduardo Chagas, o seguinte posicionamento frente ao erro identificado por Feuerbach para com relação ao idealismo, assim expressado:

A falta fundamental do idealismo consiste, segundo Feuerbach, nisto, a saber, que fica parado no ponto de vista do entendimento, no ponto de vista teórico, na questão do caráter objetivo ou subjetivo do mundo, da realidade ou irrealidade da natureza, enquanto que a natureza é originalmente um objeto do ser e só através deste um objeto do entendimento. A natureza, assim como ela é objetivamente, independentemente é, portanto, nenhuma representação do pensamento, mas a base, o fundamento do mesmo, o pressuposto e a condição natural do processo de realização da liberdade, de produção e reprodução da vida humana (CHAGAS, 2015, p. 27-28).

A falta, identificada por Feuerbach, frente ao idealismo e tudo aquilo até aqui exposto, consiste na falha que o idealismo dispõe de não reconhecer a questão de o espírito não ser a causa derivadora da existência, mas sim ser produto de uma existência natural. Para identificar em nosso autor este caráter, vale salientar a condição de dependência que aqui se inverte na proposta de Feuerbach. A grande diferença salientada entre Feuerbach e seu ilustríssimo mestre é a inversão que Feuerbach propõe para com a teoria idealista de Hegel. Para Feuerbach, o idealismo não percebe a condição de dependência e correlação que o homem detém para com a natureza.

Em nosso referido autor, a natureza não é uma subordinação do espírito absoluto que se aliena em espírito subjetivo e em natureza não consciente, e por isso subordinada. Embora em Feuerbach a natureza continue a não ser consciente, é ela a produtora da consciência, uma vez que é nela que se identifica toda a condição de existência. Ou melhor, dizendo, em Feuerbach a natureza não necessita de uma consciência, mas sim é ela produtora da consciência humana, de tal maneira que no idealismo propriamente de Hegel acontece uma inversão da produção da consciência, onde a fonte de produção da consciência é a ideia pura e não a natureza, causando para tanto uma necessidade por parte da natureza de ser consciente. A natureza em Feuerbach não necessita de uma consciência, visto que ela é fonte produtora do homem, um ser consciente, porém material que tem por condição existir graças a uma causalidade natural.

Aquilo em que Feuerbach se expressa totalmente contrário à posição de seu mestre, é que a consciência do homem é um produto natural, provindo da natureza

onde se fundamenta a essência humana, que tem sua explicação a partir dos atributos da tríade humana que são extremamente materiais. Já apresentado no primeiro capítulo desta dissertação, a essência humana tem sua fundamentação na materialidade natural, uma vez que os atributos humanos - razão, vontade e coração - só se manifestam na realidade natural do homem, sendo, portanto, algo extremamente controverso Hegel defender que a fonte do homem é o espírito. Até porque Feuerbach vai demonstrar ao longo de sua produção filosófica que a consciência só se expressa de maneira material, sendo uma produção material e de maneira alguma fruto da ideia. De tal maneira que o comentador de Feuerbach, Rosalvo Schütz, assim apresenta em sua obra *Religião e Capitalismo, uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*, o erro cometido por Hegel quando propõe a condição de autorreflexão:

Em Hegel, o mundo invertido, embora seja um aparecer enganador, carrega em si momentos que são constituidores da possibilidade de autoconsciência. É resultado do desenvolvimento, faz parte da processualidade da consciência em direção da autoconsciência, sendo uma primeira forma, embora ainda externa ao sujeito, enquanto algo auto reflexivo (SCHÜTZ, 2001, p. 54).

Como destacado, em Hegel tem-se uma postura invertida do mundo. Em outras palavras, em Hegel destaca-se um processo de produção de autoconsciência que se forma de cima para baixo, não se levando em consideração a condição natural. O processo de desenvolvimento acaba por produzir aquilo que nosso comentador identifica como consciência externa do sujeito. Visto isso, o ponto central da crítica de Feuerbach direcionada a Hegel é que o mestre do idealismo desenvolve um processo de explicação da produção da consciência, a qual parte de fora do sujeito. Para Feuerbach, Hegel desenvolve um processo de explicação da consciência que não contempla a própria consciência ou, dizendo de outra forma, o mestre idealista promove um método de investigação acerca da consciência que não produz uma explicação humana sobre o desenvolver da autoconsciência.

O erro do idealismo, em especial o de Hegel, é que na tentativa de demonstrar como o homem tem acesso a sua consciência ou ainda como o homem estabelece contato com a mesma, Hegel acaba por inverter uma parte de extrema importância desse processo, que é a não consideração do fator natural deste processo. Embora, mesmo em Feuerbach, não aconteça um desenvolver de uma filosofia da natureza, a proposta filosófica deste referido autor se direciona

estritamente nesse caminho. De tal forma que quando Feuerbach explana seu posicionamento sobre a maneira como o homem tem acesso à consciência, ele identifica o erro em Hegel, porque toda a corrente idealista apresenta o mundo invertido, de cima para baixo, e não como defende Feuerbach e todos os materialistas, que é de baixo para cima, sendo uma ascensão e não uma descida como se fosse algo estranho ao homem.

Assim sendo, Feuerbach identifica por assim dizer, a falha do idealismo, uma vez que a referida corrente filosófica, não contempla o homem real natural. Posição que nosso autor assume em seu texto *Para a crítica da filosofia de Hegel*, da seguinte maneira:

A filosofia de Hegel é mística racional - por isso é única no seu gênero, por isso atrai tanto e ao mesmo tempo repele tanto, quer os espíritos místico-especulativos - para quem a ligação do místico com o racional é uma contradição insuportável, porque o conceito os desilude, destrói o fascínio das representações obscuras - que os espíritos racionais, a quem repugna a ligação do elemento racional com o elemento místico. A unidade do subjetivo e do objetivo, tal como proclamada e colocada por Schelling no cume da própria filosofia, ainda se encontra como fundamento em Hegel, apesar de ele a ter posto no lugar certo, apenas *formaliter*, no termo da filosofia, como resultado; essa unidade é para a filosofia um princípio tão infrutífero quão pernicioso, porque suprime também no particular a distinção entre o subjetivo e o objetivo, e torna vão o pensar genético-crítico, que põe como condição: *si fabula vera* [se o que disse é verdadeiro] (FEUERBACH, 2012, p. 55).

Ao identificar a filosofia de Hegel como uma mística racional, Feuerbach retrata a filosofia de seu mestre como algo infrutífero, que no seu processo de auto reconhecimento, não considera a condição particular do subjetivo e do objetivo na conjectura do florescer da consciência. Torna-se algo infrutífero, porque não considera a questão material do subjetivo-objetivo, visto que no idealismo, estas são questões de abstração do espírito e de maneira alguma de produção natural. O que Feuerbach critica em seu mestre é a premissa mística que assume o idealismo, não levando em consideração o fator natureza como fonte da produção da consciência e como sendo ela o centro onde se desenvolve a essência humana.

Hegel, ao inverter o processo de produção da consciência, acaba por tornar a mesma consciência subordinada sem estabelecer uma estrutura de correlação entre essência e consciência, mas sim uma subordinação. Assim como já esclarecido no primeiro capítulo desta dissertação, Feuerbach reconhece uma estrutura de correlação entre essência e consciência, sendo que a ponte de acesso para a

essência é o despertar da consciência material e natural. A proposta do idealismo hegeliano promove uma inversão neste processo, causando uma subordinação da consciência para com a essência fazendo com que o homem torne-se um ser alheio a este processo, não percebendo o papel de destaque que ele ocupa neste desenvolvimento. Seguindo esta primazia, Feuerbach ainda em seu texto *Para a crítica da filosofia de Hegel*, exprime seu posicionamento de maneira a destacar este erro da subordinação, assim posto:

E foi assim que Hegel colheu efetivamente no particular, como verdade objetiva, algumas representações que apenas exprimem necessidades subjetivas; e porque não recuou até à fonte, até à necessidade de onde provêm essas representações, tomou-as aqui e ali como moeda corrente e pô-las na conta, o que, se observarmos com cuidado, é no mínimo de natureza altamente duvidosa; ele fez do secundário o primitivo e o que era propriamente primitivo, ou não foi tomado em consideração, ou foi posto à margem como subordinado (FEUERBACH, 2012, p. 55).

Tal passagem comprova a proposta particular assumida por Hegel em demonstrar como se produz o processo da consciência. Hegel desenvolve uma proposta particular promovendo uma inversão no sentido que considera a condição subjetiva como objetiva. O que Feuerbach defende com essa postura, é que ele identifica em Hegel aquilo que já foi em demasia defendido nesta dissertação, o idealismo hegeliano não contempla a natureza como a natureza, como força primitiva no progresso da consciência, como ponte para a essência. Tanto que Feuerbach ao tratar a verdade objetiva do idealismo como algumas representações subjetivas faz isso para tratar da falta de recuo que a corrente deixa de fazer para acessar a fonte da consciência e, conseqüentemente, a fonte da essência. O recuo que Feuerbach propõe é um reconhecer a natureza como fonte primitiva de todo este processo de auto reconhecimento, e não sendo ela uma derivação da consciência. Por fim, Feuerbach ainda em seu texto já referido, aponta mais uma vez o erro cometido por Hegel em sua proposta filosófica acerca da produção, ou melhor dizendo, do desenvolvimento da consciência:

O pensar só pode pensar o existente, o que é real, porque ele próprio é uma atividade existente, real. Censurou-se aos filósofos pagãos não terem superado a eternidade da matéria, do mundo. Para eles, a matéria significava apenas o ser, era apenas a expressão sensível para “ser”; mas, de fato, eles foram censurados unicamente por terem pensado. Mas será que os cristãos suprimiram a eternidade, ou seja, a realidade, do ser? Eles limitaram-se a transferi-la para um ser particular, para o ser divino, que pensaram como fundamento de si mesmo, como ser desprovido de começo. O pensar não pode ultrapassar o existente, porque não se pode ultrapassar a si mesmo, porque razão é apenas por ser, porque só pode pensar como

estando submetido ao devir este ou aquele ser, mas não o próprio ser. A atividade pensante prova-se como uma atividade fundamental, real, precisamente pelo fato de o conceito primeiro e último ser para ela o do ser destituído de começo. O nada agostiniano, que tanto se impôs e pareceu tão profundo aos especulativos porque não tem nada dentro dele, é somente a expressão do absoluto arbítrio e ausência de pensamento (FEUERBACH, 2012, p. 56).

O pensar não pode ultrapassar os limites do real, assim como Feuerbach coloca este pensar como uma atividade real e existente. Ele quer com isso dizer que a ponte de acesso para a consciência é o pensar, e este pensar é uma atividade sensível, e não uma atividade abstrata como propõe o idealismo. Aquilo que propõe Hegel, é como identifica Feuerbach, uma ausência de pensamento. Sendo assim, Feuerbach conclui que a proposta do idealismo de Hegel, que explica a consciência de forma abstrata, não pode ser a forma correta de explicar tal condição humana, uma vez que o pensar do idealismo é incapaz de explicar o próprio fenômeno a ser explicado. Isso acontece porque no idealismo o pensar é identificado com uma atividade abstrata e que ignora completamente a realidade sensível e material, algo que não é aceito por Feuerbach, justamente por ser algo que extrapola os limites naturais e sensíveis que Feuerbach tanto defende como condições do próprio pensar. De forma que o pensar em Feuerbach se constrói no real e não extrapola os limites de sua construção.

Não é por acaso que a crítica de Feuerbach a Hegel foi tão explanada neste momento da dissertação, isto porque, esta crítica ao idealismo é o ponto de partida para toda sua proposta filosófica que tem sua centralidade focada na crítica à abstração proposta por toda filosofia desenvolvida antes de nosso referido autor. Feuerbach vai se assumir como um pensador materialista naturalista, onde concebe o homem como um ser material, natural que possui todas as condições para conceber sua essência dentro dos atributos humanos, que são materiais e reais. Portanto, esta explanação da crítica de Feuerbach a seu referido mestre se mostra relevante à medida que é o ponto de partida para toda crítica que ele dirige contra certa maneira de desenvolver a filosofia e a teologia. Agora será tratado mais especificamente da fonte causadora da alienação humana.

2.2 O CONCEITO DE *RELIGIÃO* ENQUANTO INSTITUIÇÃO EM FEUERBACH

Após esta elucidação sobre a postura que Feuerbach assume contra seu

mestre, esta dissertação direciona-se agora no sentido de esclarecer aquilo que nosso pensador identifica como religião e ainda o que ele compreende enquanto força alienadora do homem. Cabe aqui ressaltar que a filosofia de Feuerbach se direciona quase que exclusivamente a uma crítica da filosofia da religião, ou melhor dizendo, contra a estrutura construída pela religião de desenvolver resposta para a explicação do homem. Respostas essas que são construídas de forma abstrata. Aquilo a que Feuerbach se refere como fator alienante provindo da religião é a forma como a mesma tem de produzir respostas imediatas para sanar a necessidade egoísta do homem por explicação. Porém estas respostas se constroem além do homem e, por isso mesmo tornam-se respostas estranhas, num sentido de não produzir identificação direta do homem para com estas respostas.

Feuerbach acaba por criar um método de investigação da fonte da religião, e como o fato desta religião tornar-se uma instituição que causa no homem este processo de alienação. Ao passo que toda crítica construída por Feuerbach para com a religião, constrói-se de maneira a identificar os critérios estruturantes da religião enquanto instituição – instituição entendida como religião enquanto doutrina religiosa -, critérios esses que causam no homem esta alienação. Tais critérios são responsáveis pela alienação, justamente por serem eles construídos de forma abstrata por parte desta religião instituição, causando no homem, ao invés de um reconhecimento, um estranhamento de si, no que diz respeito ao entendimento e reconhecimento de sua essência por parte da consciência. Consciência que não é reconhecida pelo homem como sua, uma vez que ele interpreta esta consciência como algo que lhe é dado e, não como algo que se produz a partir de si próprio.

Ressaltando que o ponto de partida para a fundamentação desta crítica é a crítica feita por Feuerbach ao idealismo - em especial o de Hegel - por defender a religião, ou ainda por defender uma postura religiosa com relação ao processo de despertar da consciência por parte do homem. Isto é, segundo Feuerbach, o idealismo faz uso da mesma estrutura metafísica e abstrata da religião. Destaca-se neste momento, que tal discussão se encaminha tendo como ponto central a obra *Preleções sobre a Essência da Religião* de Feuerbach, publicado em sua primeira versão em 1848. Neste sentido, ainda considera-se sua principal obra intitulada *Essência do Cristianismo*, na qual ele demonstra o caráter positivo que a religião possui. Todavia nossa preocupação neste momento é em esclarecer o posicionamento negativo que a religião assume enquanto instituição.

Para tanto, a religião criticada por nosso autor é em especial o cristianismo que possui seu caráter alienante, no sentido que se utiliza do princípio que em grande escala é defendido pelo idealismo. Onde se caracteriza como uma força de abstração da essência humana, sendo ela não algo que se produz a partir de dentro do homem, localizado em sua condição natural, mas sim algo que acontece a partir de um consentimento por parte de uma força sobre-humana. A crítica, desenvolvida por Feuerbach, que é algo a ser investigado neste momento orienta-se, portanto, neste caminho de apresentar o erro grave que a religião - em especial o cristianismo - comete, quando causa a alienação do homem em relação a sua própria essência.

Esta religião, enquanto instituição acaba por causar no homem um estranhamento com relação a sua condição essencial, visto que produz no homem um não reconhecimento de si a partir de sua condição natural, mas sim um reconhecimento dado a partir de uma força estranha, sobrenatural. A grande questão levantada é o fato desta religião, enquanto instituição, não proporcionar ao homem uma condição de identificação partindo de si e isso é aquilo que ele desenvolve na referida obra *Preleções sobre a Essência da Religião*, enquanto o erro humano.

Feuerbach inclusive aponta, na *Essência do Cristianismo e Princípios da Filosofia do Futuro*, a questão da necessidade de o homem possuir esta força motora enquanto crença. O homem para Feuerbach - assim como já apresentado no primeiro capítulo - é um ser que se explica a partir de si próprio, ou ainda, a partir de sua existência real e material. Neste sentido, Feuerbach identifica esta essência como força motora, em outras palavras, a essência é causadora da consciência que se produz dentro de uma realidade material e natural. Aquilo que Feuerbach aponta como essência humana é a condição propícia para o entendimento do homem enquanto homem apenas.

Portanto, identifica-se, em Feuerbach esta condição positiva da religião, que é esta condição de auto entendimento partindo de sua condição material e sensível, totalmente desligada de uma condição ideal assim como propõe a religião - em especial o cristianismo. Para Feuerbach, o objetivo a ser alcançado é esta superação da religião que causa a alienação no homem, tanto que esta superação da condição ideal proposta por ele se apresenta em sua obra a *Essência do Cristianismo* como algo de extrema necessidade. É de suma importância que o homem reconheça como fonte central de seu entendimento a antropologia

desdivinizada, que não tenha nenhuma relação com a condição ideal. Assim Feuerbach se posiciona:

Só assim conseguimos uma unidade verdadeira, satisfeita em si, da essência divina como humana - a unidade da essência humana consigo mesma - só assim, quando então não tivermos mais uma filosofia da religião ou teologia diversa da psicologia ou antropologia, mas sim quando reconhecermos a própria antropologia como teologia. Toda identidade que não é uma verdadeira identidade, uma unidade consigo mesma, tem por base ainda a cisão, a separação em dois, quando ela então é suprimida, ou antes, deve ser suprimida (FEUERBACH, 2013, p. 232).

E mais a frente ele ainda complementa, como esta superação da cisão é a ponte para o reconhecimento da identidade do gênero humano, também expresso por essência, sendo assim expressado:

Mas o amor, como foi dito, nada mais é que a manifestação, a realização da unidade do gênero através da intenção. O gênero não é um mero pensamento; ele existe no sentimento, na intenção, na energia do amor. O gênero é que me inspira o amor. Um coração é o coração do gênero (FEUERBACH, 2013, p. 264).

Aqui evidencia-se a questão levantada por Feuerbach em sua proposta filosófica, que é a busca pela identidade do gênero, ou ainda a busca pela identidade da essência. Tal processo só é possível a partir do despertar da consciência, contudo, este despertar deve acontecer dentro de uma realidade sensível, e apenas sobre a condição de se despertar por meio dos atributos sensíveis do homem que compõem a essência humana - a saber razão, coração e vontade.

Este constatar da identidade do gênero deve ocorrer no sentido de estabelecer uma ponte entre o homem e sua essência, que é responsabilidade da consciência, como já apresentado antes. O que ainda não se discutiu nesta dissertação é o papel negativo que a religião, expressa na figura do cristianismo, exerce sobre este gênero. Segundo Feuerbach, esta religião vai assumir um controle sobre este gênero, tomando para si o domínio sobre esta essência e ainda fazendo com que a consciência passe a ser determinada por uma força estranha ao homem, e não a partir de seus próprios atributos.

Assim, o gênero é a condição da existência da espécie humana, sendo, a própria condição da espécie. Tanto que no texto *Preleções sobre a Essência da Religião*, Feuerbach descreve a ação do gênero da seguinte forma:

O gênero é totalmente diverso da espécie porque exatamente nele abandonamos as diferenças das espécies, mas por isso não é gênero uma

essência própria e autônoma, pois é apenas o que existe em comum nas espécies. Assim como o conceito geral de pedra não é um conceito por assim dizer supra mineralógico, um conceito que transcende o campo da mineralogia, não obstante sendo distinto do conceito de seixo, de cal, de espato, não designando exclusivamente uma pedra determinada exatamente por compreender todas; da mesma forma não é também o deus geral e uno, do qual são apagadas todas características corporais e sensitivas dos deuses múltiplos, excluído da essência do gênero humano; é antes apenas o conceito-gênero da humanidade objetivado e personificado (FEUERBACH, 2009, p. 31).

O que Feuerbach discute com esta passagem é que o gênero humano, ou seja, a própria essência humana, não pode ser identificada como uma força estranha à espécie, ou mesmo, uma graça sobrenatural provinda de uma condição abstrata. Entender o gênero humano para Feuerbach, passa pela concentração das qualidades humanas, o erro cometido pela religião, ou por qualquer filosofia que não contemple as condições materiais, sensíveis e reais neste processo, é justamente de não perceber que o conceito não se produz a partir de uma abstração do gênero.

A diferença identificada por nosso autor é por consequência, o entendimento de que as características que compõem o gênero, ou mesmo a essência humana, são características corporais e sensitivas. Esta compreensão e interpretação partem do homem corporal e sensível. A interpretação deste gênero, ou dessa espécie, acontece em consonância com a consideração das qualidades humanas neste processo. O que se propõe é a investigação acerca da valorização dos atributos humanos neste processo de entendimento da sua própria essência, de maneira que se foca a atenção neste contato a partir de um entendimento de essência enquanto qualidade natural e nativa do homem e não de forma a ser proporcionada por uma força metafísica estranha ao homem.

Neste sentido, esta força metafísica estranha ao homem tem como forma de representação a religião que é em sua condição pura, uma abstração das qualidades humanas. Esta religião conseqüentemente expressa para o homem uma realidade estranha às condições humanas finitas e temporais, visto que a religião é conhecida por ser em sua essência, aquilo que nutre as imperfeições humanas. De tal forma, que isso se apresenta enquanto condição para que o homem possa resolver suas pendências existenciais no estado de ser possível a partir desta abstração, suprir suas imperfeições materiais finitas.

Neste ponto, chega-se àquilo que é pretensão neste momento da dissertação, que é apresentar o caráter alienante assumido pela religião, quando a mesma passa

a considerar como suas as qualidades que são estritamente do homem. E ainda quando a mesma passa a impor estas qualidades para o homem, de forma a causar nele uma ideia a qual o mesmo passa a aceitar estas imposições de maneira natural. Por este ângulo, considera-se a influência negativa que a religião impõe ao homem, sendo que tal influência é objetivada por ele que não se reconhece dentro de uma realidade finita e temporal, postulando desta maneira condições e explicações metafísicas.

Feuerbach faz uma explanação filosófica, levando em conta a concepção material-naturalista do homem, no sentido de apresentar como se estabelece uma explicação do homem. Ressaltando que para ele esta explicação acontece dentro da realidade sensível, onde por sua vez é a fonte de toda existência humana. Tanto que em sua referida obra *Preleções sobre a Essência da Religião*, nosso autor assim se posiciona:

Minha doutrina ou ponto de vista se resume então em duas palavras: natureza e homem. O ser que para mim pressupõe o homem, o ser que é a causa ou o fundamento do homem, a quem ele deve seu aparecimento e existência, não é para mim Deus - uma palavra mística, indefinida e ambígua - mas a natureza- uma coisa e uma palavra clara, sensível, indubitável. Mas o ser no qual a natureza se torna um ser pessoal, consciente e inteligente é para mim o homem. [...] A essência consciente do homem é em meu ver a segunda quanto ao aparecimento no tempo, as a primeira em importância (FEUERBACH, 2009, p. 34).

Sendo desta maneira, Feuerbach aponta então o caminho quando decide traçar sua trajetória filosófica, orientando-se por uma explicação do homem, partindo de uma condição estritamente sensível.⁵ Para ele, embora a essência consciente seja a segunda no processo de explicação do homem, torna-se por grau de importância a primeira, vista que é ela que possibilita ao homem se compreender enquanto ser sensível. Visto que, para nosso referido autor o fundamento do homem

⁵ Cabe aqui destacar, que embora este posicionamento crítico, direcionado para com a religião, esteja presente em toda sua produção filosófica. O referido texto a pouco citado trata-se de uma obra de um Feuerbach maduro, onde começa a se estruturar sua proposta. Vale ressaltar também, que a obra *Preleções sobre a Essência da Religião*, encontra-se em um grau de estruturação muito maior, uma vez que tal obra identifica-se como uma coleção de aulas por ele ministradas, onde trata de esclarecer aquilo que havia esboçado em um texto anterior - a saber *A Essência da Religião* - e não concluirá por questões práticas, sendo inclusive publicado contra seu gosto. Tal esboço trata por sua vez de esclarecer qual é a fonte da essência humana, enquanto algo estruturado, e não de maneira ainda imprecisa como ele apresentará em *A Essência do Cristianismo*. Estas preleções, nas palavras do próprio Feuerbach, portanto, tem o objetivo de esclarecer porque ele se posiciona contrário a religião, em especial o cristianismo - porém não sendo a única religião por ele atacada -, e qual o erro cometido por ele mesmo em obras anteriores.

não é apenas uma palavra, uma fonte abstrata, mas sim uma coisa clara e objetiva, onde se explica o homem de maneira sensível.

A partir deste pensar, o fundamento de toda explicação sobre o homem, ou ainda sobre a existência como um todo, estando o homem nela situado, explica-se de maneira estritamente sensível e material. Embora, já ressaltado, Feuerbach não tenha estruturado seu posicionamento como um naturalismo, ou mesmo como uma filosofia da natureza, ele se assume como materialista de forma a causar uma explicação concernente com a condição material sensível. Reconhece-se uma postura totalmente voltada para a questão conceitual da essência do homem, ou a questão em gênero, sendo uma explicação abstrata algo extremamente descabível para ele. Ao passo que August Thalheimer, assim esclarece acerca de Feuerbach:

Feuerbach realizou a ruptura aberta com a religião que Hegel não conseguiu, e é precisamente a este respeito que seu livro, *A essência do cristianismo*, foi uma época de fabricação. Além disso, com Feuerbach, uma nova ruptura foi feita não só com a religião, mas também com a filosofia como ciência *especial*, já que, na visão de Feuerbach, a filosofia era a última forma de religião. Feuerbach conseguiu a transição do idealismo para o materialismo. Para Feuerbach, a substância da religião reside em uma ou outra forma de crença em um Ser super-sensual, fantástico e espiritual como o criador e motor do mundo. A filosofia ensina o mesmo em uma forma diferente. A razão cósmica, que para Hegel é o motor do mundo, é apenas outra forma do conceito cristão de Deus. O segredo que está escondido por trás desse espírito e da vontade infinita, e que os homens representam como em outro mundo além da sua percepção, é o entendimento e a vontade humanos. O homem é o verdadeiro segredo da religião e da filosofia. Para dizer muito simplesmente, o cristão e a religião judaica também sustentaram que Deus criou o homem à sua imagem. Feuerbach mantém o contrário: Deus não criou o homem à sua imagem, mas o homem criou Deus a sua própria imagem. Este pensamento é semelhante ao de um filósofo grego antigo que disse: "Se os bois fizeram um Deus, ele seria um boi, se um negro fez um Deus, ele teria um nariz plano e lábios grossos". Feuerbach não conseguiu isso. Ele também aplicou a filosofia. Filosofia para ele é apenas uma forma refinada de religião, de crença em Deus. E que os homens representam como em outro mundo além de sua percepção, é a compreensão e a vontade humanas. O homem é o verdadeiro segredo da religião e da filosofia. (THALHEIMER, 2004, p. 25).

Aquilo que o comentador aqui esclarece é a postura assumida por Feuerbach em sua filosofia de se opor a uma explicação do homem fundamentada em uma ciência especial. Para Feuerbach a filosofia não possui um caráter especial de estabelecer apenas uma ponte especial para o entendimento do homem. Mas justamente, aquilo que se defende é que toda explicação do homem sobre o homem parte de características humanas sensíveis. Deste modo a própria explicação

religiosa do homem tem seu cerne localizado na existência sensível natural, que configura toda uma explicação pautada na condição natural.

Assim proposto, toda religião abstracionista, que promove no homem uma auto alienação de seus atributos naturais e essenciais, causa em Feuerbach um estranhamento, e certo repúdio, visto que para ele a base para a compreensão essencial do homem passa pelos crivos da natureza. Quando nosso comentador defende que o homem é o verdadeiro segredo da religião, ele quer com isso apresentar a irregularidade que a religião causa para o homem neste processo de alienação, de maneira a produzir no homem uma confusão essencial neste processo de desenvolvimento da consciência do homem enquanto homem, dotado desta característica sensível.

Feuerbach, em uma preleção, assim se posiciona contra o abstracionismo da religião: “[...] não desenvolvo minhas doutrinas e ideias na nebulosidade da abstração, mas sempre baseado em objetos e fenômenos reais e históricos, independentes de meu pensamento, baseando então meu ponto de vista ou doutrina da natureza na religião da natureza” (FEUERBACH, 2009, p. 35). As ideias de Feuerbach se desenvolvem num processo de fundamentação da condição natural da natureza. Para Feuerbach a interpretação do homem deve estar baseada na circunstância sensível, sendo responsabilidade da natureza e de sua correlação existencial com o homem. Por tal sentido, Eduardo Chagas em um de seus mais recentes textos *Natureza e Liberdade em Feuerbach e Marx*, assim apresenta a natureza frente ao abstracionismo:

Para ele, a natureza material, que existe em sua diferenciabilidade qualitativa, independente do pensar, é frente ao espírito original, o fundamento não deduzível, imediato, não criado de toda existência real, que existe e consiste por si mesmo. Feuerbach opõe a natureza ao espírito, pois ele a entende não como puro outro, que só por meio do espírito foi posto como natureza, mas, como o primeiro, a realidade objetiva, material que existe fora do entendimento e é dada ao homem por meio de seus sentidos como fundamento e essência da vida (CHAGAS, 2016, p. 8-9).

Frente a este posicionamento, o papel que a natureza assume nesta produção da consciência humana, não é de maneira alguma o papel de coadjuvante. Para Feuerbach, a natureza não existe como uma derivação causal do espírito, como é defendido no idealismo ou mesmo na religião. Esta natureza ocupa tal importância, e ainda, se propõe desta forma porque não necessita de um ordenamento causal-existencial para existir. Quando o homem desenvolve um

sentimento de explicação causal e ordenada para justificar sua consciência, ou mesmo sua essência, aí então a religião começa a operar.

Esta religião produz no homem um sentimento de perda, visto que, para o homem aquilo a que ele não detém explicação, causa-lhe estranhamento e medo. Ao considerarmos este sentimento de medo, recorreremos novamente a nosso autor, e para seu posicionamento em relação a este sentimento, onde Feuerbach assim destaca: “A explicação da religião a partir do medo é confirmada sobretudo pela experiência, uma vez que todos ou a maioria dos povos rudes fazem objeto de religião só ou principalmente os fenômenos da natureza” (FEUERBACH, 2009, p. 39). Como o homem, não consegue produzir explicação para tudo na condição lógica de ser, este medo se produz na condição especial de ser, onde para ele é necessário desenvolver explicações convincentes para aquilo a que ele não tem domínio. Desse ponto de vista, ainda em Eduardo Chagas - na obra a pouco referida -, destaca-se a condição da necessidade de que o homem deve desenvolver compreensão para que a alienação possa ser superada, assim sendo apresentada:

Precisamente porque a natureza expressa objetividade, necessidade, corporeidade, sensibilidade, efemeridade, transitoriedade, finitude, é ela negativo, por assim dizer uma prova dos limites da interioridade, do sentimento religioso, a barreira concreta que se opõe à *illusion* de uma existência sobrenatural. Desse ponto de vista cristão, ela deve, portanto, ser eliminada, negada (CHAGAS, 2016, p. 9).

A partir desta posição, a natureza possui esta condição de reconhecimento para o homem, pois possibilita para o mesmo, esta circunstância de compreensão sobre sua condição existencial. O problema levantado e discutido por Feuerbach é que o homem não consegue aceitar este estado, produzindo então críticas e buscando apresentar uma explicação lógica, ou pelo menos aceitável, que possa o fazer se contentar. Neste momento, ele passa a produzir uma instituição que consiga satisfazer essa sua necessidade espiritual de reconhecimento. A partir disto, o homem passa a devotar seus créditos à religião, que é algo capaz de satisfazer tal carência humana.

Desta forma a religião, se manifesta com este caráter especial, caráter de abstração, onde se torna possível explicar qualquer coisa a partir de uma condição suprassensorial. É este sentimento de perda, que se desenvolve dentro do não reconhecimento do homem para com sua consciência, e, por conseguinte, com sua condição essencial. Este sentimento causa a ponte necessária que a

religião/instituição precisa para propor ao homem esta ideia especial de explicação sobre a condição existencial, voltada para uma vertente abstrata especial, metafísica.

Esta religião se apresenta, a partir de uma concepção de suprimento de falhas lógicas humanas. Sendo estas falhas, a necessidade de entendimento e principalmente de imposição frente à natureza. O homem possui este dever em explicar-se de maneira estritamente racional e lógica, isto posto, ele passa a desenvolver explicações que suprem esta condição. De tal maneira, para aquilo a que o homem não consegue desenvolver uma explicação lógica, alimentado por este medo e sentimento de perda acima citado, ele então passa a desenvolver justificações abstratas. Visto isto, o homem começa a produzir interpretações que o levem a saciar esta carência, levando àquilo que Feuerbach vai propor como um sentimento de dependência.

Este sentimento de dependência também é apropriado por esta religião, no sentido de se apropriar das condições humanas, de maneira a desenvolver no homem este estranhamento para com sua condição natural. Tanto que Feuerbach ainda em *Preleções sobre a Essência da Religião* propõe:

Somente povos que só vivem do momento, que são bastante impotentes, embotados e ingênuos para sintetizar diversas impressões transformaram em deus somente o medo e tomaram como objeto de sua adoração religiosa somente deuses cruéis e terríveis. De forma diversa sucede em outros povos que, por causa das impressões momentâneas de uma coisa que gera medo e terror, não esquecem suas qualidades boas e benignas. Aqui torna-se objeto do medo também um objeto de adoração, do amor e da gratidão (FEUERBACH, 2009, p. 43).

Confirmam-se aqui, os motivos que levam Feuerbach a entender o desenvolvimento desta religião enquanto instituição. A religião se constrói, segundo nosso autor, estruturada nestes sentimentos negativos que estão enraizados no homem natural e sensível. Vale ressaltar que a crítica desenvolvida por Feuerbach contrária a religião, apresenta-se desta maneira, onde a filosofia assume este papel ao longo de sua existência, tornando-se algo que contraria seus ideais de esclarecimento. Para Feuerbach, a crítica a esta religião instituição também é uma crítica à filosofia que passou a caminhar junto com esta religião, inclusive passou a se utilizar de termos religiosos para desenvolver sua explicação do homem.

Exatamente, por ter assumido este papel de suprir às necessidades imediatas do homem, a filosofia se aliou a esta religião, na tentativa de sanar este sentimento

de dependência no homem. Tanto que Feuerbach em mais uma de suas preleções assim se posiciona contra a este sentimento:

O sentimento de dependência é o único nome e conceito universalmente certo para designação e explicação do fundamento psicológico e subjetivo da religião. Na realidade, entretanto, não existe nenhum sentimento de dependência, como tal, mas sempre sentimentos determinados e especiais, como, por exemplo, (para tomar exemplos à religião natural), o sentimento de fome, do mal-estar, o medo da morte, a tristeza em tempo escuro, a alegria no bom tempo, a dor em consequência do esforço inútil e de esperanças fracassadas diante de acontecimentos naturais desastrosos, casos em que o homem se sente dependente; mas a função baseada na natureza do pensar e do falar é exatamente derivar os fenômenos especiais da religião de tais nomes e conceitos gerais (FEUERBACH, 2009, p. 45).

O pior erro cometido pela filosofia, neste sentido, é se aliar a religião para sanar estas carências do homem, produzindo explicações imediatas. A religião constrói sua história a partir do sentimento de adoração que o homem desenvolve ao longo de sua existência, isto porque se trata de um ser que produz em si este sentimento de explicação imediata da sua existência. O erro cometido por parte da filosofia é de fazer uso destes princípios de imediatez que a religião usa enquanto uma estrutura especial criada pelo o homem para suprir suas necessidades momentâneas.

O problema do homem identificado por parte de Feuerbach é o de não perceber qual é a condição e posição que tanto a filosofia quanto a religião devem possuir. Isto se confirma a partir da seguinte posição de nosso autor: “Uma vez que a filosofia nada mais é que a arte do pensamento, não é a religião nada mais que a arte da vida e que por isso nada mais nos traz à contemplação e à consciência do que as forças e os impulsos que regem diretamente a vida do homem” (FEUERBACH, 2009, p. 69). O ponto chave para compreender toda a crítica, pronunciada por Feuerbach para com a religião e conseqüentemente para com a filosofia, é perceber este processo descrito por ele.

Para tanto, esta religião/instituição, que é objeto de crítica para nosso autor, se identifica em suas obras como a fonte causadora do mal alienação. Isto porque, para ele a explicação do homem se estabelece em um processo de relação não causal com a natureza. Não causal, porque em Feuerbach a natureza não possui um ordenamento lógico e racional - assim como propôs Hegel -, mas é apenas a força motora da existência. Uma vez tratado isto, para Feuerbach a religião é uma criação egoísta do homem, na tentativa de sanar sua carência da infinitude. Tanto que

Feuerbach descreve a religião como sendo uma criação do homem, como maneira de produzir uma explicação racional e ordenada sobre si e sobre sua existência. Ele assim se posiciona a esse respeito em uma outra preleção:

Mas se as provas dadas até aqui tiverem significado universal, se a intenção nelas expressas for comum a todas as religiões e teologias, que poderá negar ser o egoísmo humano, o princípio fundamental da religião e da teologia? Pois, se a dignidade de ser adorado e implorado, logo, se a divindade de um ser depende exclusivamente de sua relação com o bem-estar humano, se é divino somente um ser que seja benéfico e útil ao homem, então o motivo da divindade de um ser está somente no egoísmo do homem, que relaciona tudo só consigo e só julga conforme essa relação. De resto, ao fazer do egoísmo a base e a essência da religião, não a repreendo por isso, pelo menos em princípio, mas não sem restrições. Só a repreendo quando esse egoísmo for vulgar, como, por exemplo, na teologia, onde a religião faz de sua essência a relação do objeto, isto é, da natureza com o homem, tomando por isso um caráter extremamente egoísta com relação à natureza, um caráter que despreza a natureza ou, quando é um egoísmo fantástico, anti e sobrenatural, que vai além dos limites do egoísmo necessário fundado na natureza, como é o caso da fé cristã em milagre e imortalidade (FEUERBACH, 2009, p. 78).

O fato de a religião instituição ser algo tão negativo, consiste nesta condição de egoísmo que o homem produz para justificar todo o ordenamento existencial. O homem produz esta religião como forma de satisfazer sua necessidade egoísta de explicação. A religião se estrutura dentro deste caminho, algo que torna-se objeto de crítica por parte de Feuerbach, justamente por ser algo que é usado pelo homem a medida que ele desenvolve para si esta obrigação de se impor frente a natureza, e de produzir algo que lhe seja satisfatório, sendo que o mesmo se torna objeto de crítica à medida que o homem vê tal necessidade.

Esta religião, por conseguinte, é desenvolvida pelo homem, à medida que ele começa a tentar responder questões que lhe coloquem em condição de superioridade frente à natureza. Visto que, o homem não consegue aceitar que sua essência tenha por fonte a natureza, e ainda que o homem não possua o direito frente à natureza, mas sim o contrário. Assim sendo, a religião enquanto instituição se produz nesta emblemática necessidade que o homem se apresenta de se impor frente sua força criadora.

Neste sentido, exposto o caráter alienador da religião enquanto instituição. Assim também como acontece este processo de alienação e ainda porque de tal processo se desenvolver. Esta dissertação agora se orienta no caminho de apresentar como essa exteriorização da essência do homem, torna-se um mistério para ele, possibilitando que a religião, ou mesmo a filosofia especulativa, se

apropriem desta essência. Nossa preocupação agora passa a ser o esclarecimento de o porquê de o homem não reconhecer sua essência como algo natural, material e sensível.

2.3 A *ESSÊNCIA HUMANA* EXTERIORIZADA, O MISTÉRIO DO HOMEM

Este ponto da dissertação se refere a questão mística desenvolvida em torno da essência humana exteriorizada, uma questão que se constrói como mística por levar em consideração o fator ilusório e abstrato que a religião ou a filosofia especulativa possui. Ao longo de sua produção filosófica Feuerbach concentra-se em apresentar qual a importância que possui o contato entre o homem e sua essência, tal contato deve acontecer de maneira sensível e material. Este contato só é possível mediante ao uso da consciência, e esta força humana se desenvolve, segundo Feuerbach, dentro da condição natural do homem. É preciso aqui discorrer como acontece a inversão deste processo, num sentido de causar no homem um estranhamento frente a esta sua essência, o que, por conseguinte torna-se um mistério. Desta forma, evidencia-se a necessidade de se tratar a revelação deste mistério para com o homem.

Este mistério torna-se para o homem o ponto chave do seu reconhecimento enquanto ser natural. Visto que para que seja possível que o homem acesse esta sua essência, ele precisa reconhecê-la como sua, algo que só é possível quando o homem é capaz de perceber que esta força é sua e originada a partir dele, e não algo que lhe fora dado por uma condição metafísica. Este processo apresenta-se para o homem como uma fantasia, causando-lhe um estranhamento e por consequência um não reconhecimento.

Partindo deste princípio, Feuerbach vai defender que é fundamental para o homem que ele se torne capaz de se reconhecer enquanto ser natural. Ou seja, é imprescindível para homem torna-se reconhecedor da sua relação com a natureza, no sentido de perceber que ele nada é sem a referida natureza. O homem possui uma condição de dependência para com a natureza, o problema é que ele não consegue aceitar essa dependência, visto que a natureza não possui um ordenamento lógico e racional, mas sim um ordenamento causal, isto é, um ordenamento de não causalidade lógica. Feuerbach em sua obra *A Essência da Região*, assim desenvolve o pensamento sobre o homem:

O homem concreto, esta pessoa determinada, esta tribo, não depende da natureza em geral, não depende da terra em geral, mas deste solo e desta terra; não da água em geral, mas desta água, deste rio e desta fonte. O egípcio não é egípcio fora do Egito, nem o índio o é fora da Índia (FEUERBACH, 2008, p. 25, tradução nossa).

A grande questão aqui defendida por Feuerbach é o fato de o homem não se perceber enquanto um ser determinado, um ser finito, um ser que é possível a partir de um estado de dependência essencial com a natureza. O homem é um ser temporal, é um ser que existe enquanto comunga da natureza, enquanto ser que vive para e com a natureza. O fato de o homem se projetar enquanto um ser superior frente à natureza é um dos pilares essenciais desta produção do mistério. O problema identificado por Feuerbach no homem é justamente a questão do não reconhecimento de si na qualidade de ser material e sensível.

O homem, para Feuerbach, é um ser que tem por condição produzir uma explicação de si. Não pode, se tornar um ser que se produz a partir da fantasia de um domínio frente à natureza. Este ser, defende Feuerbach, existe à medida que se explica como uma extensão da natureza. Visto isto, o homem é um ser limitado, porém é um ser que é capaz de reconhecer-se possuidor de uma essência. Esta essência torna-se algo estranho ao passo que o homem necessita desenvolver uma consciência de si, e esta consciência de si, se produz dentro de uma realidade sensível, todavia produzindo uma explicação de algo que não pode ser mensurado fisicamente.

Isto acaba por desenvolver um sentimento no homem que Feuerbach assim denuncia: “É pura fantasia a ideia de que o homem tenha podido emergir do estado de animalidade somente devido à providência, com a ajuda de entes sobre humanos como os deuses, os espíritos, os gênios e os anjos” (FEUERBACH, 2008, p. 25). É pura fantasia sim, aponta Feuerbach, visto que o homem só se produz e se afirma enquanto ser natural. Pensar o homem de outra maneira, ou ainda, propor o homem de outra maneira, torna-se algo que causará no homem uma confusão existencial à medida que não se tornará possível produzir entendimento a partir de si.

A existência do homem passa a ser baseada nesta condição fantasiosa, em que é necessário ter uma explicação fundamentada em uma forma sobrenatural que seja ordenada, ou que produza um entendimento que seja aceitável para o homem. Portanto, esta fantasia produzida dentro do entendimento humano suprime a sensibilidade causando para o homem uma compreensão estranha de si, tanto que

Francesco Tomasoni assim comenta sobre a condição natural para Feuerbach: “Dado que o princípio fundamental do conhecimento consistia na sensibilidade, o homem apoiava-se numa sensibilidade universal, diferentemente dos animais” (TOMASONI, 2015, p. 92). Aqui se evidencia a condição que o homem se impõe de se sobrepôr frente ao resto da existência sensível, material e real.

Aquilo à que Feuerbach se posiciona criticamente, é o fato desta necessidade fantasiosa que o homem se produz, de se impor frente às outras coisas existentes, ou mesmo frente à própria fonte da existência. Para Feuerbach é necessário que reconheçamos a correlação do gênero, ou seja, da essência com a sua fonte criadora a natureza. Faz-se necessário para Feuerbach destacar a condição de igualdade que o homem possui perante a natureza.

Para tanto, pensar esta relação com a natureza é fundamental para que se possa superar este mistério que a essência se torna para o homem. Este erro persiste porque segundo Feuerbach, o homem não consegue explicar sua origem de uma fonte não necessária, tanto que ele assim defende: “O motivo principal pelo qual o homem faz derivar o mundo de um Deus, de um espírito, é que ele não consegue explicar a origem do seu espírito pelo mundo ou pela natureza” (FEUERBACH, 2009, p. 175).

Este espírito ao qual Feuerbach se refere é, por pressuposto, seu gênero, ou ainda sua essência que para Feuerbach é algo que deve ser explicado no homem a partir de si, ou mesmo a partir do mundo ou natureza, onde se efetiva a condição da existência. Quando Feuerbach defende que, para se desenvolver a consciência, é necessário que o homem faça uso de seus atributos humanos e sensíveis - a saber, são eles vontade, coração e razão -, ele quer com isso dizer que o homem deve se tornar capaz de se reconhecer enquanto ser real e sensível, existente dentro de uma natureza que é por sua vez estritamente sensível.

A produção deste entendimento não pode se tornar um mistério para o homem. Tanto que Feuerbach assim se posiciona em uma de suas preleções sobre a religião:

Se o espírito é uma atividade do homem, não sendo uma essência em sí, ele não existe sem órgãos, não é separável do corpo e então só pode ser explicado pela essência da natureza, mas não por Deus, porque esse Deus, ou espírito divino do qual o espírito humano deve ser derivado é apenas essa atividade espiritual abstraída do corpo e de todos os órgãos corporais, mas pensada e concebida como uma atividade autônoma (FEUERBACH, 2009, p. 177).

Aquilo que Feuerbach aqui critica com tal fala, é o fato de o homem não reconhecer que a fonte da sua essência está ligada diretamente à essência da natureza, por conseguinte, o espírito humano não é derivado de uma condição abstrata, não é concebido de forma extra corporal, mas sim de forma material sensível. A crítica proposta por Feuerbach, direcionada em especial a religião e a filosofia especulativa, é o fato de ambas não reconhecerem a fonte material e sensível da explicação do homem, fundamentada na natureza.

O problema identificado por nosso pensador é por suposto a falha que o próprio homem se produz e se impõe, ao passo que não usa sua condição sensível material para se explicar, mas acaba por recorrer a uma explicação extracorpórea que não leva em consideração os atributos estritamente humanos. Esta dependência que o homem se produz e se impõe, acompanhada do sentimento egoísta que o homem possui de se explicar de forma diferente frente às outras espécies, gera esse processo de explicação metafísico e abstrato causando este estranhamento do homem para com sua essência, tornando-a um mistério para o homem.

Aquilo que aqui se evidencia é esta crítica voltada para o homem que não se reconhece, e para a religião e a filosofia especulativa, que se nutrem de ideias abstratas para explicar o homem. De maneira que tais ideias produzem esse processo de inversão da essência humana, apresentando-a ao homem como um mistério. Nesse sentido, o que Feuerbach busca com esta crítica é retratar a necessidade que o homem possui de superar esta abstração, fazendo com seja possível alcançar sua condição em gênero e superando as limitações individuais. Cabe aqui ressaltar que, superar as limitações individuais, significa superar o sentimento de dependência de uma explicação lógica e ordenada das coisas, assim como superar a condição egoísta de se impor como superior frente à natureza, porém de maneira alguma isso quer dizer superar suas limitações existenciais, como finitude e dependência natural.

Salientando que essa dependência de uma explicação lógica e ordenada que produz no homem a necessidade de formulação de respostas imediatas, não corresponde aquilo apresentado como o atributo humano da razão. A razão, algo já apresentado nessa dissertação, corresponde à capacidade humana de entendimento da realidade, porém esta capacidade só possui tal atribuição quando se considera que esse entendimento se constrói no homem pelo uso de seus

atributos. A partir da relação de igualdade existente entre eles, sendo esses atributos: razão, vontade e coração.

Portanto, quando o homem passa a fazer uso exclusivo de um desses atributos, sendo ele a razão, gera-se a necessidade desse ordenamento lógico para com a natureza, sentindo a partir daí a necessidade de se impor acima dela. Com isso Feuerbach identifica o erro e o motivo causador da alienação, aquilo que acaba por produzir no homem um entendimento do homem fragmentado. Pois, para Feuerbach a essência humana passa a se apresentar como um mistério, quando o homem passa a não reconhecer sua essência como produto da relação existente no uso de seus atributos, passando a fazer tal reconhecimento apenas a partir de um único atributo, produzindo com isso respostas abstratas e não reais. O problema não é fazer uso da razão, mas sim exceder seu uso exclusivo e abusivo, passando a entendê-la como uma condição não natural, mas abstrata e metafísica.

Desta forma o objetivo aqui proposto, foi o de discutir o erro que o homem comete abstraindo sua condição essencial, fazendo com que o homem acabe que por não se reconhecer mais no processo de desenvolvimento da consciência, que é o que torna possível que ele alcance sua essência, ou assim como diz Feuerbach seu gênero. Discutido isto, preocupa-se agora em apresentar de maneira breve, a precedência que se estabelece entre o conceito de alienação para Feuerbach e o jovem Marx.

2.4 O CONCEITO DE ALIENAÇÃO, A PARTIR DA PRECEDENCIA DO CONCEITO ENTRE FEUERBACH E O JOVEM MARX

Tratar o conceito de alienação nos remete quase que necessariamente a Marx, pensador expoente do século XIX, que deu relevância e importância para tal tema. Todavia, cabe neste momento da dissertação esclarecer que a discussão levantada e tão discutida por Marx, tem sua fonte em seu contemporâneo Ludwig Feuerbach. Vale ressaltar ainda que nossa pretensão neste momento não é apresentar uma relação vasta, abrangente e exaustiva entre os dois pensadores, mas sim apenas descrever a influência que Feuerbach despertará em Marx, pensador tão expoente na história da filosofia.

Embora Marx, ao longo de sua trajetória filosófica acabe por discordar de Feuerbach, tornando-se inclusive um crítico ferrenho de Feuerbach, Marx bebe da

fonte da crítica proposta por nosso autor, à medida que tem como ponto de partida de toda a sua produção filosófica a crítica levantada por Feuerbach em sua filosofia. Ainda tem-se por obrigação neste momento ressaltar que o próprio Engels, fiel amigo de Marx, e também grande filósofo, rende créditos a Feuerbach, afirmando que sem a crítica iniciada por Feuerbach para com a filosofia especulativa, assim como para com a religião, não teria sido possível que Marx e ele mesmo Engels, pudessem ter produzido tal relevância para a história humana e principalmente para a Filosofia.

Tanto que em seu texto *Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica alemã*, Engels assim se posiciona com relação a Feuerbach:

Não insistiremos sobre esse aspecto do processo de decomposição da escola hegeliana. O importante é que a grande maioria dos jovens hegelianos mais combativos, levados pela necessidade prática de lutar contra a religião positiva, tiveram que voltar para o materialismo anglo-francês. E, ao chegar aqui, viram-se envoltos num conflito com o sistema de sua escola. Para o materialismo, a única realidade é a natureza: no sistema hegeliano, porém, esta é apenas a 'exteriorização' da ideia absoluta, algo assim como uma degradação da ideia: em todos os casos, o pensamento e seu produto, a ideia, são aqui elemento primário e a natureza, o derivado, o que só pode existir graças à condescendência da ideia. E, bem ou mal, davam voltas e mais voltas em torno dessa contradição.

Foi então que apareceu *A Essência do Cristianismo*, de Feuerbach. De repente, essa obra pulverizou a contradição criada ao restaurar o materialismo em seu trono. A natureza existe independentemente de toda filosofia, ele constitui a base sobre a qual os homens cresceram e se desenvolveram como produtos da natureza que são; nada existe fora da natureza e dos homens; e os entes superiores, criados por nossa imaginação religiosa, nada mais são que outros tantos reflexos fantásticos de nossa própria essência (ENGELS, 1975, p.87).

Ao defender tal postura, Engels devota créditos a Feuerbach, defendendo que sem nosso autor, continuar-se-ia no mesmo imbróglio apresentado entre idealista e materialista, que consiste em não esclarecer o papel da natureza para a produção humana. Com este posicionamento de Engels frente à Feuerbach, encaminha-se a proposta de que a influência de Feuerbach para a discussão filosófica é de suma importância, visto que, é a partir deste delimitar da compreensão acerca do humano defendido por Feuerbach, que se torna possível pensar de forma materialista-antropológica, sem cair-se novamente neste ciclo vicioso que não determina o ponto de partida para discutir este homem.

Quando Feuerbach aponta a natureza como cenário para se pensar o homem, evidencia-se, portanto, o pontapé inicial para se pensar o homem concreto, desvinculado com uma realidade abstrata, que não o compõem por inteiro, mas sim

que lhe causa uma alienação de si. Com isso torna-se possível que Marx possa então propor sua discussão materialista do homem, ao passo agora delimitado os limites que o homem possui, torna-se possível uma compreensão mais clara do homem, fundamentada em uma realidade natural, sensível e material.

Embora Marx faça uso tanto da crítica feitas por Feuerbach, quanto ao método dialético desenvolvido por Hegel, que foi estritamente criticado por Feuerbach. Marx bebe muito mais da crítica de Feuerbach do que propriamente de Hegel, tanto que Marx usa a crítica de Feuerbach para com o idealismo, para inverter o processo dialético, fundamentando-o não mais na realidade abstrata e no espírito absoluto, mas sim fundamentando-o na condição natural do homem. Para Marx, a natureza não é mais algo alheio ao processo de desenvolvimento da consciência, assim como era para Hegel, mas é agora ponto de partida para este desenvolvimento.

Assim sendo, quando Marx desenvolve sua crítica a Hegel e ao próprio Feuerbach, ele a faz ao se utilizar das duas teorias, assim propondo o famoso materialismo-histórico-dialético. Marx só o faz a partir da crítica endossada por Feuerbach frente aos hegelianos de esquerda, que só sabiam rodar em círculos sem desenvolver uma crítica estruturada, assim como o fez Feuerbach. Todavia, Marx ao promover uma superação de ambas às teorias, não o faz sem a estruturação construída por Feuerbach. Tanto que Marx, em um de seus textos da juventude, o *Manuscritos econômicos-filosóficos*, assim se posiciona:

[...] como o único verdadeiro ato e como auto confirmativo de todo o ser, Hegel descobriu apenas a expressão abstrata, lógica, especulativa do processo histórico, que não é ainda a história real do homem enquanto sujeito pressuposto, mas só a história do ato de criação da gênese do homem (MARX apud SCHÜTZ, p. 70).

Ao propor tal afirmação, o que Marx quer com isso é, trazer a filosofia do caráter abstrato assumido por Hegel para seu fundamento real. Em outras palavras, aquilo que Marx pretende em toda sua produção filosófica é explicitar a condição real, material sensível da consciência humana, algo que só é possível mediante a fundamentação proposta por Feuerbach de explicar o homem a partir da sua condição natural sensível, sendo a natureza o pilar desta discussão. Ou seja, Marx valoriza condição natural do homem, de maneira a apresentá-la como ponto de partida para se explicar o homem em gênero. Como já destacado, tal proposta de

Marx só se tornará possível à medida que o mesmo fizer uso da estrutura por Feuerbach construída.

Nesse sentido, ainda tem-se por propósito evidenciar que Marx torna-se um defensor de Feuerbach em alguns embates, inclusive com Bruno Bauer, por ser ele um depreciador da filosofia feuerbachiana. Bauer desenvolve ferrenhas críticas a Feuerbach, que são respondidas por Marx. Tal posição se evidencia em *A Ideologia Alemã*, quando Marx assim profere para Bauer:

A crítica de Bruno a Feuerbach, naquilo que ele traz de novo, limita-se a apresentar de forma hipócrita as censuras que Stirner faz a Feuerbach e a Bauer como sendo censuras de Bauer contra Feuerbach. Assim, por exemplo, que ‘a essência do homem, é a essência em geral e algo sagrado’, que ‘o homem é o Deus do homem’, que o gênero humano é ‘o Absoluto’, que Feuerbach divide o homem ‘em Eu essencial e um Eu inessencial’ (embora Bruno sempre declare que o abstrato é o essencial e, em sua síntese entre a crítica e a massa, ele concebe esta separação de uma forma muito mais monstruosa do que em Feuerbach) que seria preciso travar a luta contra ‘os predicados de Deus’, etc (MARX, 2007, p. 102).

Aquilo que Marx aqui defende é esclarecer a necessidade de uma atenção maior a Feuerbach visto que sua produção filosófica acerca do homem é algo de suma relevância para se pensar e explicar o homem. Quando Marx afirma, “que seria preciso travar um luta contra os predicados de Deus” (MARX, 2007, p. 102), ele com isso quer dizer que, assim como propôs Feuerbach é necessário que ataquemos a filosofia especulativa e a religião que transformam estes predicados humanos em predicados de Deus.

Desta forma, Marx valoriza a condição natural do homem defendida por Feuerbach e postula sua interpretação do homem a partir desta condição. Talvez a forma de escrita aforística de Feuerbach possa ter causado certo estranhamento posterior em Marx, quando decreta sua união filosófica com Engels. O próprio Marx reconhece a importância de se tratar de questões antropológicas acerca do homem do ponto de vista puramente material, quando em *Crítica da Filosofia do Direito em Hegel – Introdução*, descreve a necessidade que o homem tem de conquistar a emancipação contra a alienação, em que ele mesmo aponta que a crítica da religião – ou seja, a crítica daquilo que torna o homem menor do que ele deve se perceber – é o início de toda crítica. Tanto que assim Marx se posiciona:

Este é o fundamento da crítica irreligiosa: o homem faz a religião, a religião não faz o homem. É a religião de fato a autoconsciência e o autossentimento do homem, que ou ainda não conquistou a si mesmo ou já se perdeu novamente. Mas o homem não é um ser abstrato, acorçado fora

do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Esse Estado, e essa sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são o mundo invertido (MARX, 2013, p. 151).

Quando Marx, assim profere, ele nada mais está a fazer de que dar continuidade à proposta de Feuerbach, que coloca o homem no centro do mundo real e sensível, desvinculado de qualquer condição abstrata a ele produzida por filósofos anteriores. Aquilo que Marx defende é a valorização do mundo real, enquanto fonte da discussão humana e enquanto, o próprio mundo real descabido de qualquer abstração que a ele se direcione. Embora Marx acabe por superar Feuerbach, no sentido em que, para Marx, Feuerbach concebe apenas o homem em gênero e não o material, à medida que Feuerbach não introduz o processo histórico dentro de sua posição filosófica, assim como Marx o faz, ainda sim toda concepção marxista posterior possui grande influência feuerbachiana.

Cabe aqui destacar, que esta superação feita por Marx para com seu contemporâneo Feuerbach, só é possível quando se entende que algo assim não seria possível sem necessariamente levar-se em consideração a crítica iniciada por Feuerbach. Portanto, tal apresentação da importância da precedência de Feuerbach em relação ao conceito de alienação, valida a necessidade sentida por Marx em tratar tal conceito com tanto vigor e responsabilidade. De tal maneira que, tratou-se aqui de uma explanação acerca da relevância desta procedência conceitual existente entre Feuerbach e Marx. Algo que se fez preciso com o intuito de apresentar a significância da filosofia de Feuerbach, uma vez que, não possui tanta valorização e destaque no tocante da compreensão do homem real, completo, essencial, ou como apresenta Feuerbach do homem em gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É momento de identificar os resultados da presente investigação a respeito do conceito de alienação religiosa em Feuerbach. A primeira coisa a se levar em consideração é que a maneira como ele compreende a filosofia e sua tarefa influencia nos resultados. Ele procura pensar o fenômeno da religião não como algo abstrato e totalmente deslocado da realidade natural e material do ser humano, mas é necessário pensar o ser humano na sua existência material e natural. Essa estratégia metodológica sem sombra de dúvida foi o mote do pensamento de pensadores subsequentes, como Marx, que foram influenciados pelo pensamento de Feuerbach. Mas convém lembrar que esse estudo ao menos tentou esboçar as contribuições originais de Feuerbach à filosofia, a fim de ao menos apontar que não se trata apenas de uma figura de transição entre o idealismo alemão e o materialismo histórico. Feuerbach propôs uma nova maneira de fazer filosofia e de abordar as questões filosóficas teológicas tradicionais. A figura divina deixa de ocupar um papel transcendente e fora do ser humano e se torna ele mesmo algo eminentemente humano. A filosofia e a antropologia, a teologia e a antropologia caminham juntas. Obviamente, a ideia do ser divino como fruto da atividade humana não é nenhuma novidade na história da filosofia ocidental antes do surgimento do pensamento de Feuerbach, mas ele sem dúvida deu contornos novos a esse pensamento. Desse modo, pode-se dizer que Feuerbach se destacou de seus contemporâneos hegelianos de esquerda, ao buscar um embasamento estrutural para esta crítica ao fenômeno da alienação religiosa, fundamentando que, por sua vez, pode ser encontrado na fonte da essência humana na própria natureza. Para Feuerbach, pensar o homem consiste em desenvolver uma explicação do homem com um fundamento material e sensível para produzir a concepção de homem em gênero.

É importante ressaltar que quando Feuerbach trata do homem em gênero e, por conseguinte, direciona sua crítica à religião (na verdade, a um tipo de abordagem ao fenômeno religioso em termos da teologia tradicional como ser externo e transcendente e não como um ser material e natural), razão pela qual ele não direciona essa crítica apenas à religião - mas também a à filosofia especulativa, que toma por objeto de discussão o mesmo objeto abstrato da religião. O principal

erro reconhecido por ele e, por sua vez, objetivo desta dissertação, foi apresentar que a filosofia, ao tornar-se especulativa, não promove mais um pensar sobre o homem a partir do homem, mas sim se utiliza de princípios abstratos para promover o processo de desenvolvimento da consciência, que posteriormente é responsável por estabelecer contato do homem com a sua essência.

Desta maneira, em Feuerbach se estabelece um sentido de dependência do homem para com sua fonte estrutural e criadora que é a natureza. Pensar e discutir o homem em Feuerbach, só é possível quando se promove tal discussão no âmbito material. Ou seja, ao longo de sua produção filosófica, o que Feuerbach buscou, no fundo, é estabelecer uma explicação de homem a partir do próprio homem, que se reconhece enquanto ser real, material e sensível, dotado de atributos que lhe são seus e, por consequência, são responsáveis por estabelecer o acesso necessário entre o homem e seu gênero. Ele esboçou uma explicação material e natural da formação da consciência religiosa que teve impactos na maneira como a própria consciência filosófica operava, visto que, como já dito, sua filosofia foi um ataque a maneira de fazer filosofia especulativa, principalmente, da filosofia hegeliana.

De tal forma, esta dissertação buscou mostrar o que é o homem para Feuerbach e como é possível compreender a essência humana, ou o gênero humano de maneira alienada e de maneira não alienada e, por sua vez, ressaltar o que causa a privação deste gênero, que é o desenvolvimento do processo de alienação que ocorre no homem. O primeiro capítulo desta dissertação teve como propósito apresentar o que Feuerbach compreende por homem em gênero, ou homem essencial, e como é possível para este próprio homem ter acesso a esta sua essência. A partir de uma consciência material e sensível que é desenvolvida no próprio homem, e não algo que lhe fora dado de fora, é possível ao homem estabelecer esse acesso para com sua essência. O homem é dotado de atributos humanos, que são eles a razão, a vontade e o coração. Estes atributos são os únicos responsáveis por estabelecer a conexão entre o homem e sua essência, visto que são eles também os responsáveis por desenvolver a consciência humana, ou ainda, que são eles a fonte da consciência.

Assim sendo, no primeiro capítulo desta dissertação, preocupou-se em esclarecer que a fonte de identidade do homem está na sua condição natural sensível. Pois, quando Feuerbach apresenta que o homem explica-se, a partir de sua realidade natural, ele quer com isso dizer que explicar o homem passa pelo crivo

do sensível e do material. Dessa forma, a explicação do homem ou do ser humano somente é possível em Feuerbach a partir da sua relação de existência individual com a sua realidade natural, e a partir da relação existência individual com sua existência em espécie. O ser humano não pode ser explicado apenas do ponto de vista idealista, somente com base em ideia, como fizera Descartes, por exemplo, ao explicar a concepção do ser humano como uma coisa pensante. Pensar, portanto, a explicação do homem essencial, ou em gênero como propõem Feuerbach, só se torna viável, à medida que se pensa o homem localizado na sua existência material e sensível.

O segundo capítulo dessa dissertação buscou apresentar como acontece o processo de alienação do homem segundo Feuerbach. A alienação acontece quando o homem não consegue perceber que seus atributos, assim como sua consciência, bem como sua essência são despertados por ele mesmo enquanto ser natural e material, mas precisa recorrer a alguma entidade abstrata fora dele, como um ser divino transcendente ou como um eu transcendente. A consciência religiosa e não religiosa também não alienada só é possível de ser alcançada, quando este homem se reconhece enquanto ser material, sensível, real e natural, aí então se promove o processo de alienação tão combatido por Feuerbach.

Quando este processo de identificação se inverte e o homem, acaba que, por não se contentar com as explicações sensíveis que dele provém. Começando então a desenvolver um processo de explicação abstrato, que o coloque acima da natureza. Um processo que o coloca acima desta dependência coexistencial para com a natureza - visto que o homem não aceita ser apenas uma criação da natureza, querendo neste sentido se sobrepor a ela, de maneira a ser uma criação que, embora natural, não tem relação de dependência para com a natureza, mas sim de superioridade.

Desta maneira, portanto, levado por um sentimento egoísta de se impor frente à natureza que é sua fonte criadora, o homem começa a produzir explicação acerca de si, fundamentadas em condições abstratas, para que estas explicações satisfaçam o ego humano de se sobressair frente à religião. Para tanto, esta necessidade que o homem possui, de produzir explicações lógicas e ordenadas para sua existência, causam-lhe uma obrigação de se pensar como um ser que está além da finitude cíclica da natureza. Feuerbach critica todo este processo, porque, segundo ele, não é possível que o homem se pense e se explique de maneira

adequada a partir de uma condição abstrata. Para Feuerbach, pensar o homem só é viável à medida que o mesmo torne-se reconhecedor de sua condição material sensível, que é uma condição que leva o homem a se perceber enquanto ser essencial - à medida que percebe sua essência - dentro da sua espécie.

O homem é o único ser na natureza capaz de reconhecer sua essência, porém isto não possibilita ao mesmo se sobrepor acima dela, uma vez que ele só é este ser dotado de essência, dentro de sua existência, e esta sua existência só acontece dentro da realidade natural ou, dizendo de outra forma, esta sua existência só acontece dentro da natureza. Nesse sentido, a intenção depositada no segundo capítulo dessa dissertação foi, justamente, apresentar quais são os grilhões da alienação humana identificados por Feuerbach, e ainda o que é necessário para que o homem possa alcançar essa condição de gênero superando assim esta alienação.

Em suma, esta dissertação teve por objetivo apresentar a proposta de Ludwig Feuerbach sobre a concepção e entendimento de homem que, onde se buscou explicitar o que é a essência do homem - aquilo que Feuerbach identifica como gênero. Como o homem estabelece acesso a esta essência, sendo responsabilidade da consciência, que é algo que desenvolve dentro do próprio homem que faz uso de seus atributos estritamente humanos, que são eles: amor, razão e vontade. Tal processo, para Feuerbach, se dá de maneira material-natural, onde apenas dentro da sua limitação existencial é possível que o homem se reconheça e, de maneira alguma, possa tal processo ser feito de maneira abstrata, ainda que o homem deva se estruturar para promover a explicação de si.

Teve-se ainda a preocupação de se esclarecer o que seria a fonte de alienação para nosso autor, e como se desenvolve tal processo. Alienação essa que causa no homem este estranhamento para com sua essência - de maneira que se buscou esclarecer a relevância que Feuerbach possui dentro da discussão proposta pela filosofia ao longo de sua existência que, por sua vez, é pensar e explicar o homem.

Vale ressaltar que este estudo não é, e não tem a pretensão de ser um estudo acabado sobre a concepção de homem de Ludwig Feuerbach - mas, por sua vez, é um estudo que tem por objetivo apresentar a relevância do pensamento de Feuerbach, bem como os traços gerais de seu entendimento acerca do homem, da concepção alienada e não alienada do ser humano. Contudo, não é um estudo acabado nem um estudo que não merece aprimoramento, mas que se satisfaz até o

momento sobre a compreensão sobre o homem, tomando como ponto de partida para a discussão a proposta filosófica de Ludwig Andreas Feuerbach.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OBRAS DE FEUERBACH

FEUERBACH, L. *A Essência do Cristianismo*. 4 ed. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

FEUERBACH, L. *Essência de La Religion*. Trad. Tomás Cuadrado. Madrid, Espanha: Rosário, 2005.

FEUERBACH, L. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Trad. José Luis García Rúa. Madrid, Espanha: Alianza Editorial, 1993.

FEUERBACH, L. *Para a Crítica da Filosofia de Hegel*. Trad. Adriana Veríssimo Serrão. São Paulo, SP: LiberArs, 2012.

FEUERBACH, L. *Preleções Sobre a Essência da Religião*. Trad. José da Silva Brandão Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FEUERBACH, L. *Princípios da Filosofia do Futuro*. Trad. Arthur Morão. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2002.

OBRAS DE MARX

MARX, K. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. Trad. Rubens Enderle e Leonardo de Deus. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Trad. Jesus Ranieri 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, K. *Sobre a Questão Judaica*. Trad. Nélio Schneider. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013

MARX, K. ENGELS, F. *A Ideologia Alemã*. Trad. Rubens Enderle, Nélio Schneider e Luciano Cavini Martorano São Paulo: Boitempo, 2007.

MARX, K. ENGELS, F. *A Sagrada Família*. Trad. Marcelo Backes. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. ENGELS, F. *Textos vol. 1. Ludwig Feuerbach e o fim da Filosofia Clássica Alemã*. São Paulo: Edições Sociais, 1975.

TEXTOS E COMENTÁRIOS

CHAGAS, E. F. *Homem e natureza em Ludwig Feuerbach*. Fortaleza, CE: Edições UFC, 2009.

CHAGAS, E. F. *Natureza e liberdade em Feuerbach e Marx*. Campinas, SP: Editora Phi, 2016.

INTERNATIONALE FEUERBACHFORSCHUNG. *Der Polische Feuerbach*. Münster – New York: Waxmann, 2013.

FREDERICO, C. *O jovem Marx: 1843-1844 as origens da ontologia do ser social*. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

FROMM, E. *O conceito marxista de homem*. Trad. Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

HAHN, P. *Consciência e Emancipação: Uma reflexão a partir de Ludwig Feuerbach*. São Leopoldo, RS: Nova Harmonia, 2003.

HARVEY, V.A. *Feuerbach and the Interpretation of Religion: Cambridge Studies in Religion and Critical Thought*; 1. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

MARTINS, V. Ludwig Feuerbach: Do Homem para Deus ao Homem-Deus. A Fé e o Milagre. *Artigos LUSOSOFIA*. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em 01 de junho de 2016.

NOGUEIRA, A. *Poder e humanismo - Humanismo em B. Spinoza, em Feuerbach, em Karl Marx*. Porto Alegre: Safe, 1989.

SAMPAIO, B. A.; FREDERICO, C. *Dialética e materialismo: Marx entre Hegel e Feuerbach*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

SCHUTZ, R. *Religião e Capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

TOMASONI, F. *Luwig Feuerbach e a fratura no pensamento contemporâneo*. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

TOMASONI, F. *Luwig Feuerbach*. Entstehung, Entwicklung und Bedeutung eines Werkes. Münster – New York: Waxmann 2015.

TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach e la dialettica dell essere*. Firenze: La Nuova Italia, 1982.

TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach e la natura non umana*. Firenze: La Nuova Italia, 1986.

TOMASONI, F. *Ludwig Feuerbach. Biografia intellettuale*. Brescia: Morcelliana, 2011.

WARTOFSKY, M. W. *Feuerbach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

ZILLES, U. *Filosofia da Religião*. 6ª ed., São Paulo: Paulus, 2015.

DISSERTAÇÕES E TESES

LOPES, R. W. *Antropologia e moral em Ludwig Feuerbach*. Determinação eudaimônica e autodeterminação humana. 2011. 250 páginas. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

CHAGAS, E. F. *Die Naturauffassung bei Ludwig Feuerbach – Die Autonomie der Natur als Leitfaden seiner kritischen Philosophie*. München: GRIN Verlag, 2013. Disponível em Dialectus: <https://efchagasufc.wordpress.com/producaobibliografica>, acesso em 01 de junho de 2016.

ARTIGOS EM PERIÓDICOS

ALBINATI, A. S. Feuerbach: Fundamentos para uma Ética da Sensibilidade. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 6, jan. – ago. 2015, p. 75-84.

ALEIXO, A. Ludwig Feuerbach. Um Manifesto Antropológico. *Artigos LUSOSOFIA*. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/aleixo_alice_feuerbach.pdf. Acesso em 01 de junho de 2016.

CHAGAS, E. F. A natureza como negação da imortalidade da alma no jovem Feuerbach. *Revista Princípios Natal*. v.16, n. 26, jul./dez. 2009, p. 35-51.

CHAGAS, E. F. A vontade é Livre? Natureza e Ética em Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 6, jan. – ago. 2015, p. 1-34 .

CHAGAS, E. F. A Religião em Feuerbach: Deus não é Deus, mas o Homem e ou Natureza Divinizados. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 4, jan. – jun. 2015, p. 78 – 91.

CHAGAS, Eduardo F. Projeto de uma nova filosofia como afirmação do homem em Ludwig Feuerbach. *Teoria & Praxis*. Revista de Ciências Humanas e Política, nº 4, Goiânia (GO), p. 31-6, 1992.

CANDIOTI, M. El carácter enigmático de las *Tesis sobre Feuerbach* y su secreto The Enigma of the *Theses on Feuerbach* and the Secret thereof. *ISEGORÍA. Revista de Filosofía Moral y Política*, n. 50, p. 45-70, enero-junio, 2014.

ESPÍNDOLA, A. Sentido da Crítica á Religião no Pensamento de Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 6, jan. – ago. 2015, p. 85-106.

GOOCH, Todd. "Ludwig Andreas Feuerbach". *The Stanford Encyclopedia of Philosophy* (Winter 2016 Edition). Edward N. Zalta (ed.). Disponível em : <http://plato.stanford.edu/archives/win2016/entries/ludwig-feuerbach/>. Acesso em 23 de novembro de 2016.

LIMA, F. J.G. Feuerbach e o Processo de Secularização Ocidental. *Outramargem: revista de filosofia*, Belo Horizonte, n. 2, 1º semestre de 2015.

MARTÍNEZ, J. G. Eudemonismo y Libertad en la Filosofía Moral de Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 6, jan. – ago. 2015, p. 60-74.

MELO, R. G. Crítica de Feuerbach às religiões em defesa do homem integral e da natureza não-instrumentalizada. *Revista Intuitio*. Porto Alegre, v. 4, n. 2, Nov. 2011, p. 224-236.

MONTEIRO, F. P. O Materialismo no Debate Feuerbach, Stirner e Marx: Relevâncias para a História Social Contemporânea. *Revista de Teoria da História*. Ano 2, n. 5, jun. 2011.

OLIVEIRA, R. A. Homem e religião no Movimento Neohegeliano de Esquerda: uma Leitura de Bruno Bauer, Max Stirner e Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 4, jan. – jun. 2014, p. 106 – 126.

PAULA, M.G. De Ratione, una, universalli, infinita: uma obra de Feuerbach. *Revista de Filosofia Moderna e Contemporânea*. Brasília, nº 1, ano 1, 2013.

REDYSON, D. Ludwig Feuerbach e o jovem Marx: a religião e o materialismo antropológico dialético. *Revista Argumentos*, Ano 3, n. 5, 2011.

REITEMEYER, U. Philosophie der Zukunft Oder Eine Zukunft Ohne Philosophie? Ludwig Feuerbachs Praktische Philosophie im Spiegel des Revolutionären Vormärz. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 6, jan. – ago. 2015, p. 35-46.

SERRA, J. M. P. Alienação. *Artigos LUSOSOFIA*. Disponível em: www.lusosofia.net. Acesso em 01 de junho de 2016.

SERRÃO, A. V. Ser e Agir para uma articulação Antropológica e Ética em Ludwig Feuerbach. *Revista Dialectus*. Ano 2, n. 6, jan. – ago. 2015, p. 47-59.

UGLIK, Jacek. Ludwig Feuerbach's conception of the religious alienation of man and Mikhail Bakunin's philosophy of negation. *Stud East Eus Thought*, v. 62, p. 19-28, 2010.